

CICLO DE ESTUDOS MESTRADO INTEGRADO
ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO ARQUITETURA

Habitar Sozinho Acompanhado

A transformação da casa da Quinta dos Carvalhiços
num espaço inclusivo

Joana Sousa Ferreira

M
2022



Joana Sousa Ferreira

Habitar Sozinho Acompanhado



M.FAUP 2022

Habitar Sozinho Acompanhado
A transformação da casa da Quinta dos
Carvalhiços num espaço inclusivo

Joana Sousa Ferreira

FACULDADE DE ARQUITETURA



Habitar Sozinho Acompanhado

A transformação da casa da Quinta dos Carvalhiços num espaço inclusivo

Joana Sousa Ferreira

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

orientação da Doutora Luciana Silva Rocha

coorientação Prof. Doutor Eliseu Manuel Vieira Gonçalves

2022

Nota à edição:

A presente dissertação obedece ao novo acordo ortográfico.

As citações referentes a edições de língua não portuguesa foram, por facilidade e clareza de leitura e encadeamento, transcritas em português, sujeitas a uma tradução livre. Apenas excepcionalmente, em passagens indiretamente relacionadas com o texto, ou cuja tradução, crê-se, perderia o seu sentido, se optou por manter a versão original. O recurso a itálicos utiliza-se tanto para estrangeirismos como para salientar alguns termos-chave da argumentação. Por vezes, são também utilizados para transcrever termos ou expressões usadas por outros autores, devidamente referenciadas.

agradecimentos

O meu agradecimento à Professora Luciana Rocha por me ter ajudado a encontrar o norte na poética do olhar; ao Professor Eliseu Gonçalves por me ensinar que é na dúvida, no desconforto, que se evolui. Agradeço por me terem recebido e pela notável partilha de dúvidas.

Aos meus pais, em especial à minha mãe por ser sempre o meu porto de abrigo, por me ter ensinado o valor das palavras e a harmonia na razão e na emoção ao mesmo tempo; à minha irmã, Beatriz, por ser a minha aliada na vida. Apesar de ausentes, agradeço à bisavó Odete, ao avô Henrique, ao Bisavô Carlitos e ao Tio João cujo aconchego e a força que sempre deram continuam presentes.

À Mafas e à Ticha pelo apoio incansável, pelos momentos de riso e choro partilhados, pela amizade. À Ana e à Catarina pela compreensão que sempre tiveram, pelas noitadas, longas conversas e pelo tempo em que vivemos juntas. À Rebeca e à Cate pelo companheirismo ao longo destes anos. Ao David e ao Da pela paciência e carinho nesta última fase. Aos amigos de sempre, pela partilha da mesma paixão e por ter tido o prazer de os conhecer.

Aos que de alguma maneira se cruzaram no meu percurso e partilhámos um pedacinho de nós.

Obrigada.

RESUMO

Habitar sozinho acompanhado debruça-se sobre a adaptação de uma casa a um programa inclusivo, através de uma proposta de reabilitação da casa da Quinta dos Carvalhiços, uma propriedade extensa em tamanho e história, que se encontra atualmente esquecida e inabitável.

A Quinta dos Carvalhiços situa-se em São Miguel de Outeiro, no distrito de Tondela onde, a nível demográfico, é evidente a redução acentuada da população jovem, que advém de uma quebra da taxa de natalidade e da retração da classe destinada aos potencialmente ativos. Esta tendência é acompanhada pelo aumento do escalão da população idosa.

A dissertação desfruta do projeto enquanto ponte para, não só dar resposta às lacunas existentes na construção de outrora – adequação às exigências atuais de conforto doméstico - como também transformar a casa num espaço inclusivo, ajustando os espaços a qualquer fase da vida e, em específico, ao envelhecimento particularmente acentuado desta região.

O projeto que está na base desta dissertação tem como objetivo a realização de uma proposta de intervenção na Quinta dos Carvalhiços. A tónica é colocada na questão de um habitar inclusivo a partir da reabilitação da *Casa*, através da qual se readapta o espaço às necessidades dos habitantes de Tondela. Contudo, não se pretende que o projeto tenha um carácter fixo, mas antes moldável pelos tempos e pelas vontades. As necessidades mudam e, por consequência, os programas devem também mudar. A apropriação do espaço faz parte da vida, mas é a identidade do lugar que importa permanecer. A dimensão da intervenção não impede que o edifício (re)viva. O espaço influencia o sentir.

A metodologia do trabalho segue um método teórico-prático onde, a partir de diversas fontes de conhecimento e, com o recurso a obras de referência que surgem pontualmente no processo de trabalho, pretende-se promover uma reestruturação dos espaços da casa da Quinta dos Carvalhiços.

É a partir das dificuldades desta faixa etária - a dificuldade na mudança de morada, as acessibilidades, uma reabilitação adequada à terceira idade e as suas implicações no programa que dá resposta ao processo do envelhecimento- que se encaminha o desenvolvimento do trabalho. O modo como a Casa¹ foi adaptada aos mais diversos programas ao longo do tempo é fundamental para uma leitura da essência e da história do lugar. Este estudo inicial é crucial para que a proposta final seja capaz de reconhecer a especificidade da obra e adaptá-la às novas necessidades e exigências, tanto a nível regulamentar como projetual.

Palavras-Chave:

Habitação; Espaço inclusivo; Espaço comum; Espaço íntimo; Reabilitação

¹ “Casa” enquanto referência ao objeto de estudo- a casa da Quinta dos Carvalhiços

ABSTRACT

Living alone together focuses on the adaptation and rehabilitation of Quinta dos Carvalhiços house, an extensive property both in size and history that is currently forgotten and uninhabitable into an inclusive program.

Quinta dos Carvalhiços is located in São Miguel de Outeiro, Tondela district. Due to the drop in births and the exodus of the active class, the population reduction over the last few decades is clear. This trend is followed by an increase of the elderly population.

The dissertation uses the project as a bridge to, not only answer some of the existing gaps in the constructions of the past, particularly its adequacy to the current demands of domestic comfort, but also to transform the house in an inclusive space, adjusting the spaces to any life phase, focusing, in particular, on elderly people.

It is not intended that the project has a fixed character, but rather to be moldable by times and wills. The appropriation and adjustment of space is fundamental to life but, to do so, it is also important to recognize the identity of the place that must remain. Programs must adapt to new needs, while preserving the best qualities of the original architecture.

The development of the work focuses on the issues of this age group - the difficulty in changing address, accessibility, adequate rehabilitation for the elderly

and its implications in the program that responds to the aging process. The way in which the House has been adapted to the most diverse programs over time is essential to an understanding of the essence and history of the place. This initial study is crucial for the final proposal to be able to recognize the specificity of the work and adapt it to new needs and demands, both at the regulatory and design levels.

Key words: Housing; Inclusive space; Common space; Intimate space; Rehabilitation

0



Fig.0_ Pormenor da entrada Principal da Casa da Quinta dos Carvalhiços

RESUMO	I
INTRODUÇÃO	II
1. ENQUADRAMENTO	1
1.1 A (C)IDADE	1
1.1.1 A CIDADE: O ESTUDO TERRITORIAL	1
1.1.2 A IDADE REAL E DO OLHAR: ESTUDO DEMOGRÁFICO	4
1.2 A CASA DE OUTRORA.....	5
1.2.1 DESENLACE - TRANSFORMAÇÃO DO CONJUNTO VOLUMÉTRICO	5
1.2.2 DIÁLOGO - RELAÇÃO DO CONJUNTO COM A ENVOLVENTE.....	9
1.2.3 ESPECIFICIDADES - ANÁLISE DA CASA	17
2. O PROGRAMA.....	33
2.1 INDAGAÇÕES NO HABITAR.....	33
2.2 A ESSÊNCIA	37
2.3 ESTRATÉGIAS PROJECTUAIS.....	39
3. PROJETO PARA A CASA DA QUINTA DOS CARVALHIÇOS	47
3.1 HABITAR SOZINHO	61
3.1.1 O QUARTO	61
3.2 HABITAR ACOMPANHADO	66
3.2.1 O(S) PERCURSO(S).....	66
3.2.2 O ESPAÇO COMUM.....	68
3.3 HABITAR SOZINHO ACOMPANHADO.....	80
3.3.1 A CAPELA.....	80
3.3.2 A CASA.....	83
O TEMPO NO LUGAR, JUNTOS	94
BIBLIOGRAFIA	
ÍNDICE DE IMAGENS	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, a intenção recai numa reflexão sensível por compreender os fenómenos sociais, a fim de atingir um desenho cuidado. Sabe-se que o espaço está diretamente ligado aos sentidos e, como tal, é a partir do cruzamento de saberes que se pretende *olhar* a Casa da Quinta dos Carvalhiços. O envelhecimento crescente da população, juntamente com o aumento da qualidade de vida, potenciou o desenvolvimento do *envelhecimento ativo*, isto é, um envelhecimento com capacidades positivas no âmbito da autonomia, no bem-estar físico e mental. Este progresso tem sido responsável por atenuar os estereótipos associados à velhice. Ser idoso hoje é muito diferente de há uns anos atrás. O perfil mudou radicalmente e, como tal, surgiram interesses e necessidades distintas.

A arquitetura é responsável pela criação de ambientes potenciadores da integração desta geração que garanta, apesar da diversidade dos espaços e dos seus usos, uma fácil adaptação às necessidades e limitações que vão surgindo por força da natureza humana. Este campo disciplinar deve dar resposta, não só às limitações fisiológicas que advém com a idade, como também, as psicológicas através da necessidade de proporcionar espaços para “estar com outras pessoas, vê-las e ouvi-las, e receber estímulos delas que constituem experiências positivas, alternativas a estar sós”.² Quando chegada à fase da velhice, há uma tendência a separar o grupo da sociedade e, em certos casos, até mesmo da realidade, acabando por surgir sentimentos de depressão motivados pela segregação social. A procura por conectar as pessoas, não só na sociedade como também entre

² GEHL, Jan; La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios; Barcelona:Editorial Reverté, 2006, p.25

elas, de modo a proporcionar a (re)criação de laços, pretende ser o mote na procura da resposta à atual problemática, o desenho do espaço inclusivo para todas as fases.

Esta dissertação tem como objetivo a realização de um contraponto, no que diz respeito ao estereótipo do habitar na terceira idade e a exploração das potencialidades do espaço inclusivo, a partir de uma casa nobre. A metodologia do trabalho desenvolve-se a partir de realização de visitas à propriedade para registo fotográfico e levantamento. Para compreender o passado da Casa, o estudo passou pela recolha de informação em arquivo e da bibliografia existente, do mesmo modo que também se procedeu a um conjunto de entrevistas aos proprietários e antigos trabalhadores. O cruzamento com outras áreas é um método complementar e crucial no processo de qualquer projeto, uma vez que o espaço que nos rodeia está profundamente relacionado com outras vertentes que não exclusivamente a arquitetura. O lado humanista presente ao longo do processo pressupõe uma preponderante conexão às necessidades primárias de quem vai habitar a casa, sendo esta resultante de um exercício de observação e de reconhecimento das práticas e das opções escolhidas para este grupo etário.

A relação entre a componente teórica e prática desenvolve-se ao longo de todo o processo de trabalho, contudo pode ser dividido nas seguintes componentes: Enquadramento, Indagações do habitar e Projeto. O objetivo desta divisão advém da necessidade em compreender o todo para nele poder intervir. Há, no entanto, consciência da extrema complexidade inerente ao projeto. Não só devido ao programa associado como também à transformação que a Casa sofreu ao longo dos tempos e, ainda que se tenha realizado uma procura

por compreender a história do lugar e o seu percurso, esta adquire uma vertente operativa no sentido de se compreender as componentes essenciais para o projeto.

Assim sendo, numa fase primordial, o ENQUADRAMENTO pretende dar notícia do Lugar e segundo duas abordagens: a *cidade* engloba o estudo territorial da realidade existente no contexto urbano de Tondela e um reconhecimento do lugar; a *idade* aborda a realidade demográfica existente no concelho, onde as intenções previstas no PDM para a criação de dispositivos que respondam às necessidades da população são a razão pelo qual se optou por este programa. Também se questiona de que modo a *idade*, física e psicológica, influencia o modo de vida do Homem e as suas repercussões na sociedade. De seguida, há uma contextualização *d'a Casa de Outrora* através da história da casa da Quinta dos Carvalhiços. O foco prende-se com dar a conhecer o *desenlace* do património até aos dias de hoje. Aborda-se o *diálogo* com a envolvente próxima e respetivos percursos, a fim de ser possível reconhecer as características primordiais, a sua relação e aproximação às casas senhoriais e, ainda, as *especificidades* da Casa que, pela complexidade inerente a esta, crê-se necessário existir enquanto momento revelador dos pontos a focar ao longo do trabalho.

Num segundo momento, a atenção recai sob as INDAGAÇÕES DO HABITAR, mais precisamente nas questões associadas ao programa e ao problema sociológico inerente a esta faixa etária, dos quais se destacam a *mudança de morada a tempo*, a custosa decisão em sair do local onde sempre se viveu; a *falácia da memória*, a imagem de momentos passados que prevalece e dificulta a procura por

algo mais adequado às novas necessidades; a necessidade em identificar na (nova) morada o *porto de abrigo*, a importância do *canto* no espaço a habitar, a *essência* do programa associado a esta fase da vida e alguns casos de estudo onde as temáticas abordadas são *referência* no projeto.

Por último, o PROJETO PARA A CASA DA QUINTA DOS CARVALHIÇOS anuncia a proposta do projeto para a reabilitação da Casa a partir da necessidade em compreender de que modo é que o *viver comum* se revê no espaço que proporcione estar SOZINHO, sendo que o foco é o espaço individual, o *quarto*; ACOMPANHADO a partir do espaço entre monopolizado pelo(s) *percurso(s)* até ao *espaço comum*; e, por último, o espaço que permite estar SOZINHO ACOMPANHADO onde, a partir d'a *capela*, exemplo desta aparente contradição, se vê no desenho d'a *casa* a procura por um traçado que permita o *viver comum*, uma vez que, não se pretende que seja algo previamente deliberado, mas sim uma escolha por quem lá vive. Ao contrário da norma na descrição e no desenrolar do processo de projeto, considerou-se que, perante a temática associada à proposta, desenho inclusivo por um viver comum, o ponto de partida deveria ser o quarto, local mais privado e que, por ser tema de projeto, habitar coletivamente deveria encerrar esta dissertação. Assim sendo, há uma gradação na apresentação dos espaços desde o mais íntimo, de escala menor, até ao mais social, a escala da propriedade e a sua relação com a cidade e com os habitantes. Deste modo, os desenhos projetuais são abordados à medida que se revelam as problemáticas inerentes ao desenho do *espaço comum*.

Em *O TEMPO no lugar, juntos* reconhece-se as qualidades que este projeto deve ter, a fim de ser fomentador de um envolvimento da comunidade pois, mais do que um “lar de idosos”, uma “residência assistida”, uma casa partilhada, pretende-se criar *espaço* que possa dar resposta às necessidades de quem o habita, não só a nível físico, como também psicológico.

*Estamos destinados a partilhar, porque não o fazemos com a habitação?*³

1



Fig. 1_Fotografia da Casa da Quinta dos Carvalhiços

³ Txatxo Sabater in entrevista ao ARA BALEARES de 05/04/2019, na rubrica Societat, "Txatxo Sabater, arquitecte: "Estam entregats a compartir, per què no ho feim amb l'habitatge?"", por Kike Oñate

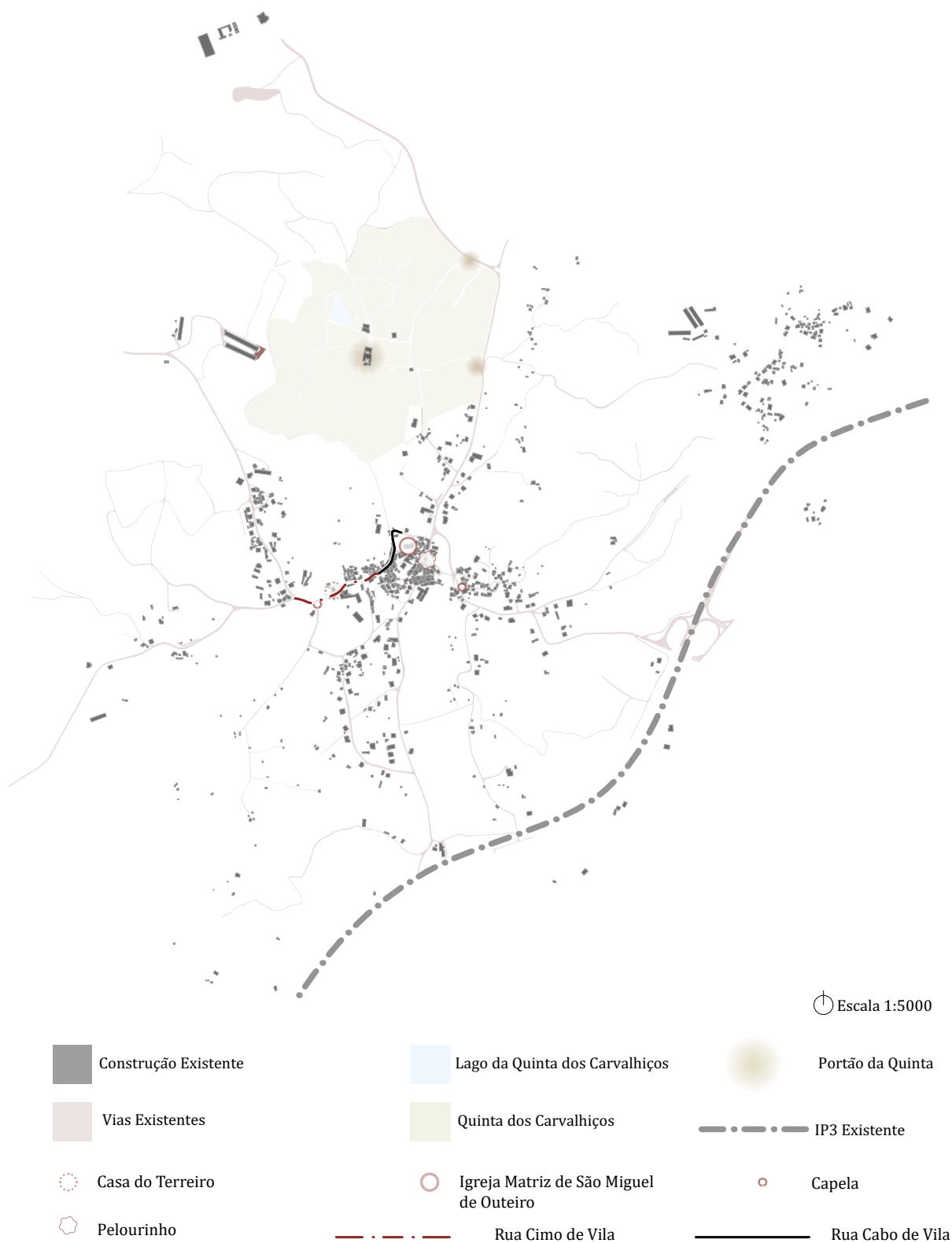


Fig. 2_Enquadramento da Quinta em São Miguel de Outeiro e identificações de pontos relevantes

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Pré-existente

Planta de Enquadramento

Escala 1:3000

- Vinha
- Lago
- Pomar

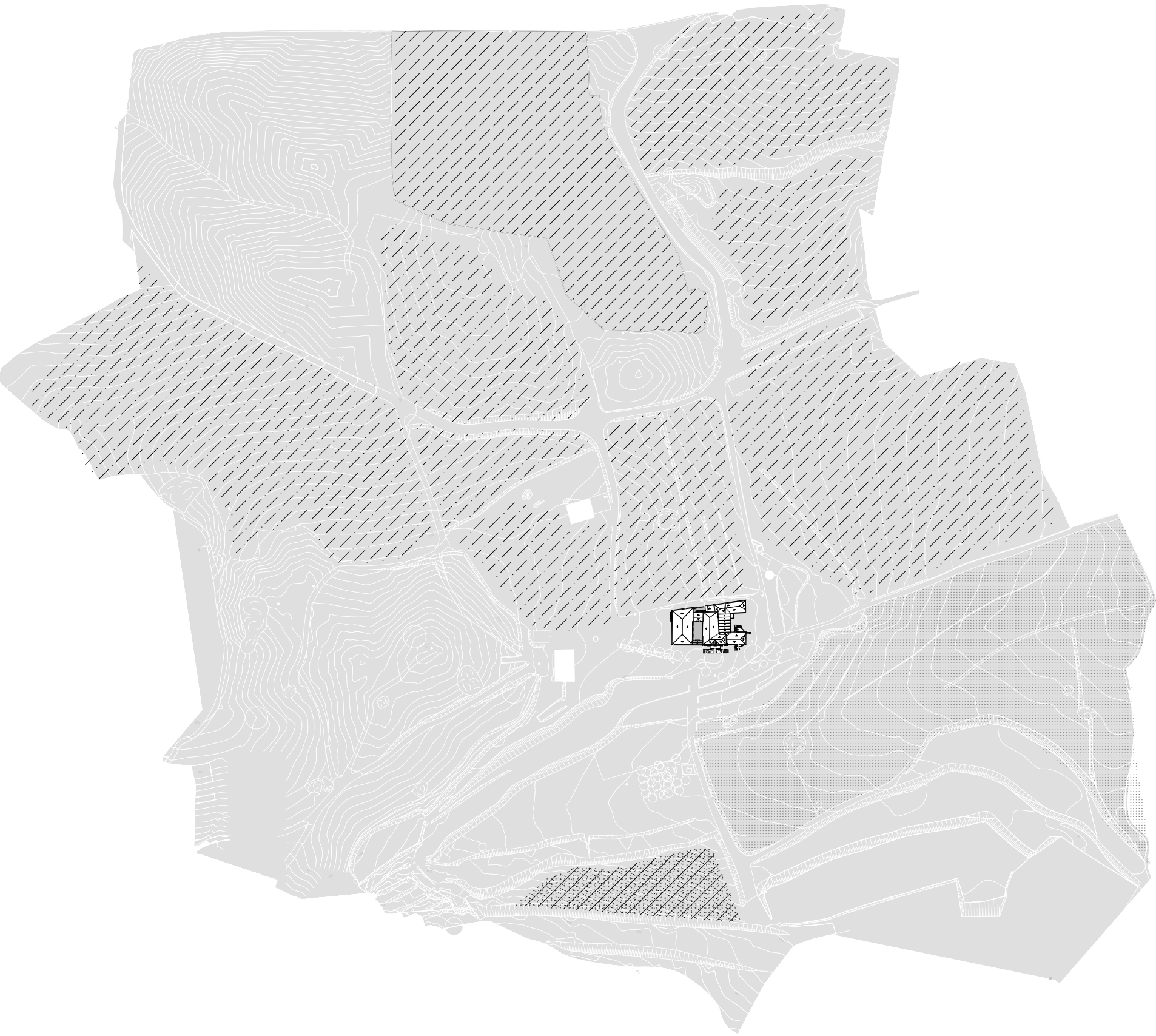


Fig. 3_Enquadramento da Casa da Quinta dos Carvalhiços

1 ENQUADRAMENTO

1.1 A (C)IDADE

1.1.1 A CIDADE: O ESTUDO TERRITORIAL

Situada no centro de Portugal, mais propriamente na Província da Beira-Alta, a cidade de Tondela surge enquanto sede do município da cidade de Viseu sendo, atualmente, considerada uma das maiores cidades deste concelho. O atual município compreende as antigas *terras de besteiros*⁴ e, devido ao seu posicionamento, encontra-se “rodeado por alinhamentos montanhosos: à cordilheira da Estrela que o limita a sueste, contrapõe-se, a poente e ao norte, um conjunto notável de serranias, constituído pelas serras do Caramulo e de S. Macário, e depois pelo extremo oriental da serra do Montemuro”.⁵ Pertencente à região do Dão, ainda que seja principalmente banhado pelo Mondego, contém os seus afluentes o rio Dão, rio Asnes, rio Pavia e Dinha⁶. Subdividida em dezanove freguesias, é na de São Miguel de Outeiro que se encontra a Quinta dos Carvalhiços.

Em 1268, durante o mandato de D. Dinis, o antigo couto de São Miguel de Outeiro recebe o foral, contudo, somente em 1762 é que se formou o concelho. Mais tarde, em 1855, São Miguel de Outeiro integra-se em Tondela, acabando por permanecer até aos dias de hoje.⁷ Por se situar na fronteira com a cidade de Viseu, junto a um nó da IP3, São Miguel de Outeiro encontra-se numa posição estratégica pela facilidade de acessos e a

proximidade ao centro. O mapa permite também verificar a presença de elementos caracterizadores do território e os percursos existentes. A antiga casa da cadeia, a igreja, a capela, a Rua Cabo e Cimo de Vila, o Pelourinho são algumas das zonas protegidas e classificadas enquanto património de interesse público em São Miguel de Outeiro.⁸ A localização da zona habitacional é maioritariamente compreendida em determinados pontos acabando, por norma, por adquirir uma envolvente resultante de terrenos baldios e de cultivo. Tendo este ponto em consideração, ainda que a Quinta dos Carvalhiços adquira uma parte significativa da freguesia, não se tem perceção da propriedade no seu todo. Do ponto de vista urbano, a dimensão do terreno da Quinta dos Carvalhiços permite criar uma certa dispersão de elementos, o que leva a uma dissipação da escala não sendo reconhecido, de todas as partes, a sua grandeza.



Fig. 4_Mapa com a identificação da Casa e relação com a Igreja de São Miguel de Outeiro

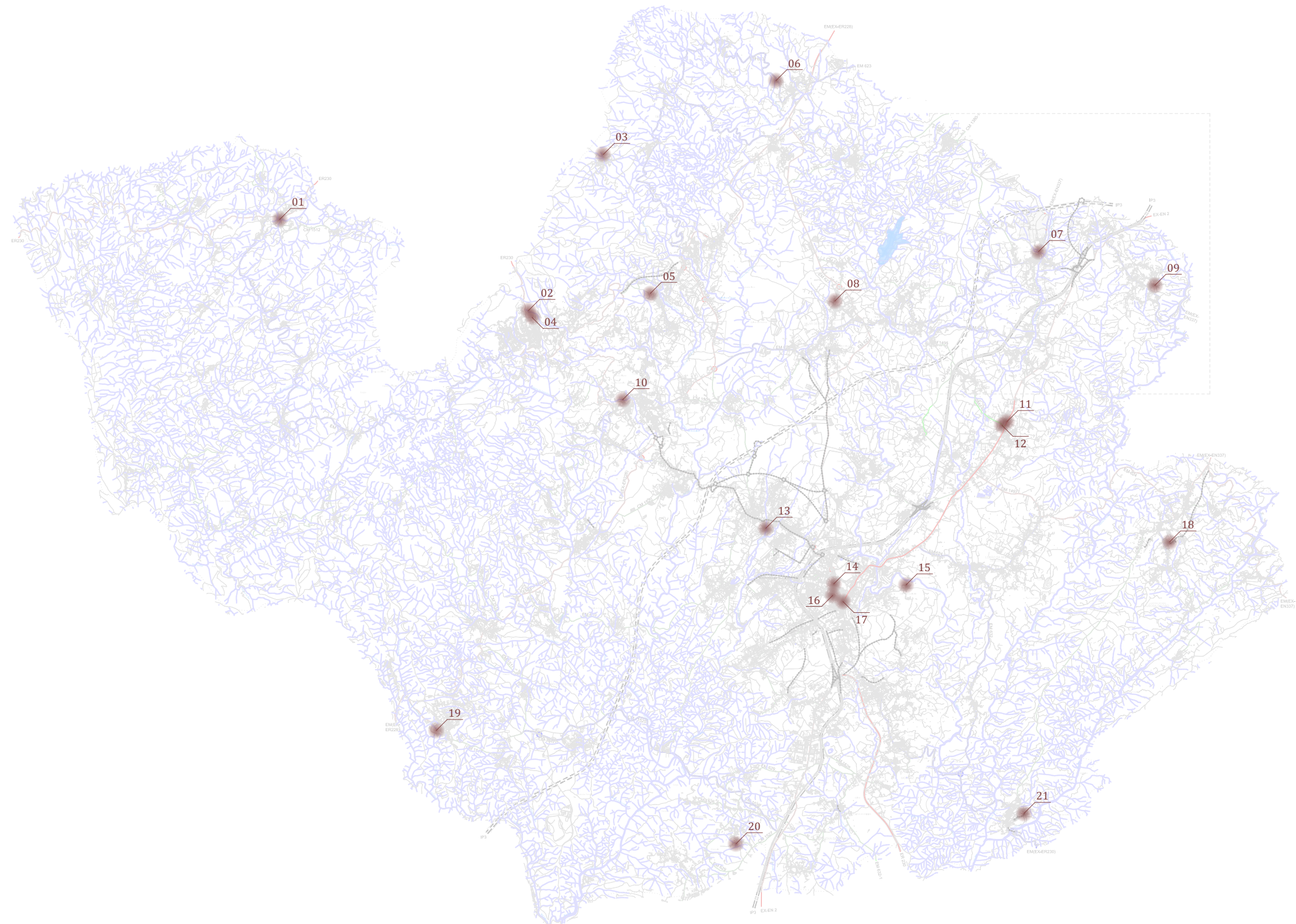
⁸ Disponível em:
<https://patrimoniogpc.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=7f7d5674280f41849c0a0869ced22d91>

⁴ CARAVALHO, Amadeu Ferraz de; A Terra de Besteiros e o atual Concelho de Tondela: esboço histórico e toponímico, Tondela, C.M., 1981, p.3

⁵ CARAVALHO, Amadeu Ferraz de; A Terra de Besteiros e o atual Concelho de Tondela: esboço histórico e toponímico, Tondela, C.M., 1981, p.7

⁶ CARAVALHO, Amadeu Ferraz de; A Terra de Besteiros e o atual Concelho de Tondela: esboço histórico e toponímico, Tondela, C.M., 1981, p.7

⁷ MALAFAIA, E. B. de Ataíde; Pelourinhos Portugueses, Tentâmen de Inventário Geral; Património Cultural, 1997; Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74042>, Acesso em: 02/03/2022



Escala 1:100000

- 01 Centro Paroquial de São João do Monte
- 02 Associação de Solidariedade Social Recreio do Caramulo
- 03 Associação de Solidariedade Social Cultural Recreativa e Desportiva do Caselho do Guardão
- 04 Lar de Idosos das Pedras Soltas
- 05 Centro Social Paroquial de Santiago de Besteiros
- 06 Associação de Solidariedade Social de Caparrosa
- 07 Associação de Solidariedade Social, Recreativa e Desportiva da Freguesia de São Miguel de Outeiro
- 08 Centro Social Paroquial Irmãos Braz
- 09 ASSODREC-Associação Social Desportiva Recreativa e Cultural de Parada de Gonta
- 10 Santa Casa da Misericórdia de Vale de Besteiros

- 11 Residência Santa Maria- Serviço de Apoio à Terceira Idade
- 12 Centro Paroquial de Canas de Santa Maria
- 13 Centro Social Paroquial de Molelos
- 14 Sede da Vários- Cooperativa de Soldariedade Social, C.R.L.
- 15 Fundação Marcos e Ana Gonçalves
- 16 Santa Casa da Misericórdia de Tondela
- 17 Vários- Cooperativa de Soldariedade Social, C.R.L.
- 18 SAD da Associação Social, Cultural, Recreativa e Desportiva de Vinhal
- 19 Centro Social de Tourigo
- 20 Associação de Solidariedade Social Cultural da Freguesia de Dardavaz
- 21 Associação Social e Cultural do Vale do Dão

Fig. 5_Identificação de equipamentos de apoio à terceira idade

1.1.2 A IDADE REAL E DO OLHAR: ESTUDO DEMOGRÁFICO

Em Tondela, do ponto de vista demográfico, a estrutura etária denota estar no princípio de um período crescente da fase de envelhecimento. O sucessivo crescimento desta faixa etária irá resultar na “intensificação da procura de equipamentos e serviços de apoio “terceira idade” (lares, centros de dia, ...)”.⁹ Neste sentido, o município tem interesse em delinear um plano que dê resposta às futuras necessidades da população que passa por aumentar o conjunto de serviços destinados às “pessoas idosas para que possam ser autónomas [...] e que permitam a manutenção destas pessoas no seu próprio meio familiar e social”.¹⁰

De acordo com a revisão do PDM realizado em 2018, *este crescimento tem* “condicionado a capacidade regenerativa da estrutura populacional do concelho. De facto, a manterem-se as atuais tendências demográficas é previsível um progressivo aumento da população dependente, à medida que os ativos atuais transitam para os segmentos etários terminais da estrutura concelhia”.¹¹

Neste sentido, enquanto reflexo das necessidades existentes, torna-se relevante fazer um balanço sobre os equipamentos existentes no concelho destinados ao apoio da terceira idade. No Mapa apresentado ao lado, Figura 5, estão identificadas diversas estruturas destinadas ao auxílio do idoso.¹² No qual se compreende a escassez de oportunidades e diversidade destes espaços. Este crescimento não só afeta a região do centro como é algo comum a todo o país. A partir do PDM compreendeu-se a evolução da esperança média de vida da população e, conseqüentemente, do aumento do número de pessoas que se encontra na fase de envelhecimento. No entanto, é de salientar que nem sempre a procura por uma alternativa é realizada nas mesmas condições. A idade não deveria ser o único fator responsável por estabelecer esta necessidade de mudar, na medida em que, “a um velho alquebrado esquecemos-lhe a velhice, se o seu olhar é ainda vivaz.”¹³

É neste último ponto em que se foca a atenção. Em vez de ser a idade a determinar o grau de velhice, é a dependência dos mesmos, a sua capacidade física e psicológica.¹⁴ Ao falar de inclusão pressupõe-se “ser para todos” independentemente da sua (in)capacidade.

Neste seguimento, prioriza-se uma proposta que dê resposta a um habitar que se enquadre em todas as fases da vida.

⁹ “[...] onde a população idosa em 2011 ultrapassava o limiar de 20% relativamente à totalidade da população” 2ª revisão do PDM de Tondela, Relatório sobre o estado do ordenamento do território, outubro 2018, p.31

¹⁰ 2ª revisão do PDM de Tondela, Relatório sobre o estado do ordenamento do território, outubro 2018, p.31

¹¹ 2ª revisão do PDM de Tondela, Relatório sobre o estado do ordenamento do território, outubro 2018, p.31

¹² Disponível em: <https://sigmt.cm-tondela.pt/mapa>

¹³ FERREIRA, Vergílio; *Invocação ao Meu Corpo*, Bertrand, 1978, p.285

¹⁴ APARÍCIO, Idiane; *O Reinventar da residência para Idosos da Arquitetura Médico- Hospitalar à Arquitectura Residencial: 1900 – Presente*, Universidade Católica Portuguesa, 2017, p.78

1.2 A CASA DE OUTRORA

1.2.1 DESENLACE - TRANSFORMAÇÃO DO CONJUNTO VOLUMÉTRICO

O concelho de Tondela foi um território que contou com a presença de famílias nobres e, até 1855 foi durante este período um lugar propício para a fixação destas famílias, data em que São Miguel de Outeiro foi sede de concelho.¹⁵

A casa da Quinta dos Carvalhiços teve início aproximadamente no século XVI e pertenceu à família dos Loureiros por pelo menos dois séculos,¹⁶ encontrando-se neste momento na posse da Fundação D. José Cruz Moreira Pinto.¹⁷ Em 1973, a última proprietária e representante da família, Georgina da Conceição da Costa Loureiro, por nunca ter casado e não ter descendentes, deixou em testamento diversas propriedades situadas em Viseu, Tondela, Santa Comba Dão, Tábua e Guarda à Fundação D. José da Cruz Moreira Pinto.¹⁸

A família Loureiro tinha em sua posse diversas propriedades que se situavam maioritariamente na freguesia de Silgueiros. Contudo, também no concelho de Penalva do Castelo, na freguesia de São João de Areias, na freguesia de Papzios, na freguesia de Lageosa, na povoação do Teixoso e, o caso de estudo em questão, na Quinta de Carvalhiços.¹⁹

A partir do livro “Concelho de Tondela” escrito pelos historiadores Luís Ferros, Manuel Ferros e Rui do Amaral Leitão, realizou-se uma linha



A casa anexa já não existe.

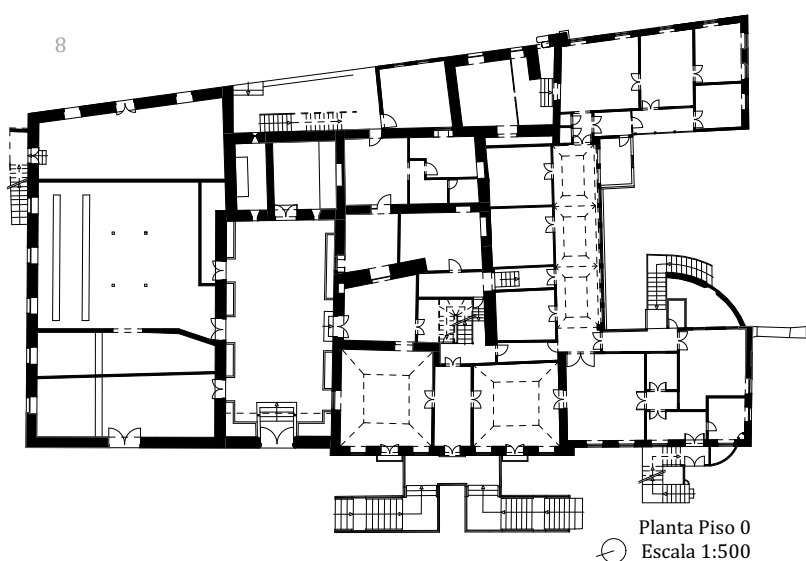


Fig. 6. Fotografia do pátio a sul
Fig. 7. Fotografia a partir do lago
Fig. 8. Planta Piso 0 (existente)

¹⁵ MALAFAIA, E. B. de Ataíde; Pelourinhos Portugueses, Tentâmen de Inventário Geral; Património Cultural, 1997; Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74042>, Acesso em: 02/03/2022

¹⁶ Lopes, André Filipe Gonçalves; Arquivo Distrital de Viseu: tratamento do fundo do Morgado de Loureiro, UBI, 2012, p.80

¹⁷ FERROS, Luís; FERROS, Manuel; LEITÃO, Rui do Amaral; Concelho de Tondela, edições Colibri, 2017, p.311

¹⁸ Lopes, André Filipe Gonçalves; Arquivo Distrital de Viseu: tratamento do fundo do Morgado de Loureiro, UBI, 2012, p.80

¹⁹ Lopes, André Filipe Gonçalves; Arquivo Distrital de Viseu: tratamento do fundo do Morgado de Loureiro, UBI, 2012, p.80

cronológica²⁰ que pretende relacionar a linhagem da família com a evolução da Casa até aos dias de hoje.²¹

A Casa é hoje um conjunto de vários edifícios que foram sendo anexados e profundamente transformados ao longo dos anos. Constituindo-se como uma síntese de ideais barrocos destaca-se o século XVII, enquanto a época de maior transformação, graças à reformulação e unificação dos elementos já existentes.

Já no século XX, a seguir à revolução de 25 de abril de 1974, houve um período “em que a casa e a quinta estiveram ocupadas pelo movimento das forças armadas e onde a maior transformação do espaço habitável se deu, tendo sido praticamente todos os anexos agrícolas transformados em casas de habitação e na Casa do Chale chegou mesmo a funcionar um infantário”.²²

Na casa da Quinta dos Carvalhiços verifica-se a presença de “vestígios medievais e quinhentistas”, no entanto, sobressai a fachada pelo desenho se assemelhar ao de um “chale romântico, muito ao gosto do final do séc. XIX”.²³ O gosto pelos chales têm por base o olhar para os exemplos franceses,²⁴ no entanto, esta vontade pela modernidade não se relaciona diretamente com o sentido de urbanidade mas sim em “uma vontade de marcar o território com um sinal de elegância”.²⁵ Apresenta ainda “alguns traços arquitetónicos do final do séc. XVI”²⁶,

sendo um dos elementos representativos a inscrição que data 1595 na padieira brasonada.

A cronologia apresentada em anexo pretende não só dar notícia da passagem de proprietários que ocorreram ao longo dos tempos, como também, da evolução da mesma, sendo esta última, uma suposição baseada em conversas com os atuais proprietários, leituras e a partir de um olhar atento através dos desenhos fornecidos e fotografias do existente. Este processo tornou-se inconcebível a uma maior precisão, uma vez que, de acordo com a Câmara Municipal de Tondela, não existe qualquer tipo de registo anterior a 1980. No entanto, por motivos históricos e formais é evidente que se trata de um conjunto de inegável interesse patrimonial e, por este mesmo motivo, há um cuidado em reconhecer e compreender a história do lugar.

Pela análise das fachadas atuais é possível verificar diversas alterações ao longo do tempo que, muitas vezes, acabaram por descaracterizar a imagem original do conjunto, resultando num somatório de intenções. Exemplo disso é, não só o acrescento que interceta a fachada a sul e que acaba por quebrar o ritmo dos vãos, como também as escadas de serviço que foram posteriormente acrescentadas na fachada principal.

A planta mais recente subentende que a obra é composta por diversas fases de construção, algumas delas inacabadas. A imagem geral do conjunto acaba por transmitir uma sensação de fragmentação e, como tal, de pouca unidade na relação entre as diversas partes. Neste sentido, supõe-se que tenha existido um núcleo inicial, de dimensões reduzidas, com fachada a sudoeste, encaminhando-se para a zona central de São Miguel de Outeiro, na qual estavam compreendidos o poder administrativo e o poder religioso.

²⁰ Ver em anexo.

²¹ Contudo, há indícios que comprovam algumas lacunas de conhecimento. Na tese de mestrado de nome “Arquivo Distrital de Viseu: tratamento do fundo do Morgado de Loureiro” realizada em 2012, há em comparação com o defendido por Luís Ferros e Manuel Ferros, algumas disparidades nos vínculos familiares.

²² FERROS, Luís; FERROS, Manuel; LEITÃO, Rui do Amaral; Concelho de Tondela, edições Colibri, 2017, p.311 e 312

²³ FERROS, Luís; FERROS, Manuel; LEITÃO, Rui do Amaral; Concelho de Tondela, edições Colibri, 2017, p.311

²⁴ TAVARES, Domingos; Casas de Brasileiro; Porto, Dafne, 2015, p.15

²⁵ TAVARES, Domingos; Casas de Brasileiro; Porto, Dafne, 2015, p.144

²⁶ FERROS, Manuel; Acerca do Património quinhentista (e outro) de São Miguel do Outeiro e Tondela, 2019; Disponível em: <https://solaresebrasoes.blogspot.com/>, Acesso em: 05/07/2021

Somente no século XVIII, com a criação de um terreiro formal usufruindo da mesma orientação, ao qual pertence o arco em pedra, ainda hoje existente, e o muro redondo em ruínas. Possivelmente na mesma época, devido à união de vínculos familiares aos Loureiro, foi construído o grande edifício a nordeste com total autonomia. Este era usado maioritariamente para funções de apoio agrícola, celeiro e adegas.

No século XIX há um grande projeto de reformulação e, perante esta passagem, é relevante fazer um enquadramento histórico uma vez que a figura do *brasileiro*²⁷ fez parte da sociedade, “sobretudo do ambiente portuense e da paisagem rural das beiras, douro-litoral e Minho”²⁸ e é possível reconhecer ligações a este estilo. Durante a segunda metade do século XIX, mais propriamente entre 1850-1930, desenrolou-se o fenómeno migratório e construtivo dos brasileiros²⁹, acabando por se tornar num dos fluxos mais relevantes da História Contemporânea Portuguesa. Na passagem de Oitocentos para o século seguinte, este tipo de arquitetura foi bastante requisitado pela burguesia devido às suas características, mais propriamente no que diz respeito ao seu posicionamento e ostentação na relação com a sociedade a partir da sua inserção no espaço público. Simultaneamente, continuava a decorrer pelo país “o sonho da “casa

portuguesa”, definida pelos mais arreigados nacionalistas, ancorados nos textos de Raul Lino e no grupo da revista *Arquitetura Portuguesa*”.³⁰ A *casa de brasileiro* está intimamente associada ao *torna-viagem*, no entanto, nem sempre isso acontece.³¹ No caso de estudo em questão, não há registos que indiquem qualquer tipo de laços familiares ou profissionais ao Brasil e, por este mesmo motivo, supõe-se que, a transformação da casa da Quinta dos Carvalhiços tenha sido uma escolha relacionada com a tendência da época. A exuberância na escolha dos materiais, na cor e a escala das habitações na relação com o espaço público era um meio que permitia às famílias mais abastadas mostrar o seu poder.

No século XIX, a adaptação para a *casa nobre* levou a uma mudança drástica na organização dos espaços resultando na alteração do pátio de entrada que passa a ser destinado aos serviços. Mais tarde foram acrescentados dois anexos que circunscrevem esse mesmo pátio destinando-se também a zonas de serviços. No entanto, atualmente, estes elementos não se encontram edificados, restando apenas vestígios da memória de outros tempos. Na página seguinte é possível ver-se uma suposição das diversas fases de evolução da Casa.

Posteriormente, por volta de 1994 com o objetivo de reconverter a quinta numa unidade hoteleira e a construção de um Jardim de Infância foi pedido ao Atelier 15 um projeto³² que acabou por não ser realizado.³³

²⁷ “A palavra “brasileiro” foi introduzida no vocabulário português para referir não apenas uma pessoa nascida no Brasil, ou vinculada por descendência a esse estatuto de nacionalidade, mas também o emigrante português que, em teoria, tinha feito vida e enriquecido por terras de Santa Cruz. Hoje, ainda persistem os dois significados, se bem que atualmente o que nos é próprio venha apenas vinculado à avaliação estética das mais antigas casas de emigrante, as conhecidas “casas de brasileiro”. [...] O fenómeno social associado à criação do mito popular estendeu-se às primeiras décadas do século XX, e aí estão as vilas e palacetes espalhados por cidades e aldeias, por vezes ruínas de forte presença, a lembrar histórias de um passado ainda recente.” in TAVARES, Domingos; Casas de Brasileiro; Porto, Dafne, 2015, p.9 e 10

²⁸ PEIXOTO, Paula Torres; Palacetes de brasileiros no Porto, 1850 - 1930: do estereótipo à realidade, Porto, Afrontamento, 2013, p.16

²⁹ Estes elementos são muitas vezes vistos tendo por base um estereótipo caricaturado por diversos autores da segunda metade do século XIX. In PEIXOTO, Paula Torres; Palacetes de brasileiros no Porto, 1850 - 1930: do estereótipo à realidade, Porto, Afrontamento, 2013, p.23

³⁰ TAVARES, Domingos; Casas de Brasileiro; Porto, Dafne, 2015, p.198

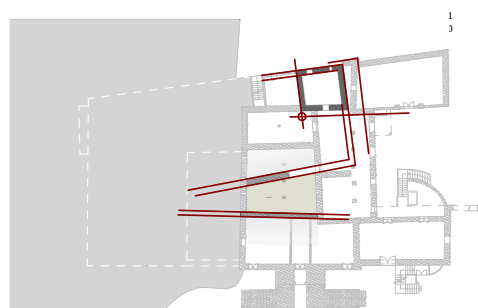
³¹ “Identificamos casas que se destacavam na paisagem pelo seu valor construtivo e apelativo. A certidão da propriedade destas casas levou-nos, desde logo, a constatar que muitas delas não eram de brasileiros, mas de indivíduos das classes possidentes que não tinham emigrado.” in PEIXOTO, Paula Torres; Palacetes de brasileiros no Porto, 1850 - 1930: do estereótipo à realidade, Porto, Afrontamento, 2013, p.9

³² Em anexo estão os elementos desenhados para a Quinta dos Carvalhiços produzidos pelo Atelier 15.

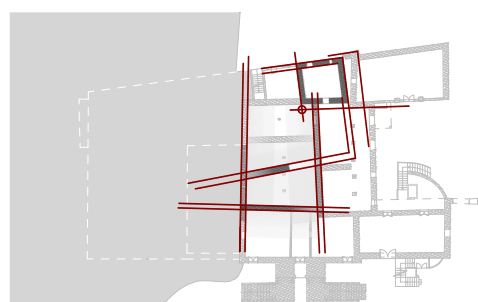
³³ COSTA, Alexandre Alves; Centralidade do real : onze arquitetos, onze textos, onze projetos improváveis, Coimbra, EDARQ, 2019, p.217



Planta Piso -1
Escala 1:1000



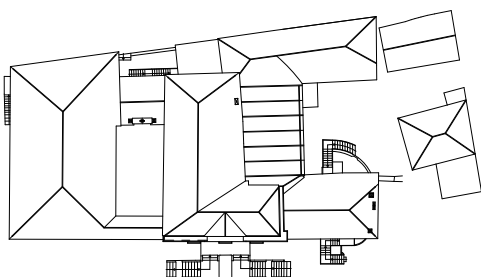
Planta Piso -1
Escala 1:1000



Planta Piso -1
Escala 1:1000



Planta Piso 0
Escala 1:1000



Planta de Cobertura
Escala 1:1000

O núcleo inicial continha uma pequena casa com fachada a oeste. Percebeu-se que o núcleo inicial possa ser o considerado na imagem em cima e que a sua escala parece ter sido ajustada à medida que foi utilizada para os novos acrescentos.

Medida essa que foi também aumentando no seu todo. Esta dedução baseia-se na dimensão do espaço e das paredes de pedra e, assim como, na orientação das paredes na relação com o resto do conjunto.

Houve uma ampliação no século XVIII com a criação de um terreiro formal com a mesma orientação, ao qual pertence o, ainda hoje existente, arco em pedra;

Possivelmente na mesma época, devido à união de vínculos familiares aos Loureiro, foi construído o grande edifício a nordeste com total autonomia. Era usado maioritariamente para funções de apoio agrícola, celeiro e adega;

Não sendo possível reconhecer por completo o modo como evolui a Casa, é notório, a partir das ombreiras da porta, que em tempos o espaço destacado a bege foi exterior e que a casa poderia ter sido circunscrita num pequeno U (os dois espaços a cinza juntamente com o pátio da capela).

Por necessidade de aumentar o tamanho das divisões, crê-se que tenha sido aumentado a parede que encerra o corpo principal e acrescentado uma outra que conecta ao núcleo primordial. A disparidade da direção da parede que se encontra na parte central, julga-se ter estado relacionada com o momento inicial uma vez que, ao prolongar as direções do mesmo reconhece-se que pode ter havido uma continuidade que fora perdida com o tempo.

No século XIX há um grande projeto de reformulação onde se faz a transição e incorporação das novas condições de conforto.

A fachada principal passa a noroeste à qual se adoça um pátio encerrado com capela que estabelece a ligação a todas as partes.

O pátio de entrada passa a ser de serviço.

Posteriormente são acrescentados 2 anexos que circunscrevem o pátio destinando-se a serviços (por exemplo: cozer pão, etc.). Hoje em dia, estes anexos não se encontram construídos e não há vestígios da sua existência. A partir do recurso ao time lapse do Google earth foi possível reconhecer que a estas duas construções foram demolidas entre 2015 e 2017.

Fig. 9. Esquema da evolução da casa

Nota: Não há contexto relativo às formas exatas, apenas se supõe alinhamentos.

1.2.2 DIÁLOGO - RELAÇÃO DO CONJUNTO COM A ENVOLVENTE

Na casa da Quinta dos Carvalhiços observam-se princípios fundamentais de ideais barrocos como “um forte sentido de movimento”, “uma preferência pelas formas maciças”, e ainda “o gosto pela monumentalidade” “e a preocupação com efeitos dramáticos e teatrais”.³⁴ Em simultâneo com a edificação do mesmo, a cidade foi crescendo e adaptando-se aos limites da propriedade, demonstrando o impacto e poder da família.

A relação do lote com a habitação e, consequentemente, com o espaço público, permite concluir que há um sistema de comunicação indireto. Uma vez que o lote se encontra completamente murado e a Casa não se vê a partir dos limites do mesmo, o espaço público e a habitação encontram-se desconectados. A relação do exterior, a rua, para o interior da propriedade estabelece uma fronteira clara na relação público e privado. Por não ter influência direta, a um primeiro olhar, esta demarcação leva a crer que há uma intenção de neutralização da relação da Casa com a cidade. No entanto, como a casa da Quinta dos Carvalhiços surge num ponto alto do território onde, a seguir à Igreja Matriz de São Miguel de Outeiro, é o edifício que se situa a cota mais elevada. Geralmente, os palácios procuravam situar-se em zonas da cidade onde o seu poder pudesse ser admirado e lhes permitisse dominar a envolvente. O posicionamento da casa da Quinta dos Carvalhiços cria semelhanças em relação a estes equipamentos e, neste sentido, a Casa deixa de ter a conotação de casa comum, lugar destinado à habitação da família, e passa a conter um sentido de palacete, um espaço representativo da família.

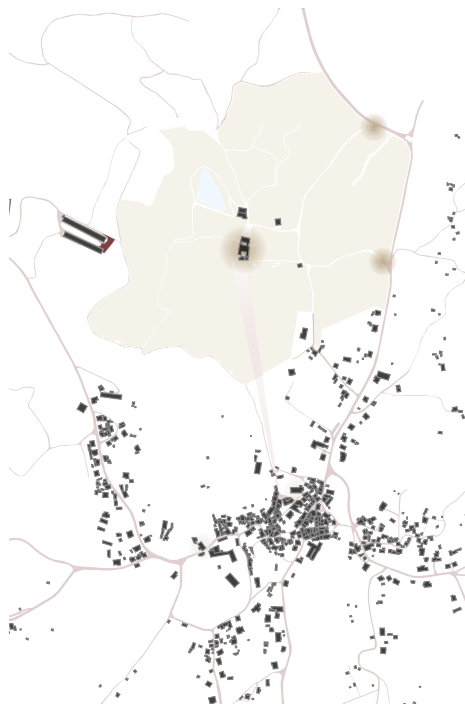
No largo da igreja, sendo este o ponto de encontro e um espaço de reunião na comunidade, permite-lhe uma visão alargada sobre a propriedade dos Carvalhiços, reconhece-se grande parte da sua extensão e, ainda que distante, a escala da casa e do seu terreno revela o poder associado ao nome da família.

Ao percorrer a zona mais antiga de São Miguel de Outeiro verificou-se que há um alinhamento da casa com a Rua Cabo de Vila, o que leva quem a percorre, a olhar para aquela que era a antiga fachada principal da casa. Assim, do mesmo modo que há um posicionamento da cidade para a Casa, também do pátio de entrada se observa toda a cidade, o próprio formato em U exponencia a amplitude do olhar.

Porém, não só é importante que se tenha a ilusão de uma visão global de dentro da Casa para o seu jardim, como também é essencial que a fachada principal tenha grande presença no meio urbano onde está inscrita. No presente caso de estudo, considera-se a fachada principal a que está a oeste, por ser através dela que se realiza a entrada monumental. Num primeiro olhar, parece que esta se encontra numa zona demasiado arborizada do terreno, mais recatada dos olhares do povo, o que leva a uma diluição da escala pretendida. Contudo, compreende-se que para o aumento e conexão com os elementos já existentes, capela e corpo anexo destinado à atividade agrícola, seria necessário optar por uma das frentes de maior dimensão, sendo o lado este ou oeste as únicas opções. A escolha em se afirmar perante a cidade e, neste sentido, a necessidade em maximizar a visibilidade da sua riqueza, leva à passagem da fachada principal para noroeste à qual se adozou um pátio encerrado com capela e se estabelece a ligação ao edifício a nordeste através de uma passagem superior. Esta

³⁴ AZEVEDO, Carlos de, Solares Portugueses: Introdução ao estudo da Casa Nobre, Horizonte, Lisboa, 1969, p.68

10



11



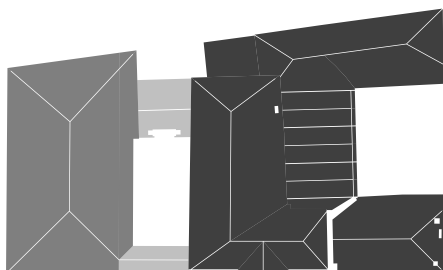
12



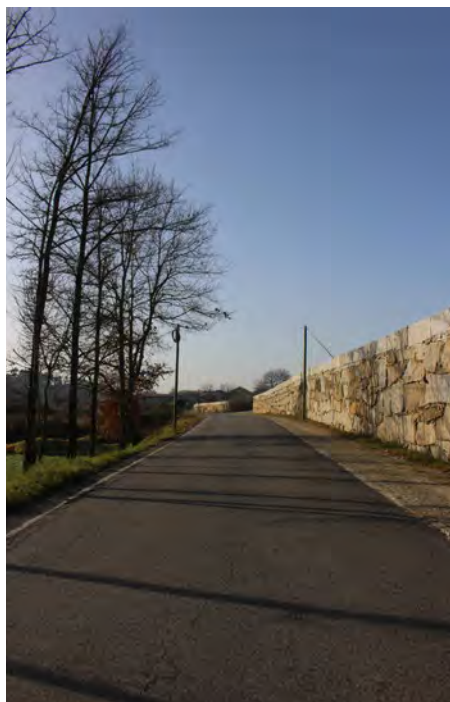
Fig.10_Indicação do ângulo visual a partir da Rua Cabo de Vila, Escala 1:5000

Fig.11_Vista a partir da Rua Cabo de Vila

Fig.12_Vista a partir do largo da igreja



13



14



15



16



17



Planta com distinção dos 3 peças
 Fig.13_ Vista da Rua Principal
 Fig.14_ Fotografia da fachada principal
 Fig.15_ Indicação da vista da fachada principal a partir da rua
 Fig.16_ Portão de Saída da Quinta
 Fig.17_ Portão de entrada na Quinta

opção estabelece uma visão de monumentalidade à Casa dado que a fachada principal com 29 metros ganha 19 metros, pelo que a casa adquire assim uma frente de 48 metros. Não só em comprimento como também na altura foi visível a mudança. O núcleo inicial contava com dois pisos, evidenciando-se com, aproximadamente, 10 metros enquanto, após a transformação, leva a um crescimento da mesma e, inevitavelmente, a adquirir mais um piso, passando assim a ter 15 metros e um estatuto de superioridade perante a envolvente. Segundo Carlos Azevedo, existem múltiplas tipologias das casas senhoriais, destacando-se *a casa comprida*, *a casa-torre*, e a casa que aperfeiçoa e integra a capela na fachada principal. “A casa comprida [...] nem sempre se caracteriza pela regularidade da sua planta, [...] distingue [-se] pela sua fachada desenvolvida em comprimento, equilibrada e simétrica, com a entrada principal servindo de eixo de composição [...]. Neste tipo de casa, a capela, quando existe, procura não perturbar a composição”³⁵ dissimulando-se na fachada.

De acordo com o descrito no livro dos Solares Portugueses, de 1969, apesar do autor mencionar também que “alguns outros tipos de plantas se adotaram ainda durante todo o séc. XVIII, sobretudo a planta quadrada (ou quase), e a planta em L”,³⁶ a Casa da Quinta dos Carvalhiços insere-se na definição de *casa comprida*.³⁷ Sendo este o tipo mais frequente nas casas senhoriais, algumas das regras de composição da casa, como a dissimulação da capela, a escada central e a simetria dos espaços que, apesar de não ser uma simetria exata, e de

existirem locais da casa onde esta é quebrada, aproxima-a desta definição.

Aquando da visita à obra, foi notória a falta de clareza do conjunto como um todo, o que levou a que, de um modo primário, se começasse por tentar compreender o que poderia ser reestruturado para captar a essência do edifício. Neste sentido, lê-se o conjunto enquanto 3 peças fundamentais: um edifício em U, que abre o olhar sob a cidade e abraça um pequeno largo em seu redor; um edifício retangular, o corpo anexo destinado aos serviços, que se encontra ligado ao primeiro através de uma passagem superior com vista para um pátio onde está presente a última peça, a capela da família.

No enquadramento geral da quinta, a posição da casa em nada se relaciona com os limites da propriedade, contudo, o alçado sul relaciona-se com a cidade, como previamente referido, ao contrário do que acontece com outras *casas de brasileiro*³⁸, em que “surgiu a urgência de cerrar a casa com a mata envolvente mais próxima, rica em espécies de folha permanente, conferindo à construção [...] alguma noção de distância e mistério”.³⁹

A relação com a rua é estabelecida através dos dois portões existentes, o de entrada e o de saída, a partir dos quais não se consegue visualizar a Casa. Nas Figuras 16 e 17 pode-se verificar o que se vê para quem passa. Propriedade murada com uma dimensão característica do poderio da família. Para a entrada percorre-se um caminho que vem do centro da vila, uma pequena estrada de apenas dois sentidos, com renques de árvores de um lado e um muro alto do outro. Ao permanecer o olhar na continuidade do muro, sucede-se uma quebra do mesmo e um afunilamento- a entrada contém um

³⁵ AZEVEDO, Carlos de; Solares Portugueses: Introdução ao estudo da Casa Nobre, Horizonte, Lisboa, 1969, p.83

³⁶ AZEVEDO, Carlos de, Solares Portugueses: Introdução ao estudo da Casa Nobre, Horizonte, Lisboa, 1969, p.87

³⁷ AZEVEDO, Carlos de, Solares Portugueses: Introdução ao estudo da Casa Nobre, Horizonte, Lisboa, 1969, p.88

³⁸ Importante referir que ao mencionar a *casa de brasileiro* pretende que se enquadra neste objeto de estudo como sendo uma das referências usadas na sua reformulação.

³⁹ TAVARES, Domingos; Casas de Brasileiro; Porto, Dafne, 2015, p.73

espaço mais recatado que antecede o entrar. Invisível para quem passa na rua, a casa situa-se num ponto alto da propriedade onde o terreno, por estar circunscrito por elevados muros e pelo acentuado declive, não permite olhar o interior.

O percurso, essencialmente caracterizado por uma subida, vencido por uma alameda de vinhas, semelhante aos percursos de jeito clássico de dignificação de lugar, convida à paragem quando chegado ao momento de passar duas grandes pedras no qual, devido à sua escala monumental, dão a sensação de pórtico da propriedade. A partir deste momento, a inclinação do terreno torna-se mais subtil. É neste instante que a ideia de chegada é reforçada por se atingir um novo patamar: uma zona longe dos olhares alheios e com caráter mais íntimo.

Para quem faz o percurso torna-se claro o surgimento de elementos cinestésicos. As árvores, as pedras, o caminho, antes de chegar à casa, definem o caráter desta. Por si só, a casa é estática no espaço e no tempo. No entanto, esta não é constituída exclusivamente pelas paredes exteriores e o que contém, mas sim pelo meio onde se encontra. A casa não é *imóvel* pois o caminho para a alcançar é parte integrante dela.

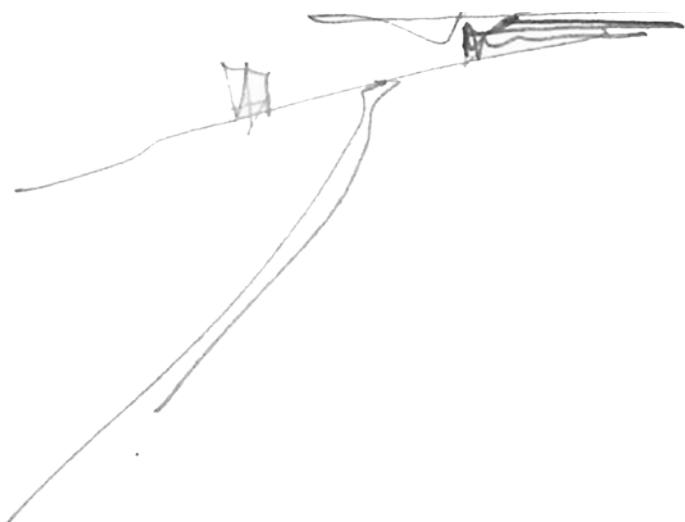


Fig.18_Esquiço pessoal. Relação do caminho e da casa.

A oeste localiza-se a entrada, caracterizada por uma imponente escadaria em pedra que leva ao interior da Casa, o percurso em terra batida faz com que haja uma facilidade de acesso, mas afastado o suficiente para não se sentir nem o movimento da cidade nem dos trabalhos agrícolas da quinta.

Ao continuar o caminho pelo exterior da casa, avançando para norte, o terreno é naturalmente mais plano, o Homem deixa de sentir que está no ponto mais alto que o resto da cidade. Aqui o olhar para o exterior também fica comprometido, uma vez que não há qualquer tipo de relação visual. Assim sendo, o terreno pede naturalmente que esta seja considerada uma zona estática, de estar.

Dentro da propriedade, a sul, o olhar dirige-se para a cidade. Há um terreno *vasto* que separa a habitação do centro da vila e é esta distância que permite ao homem que a respiração seja lenta e calma pois, segundo Gaston Bachelard, *vasto* é um vocábulo da respiração.⁴⁰ Ao ser usado na caracterização de um espaço invoca, para quem lê, uma condição sensitiva associada ao lugar. A descrição de um lugar realizada a partir do efeito sensorial leva a uma permeabilidade do homem em compreender e ver um espaço sem que antes o tenha visualizado. Deste modo, o homem é levado a *dar azo à imaginação* e é aí, através de uma certa ingenuidade, que surge a imagem do espaço.

A necessidade em dar a conhecer a dimensão espacial associada àquele que era o pátio de entrada da Casa advém de um reconhecimento do potencial valor que contém este lugar. O *pátio de recebimento* foi o primeiro a ser reconhecido enquanto fachada principal da casa e, como tal, representativo da família. A sua essência não poderia ser comprometida com a construção de anexos que

⁴⁰ BACHELARD, Gaston; *A Poética do Espaço*; 3ª edição, Martins Fontes, São Paulo, 1998, p.201

quebravam esta intenção. Por este mesmo motivo, anos mais tarde, os dois anexos foram destruídos voltando o pátio a adquirir a configuração inicial até aos dias de hoje.

Por uma questão de simbolismo é dada especial importância aos pátios existentes, o inicial virado para a cidade e o que define a entrada na capela. O primeiro adquire um carácter social, feito para haver interação com a casa e aberto à envolvente, podendo-se chegar a ele a partir de múltiplas zonas; o segundo constitui um carácter mais individual, contém um caminho através do qual se chega à entrada, espaço recatado e fechado. No seu interior, interessa entender a forma como se planeiam os seus diferentes acessos. A existência de uma tribuna ao nível do segundo andar, a comunicar diretamente com o andar nobre do palácio, era bastante comum nas capelas das casas senhoriais⁴¹. Assim, era permitido à família assistir à cerimónia a partir de um lugar privilegiado e mais privado. De facto, para quem desconhece a obra, não se apercebe da presença da capela. Esta não é assumida na fachada e, de modo a salientar o seu anonimato, é também omitida através da parede de entrada no pátio onde esta se insere.

19



20

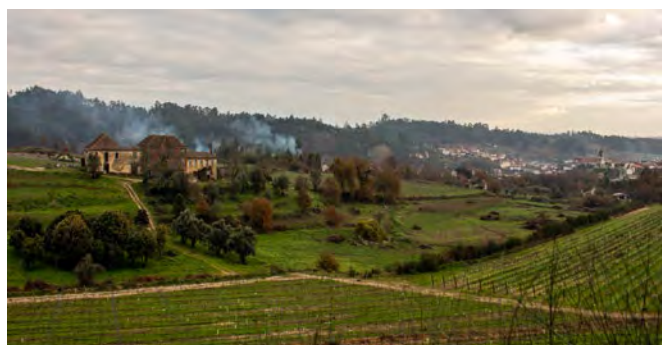


Fig.19_ Fotografia do pátio da capela
Fig.20_ Fotografia do pátio a sul

21



22

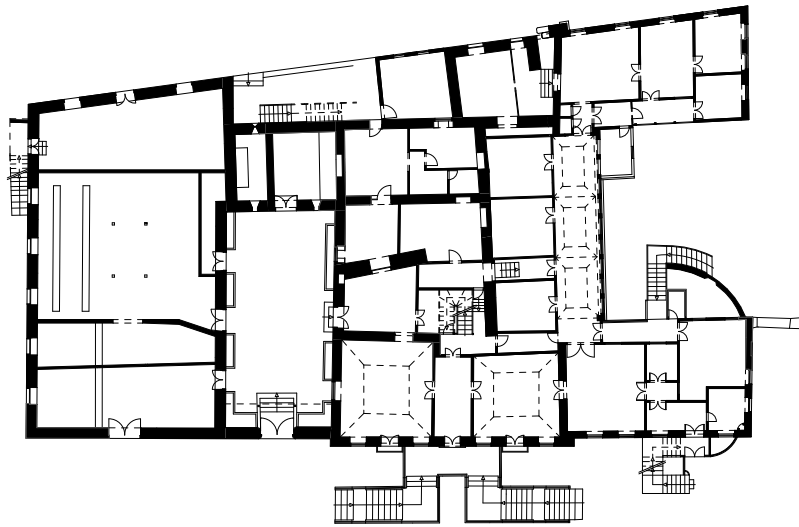


23



Fig.21_ Vista a partir da propriedade para a igreja
Fig.22_ Relação da Casa com a igreja
Fig.23_ Relação da Casa com o espaço exterior envolvente

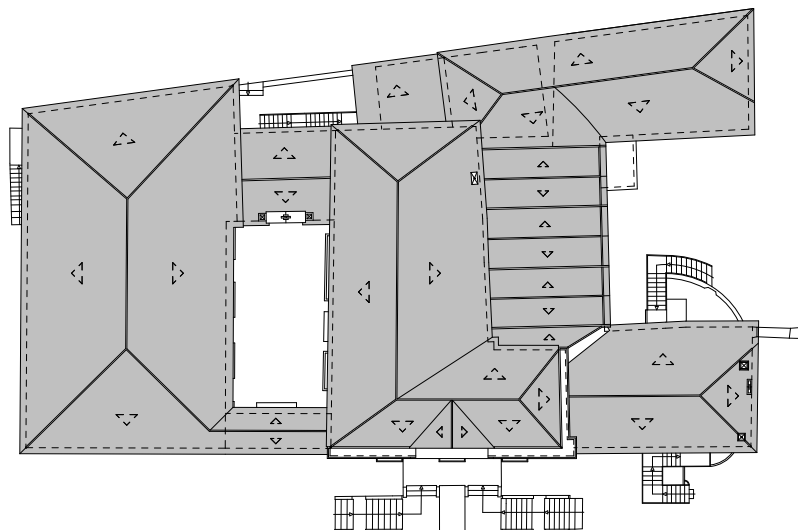
⁴¹ CARITA, Hélder, A casa senhorial em Portugal, Leya, Alfragide, 2015, p.29



Planta Piso 0
 ⦿ Escala 1:500



Planta Piso 1
 ⦿ Escala 1:500

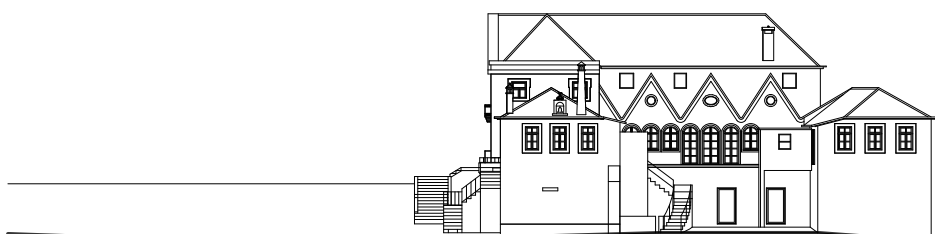


Planta de Cobertura
 ⦿ Escala 1:500

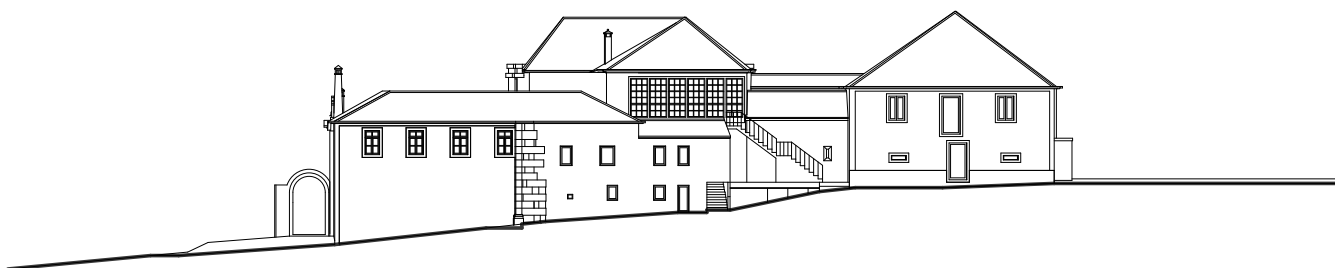
Fig.24_Plantas do existente



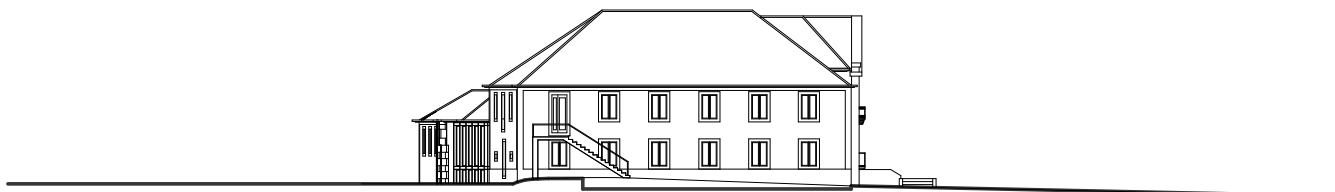
Alçado Oeste
Escala 1:500



Alçado Sul
Escala 1:500



Alçado Este
Escala 1:500



Alçado Norte
Escala 1:500

Fig.25_Alçados do existente

1.2.3 ESPECIFICIDADES - ANÁLISE DA CASA ALÇADOS

As quatro fachadas não contêm um equilíbrio entre si, pelo contrário, a sua diferença é o resultado das várias transformações ao longo do tempo. Através de um esquema de cores realizou-se uma categorização das zonas de modo a distinguir as divisões nobres e as de serviços. A seleção teve como suporte a distinção na materialização das fachadas, o tipo de moldura usado e o cuidado do desenho dos vãos e a sua respetiva organização no enquadramento geral. Deste modo, a oeste, a fachada principal é a que se encontra com um maior cuidado de desenho, sendo notório o ritmo presente no corpo principal. A sul, a antiga fachada principal, denota algum cuidado no traço, no entanto, por ter passado a ser de serviço, encontra-se com acrescentos que não permitem ver o potencial escondido. A norte, por ser um *corpo anexo* a linguagem em nada se assemelha aos outros dois alçados. O mesmo acontece a este, por ser completamente destinada a serviços, a fachada assume as junções que foram sendo realizadas e denota-se uma mistura de tempos e de intenções.

O desenho da fachada principal é o que mais revela um cuidado no desenho e pode ser lido em 4 partes: o corpo anexo, a passagem para o pátio da capela, o corpo principal e, por último, um dos braços que ladeia o *pátio de recebimento*. Apesar da dignificação adjacente ao tamanho da fachada, apenas na passagem para a capela e no corpo principal é que existem molduras com relevo nos vãos existentes. Estes adornos aplicados criam um contraste entre as superfícies das paredes e os envidraçados decorativos dos vãos. Nos restantes, estes elementos decorativos que concernem à obra uma maior riqueza, o entablamento e a moldura dos vãos são apenas desenhados. Esta intenção é

repetida em todos os outros alçados com a exceção do que se encontra virado a sul, como já referido era a antiga fachada principal, observa-se no piso superior (Piso 0) a presença de molduras nos vãos das janelas. Destaca-se o gosto pela simetria uma vez que, no comprimento do corpo principal do alçado existe um acrescento meramente decorativo que, ao percorrer o espaço em redor da casa, é visível a partir do lado sul. Este corpo integra fragmentos das partes do alçado principal como se de um degradê de hierarquia se tratasse. Um outro exemplo onde este tema acontece é no entablamento que une a parede lisa ao telhado. Constituído por um desenho em 3 planos tem continuidade em parte na fachada sul, no entanto perde força quando na mudança de volumetria. Neste alçado sobressai uma frente tripartida composta, em cada uma, por um telhado de duas águas. No topo de cada um surgem elementos escultóricos que se supõe serem relativos a ornamentos num gesto de afirmação perante a cidade.⁴²

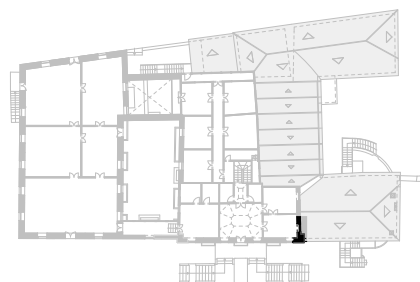
Nesta sequência, ao centrar a atenção no corpo principal, a ordem geométrica que tem a simetria axial como regra básica orientadora é evidente. Destaca-se o eixo central como momento de exceção. No piso térreo, este eixo surge através da separação na escadaria que leva a um primeiro momento de entrada; no primeiro piso, a moldura da porta principal encontra-se enquadrada com a mesma medida da varanda que, ao se sobrepor, oferece uma zona resguardada antes de entrar; no segundo piso, o nobre, há uma mudança no desenho

⁴² “Passou a ser frequente a utilização complementar de elementos especiais de evidência da imagem exterior, com a montagem de largas varandas nos andares mais altos, platibandas de balaústres com esculturas cerâmicas nos remates, revestimentos de azulejo e outros artificios de diferenciação. Eme geral, quando presentes na cidade, estes palacetes caracterizavam-se pela procura de uma atitude afirmativa, ainda que discreta, numa linguagem neoclássica onde podiam surgir frontões e alguma escultura de baixo-relevo.” In TAVARES, Domingos; Casas de Brasileiro; Porto, Dafne, 2015, p.11

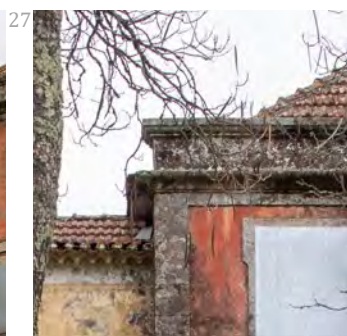
do vão central, o único neste piso a ter varanda, manifesta-se através da escolha de um elemento triangular que, por se destacar na solução geral, revela a importância do piso e mais especificamente do próprio espaço. Neste sentido, o próprio alçado enfatiza a centralidade do projeto a partir do plano vertical que se eleva para lá do nível da cornija, assumindo-se assim como aquele que é o ponto que domina a propriedade. A partir da observação da planta destaca-se o cruzamento da fachada principal com o restante edifício. A parede de 60 cm passa a ter aproximadamente 90 cm para ir ao encontro da simetria pretendida no alçado. Observando o desenho X, torna-se perceptível que a demarcação do alçado em nada reflete o interior. Para além disso, a distribuição funcional interna, de acordo com a sua importância, por norma é visível a partir da composição volumétrica e no tratamento dos alçados. Para isso recorre-se a detalhes construtivos e de ornamentação que, apoiado no saber e no uso inteligente dos instrumentos, pretende resultar numa composição cuidada.

A casa é composta por três andares de importâncias diferentes, visíveis no tratamento espacial e decorativo, com critérios específicos em cada entrada.⁴³ Ao nível do piso térreo encontra-se a zona de serviços e de arrumos. O cuidado do desenho é distinto quando comparado com a nova fachada principal onde há uma clara intenção, apesar da demarcação dos vários pisos, na unificação da construção para que, reforçando a afirmação do poder, o conjunto se leia como um só.

A escadaria presente nesta fachada leva ao primeiro piso, sendo que este contém duas varandas na fachada principal presente aqui a um nível destinado à vivência familiar quotidiana enquanto, a fachada posterior, devido à mudança de linguagem indicada pela escassez de ornamento é destinada aos serviços. O andar intermédio, dito nobre, expressa a ideia de casa como um todo através das suas janelas encimadas por padieiras de frontão horizontal simples e uma outra, ao centro, com ligeira curvatura. Absorvido pelo sistema segmentado de coberturas, o último andar apresenta a expressão mais variada que dá resposta às diferentes junções que foram ocorrendo ao longo dos tempos.



26

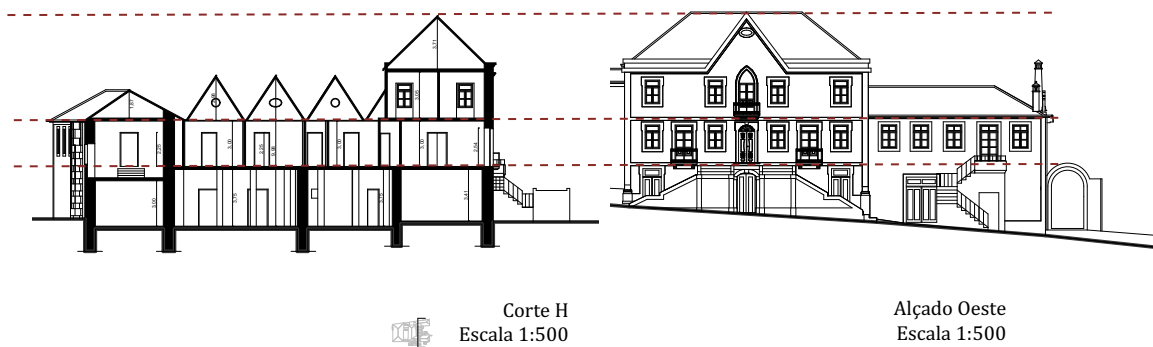


28



Planta do Piso 1 com identificação do acrescento na fachada Fig.26, 27 e 28_Pormenor da Fachada Principal

⁴³ O mesmo acontece em outras casas do mesmo tipo. "desejou-se que a casa tivesse uma distribuição tripartida- zonas de serviço, zonas comuns e zonas privadas- desenvolvendo-se em vários pisos, sendo a circulação vertical assegurada pela escadaria principal e por uma escada de serviço." In PEIXOTO, Paula Torres; Palacetes de brasileiros no Porto, 1850 - 1930: do estereótipo à realidade, Porto, Afrontamento, 2013, p.55



30



31



32



33



Fig.29_ Relação dos níveis dos pisos em Alçado e Corte
Fig.30, 31, 32 e 33_Fotografia das fachada norte; sul; oeste e este

PROGRAMA FUNCIONAL

Relativamente à organização funcional da casa da Quinta dos Carvalhiços estão presentes o piso -1 (considera-se o piso térreo), o piso 0, o piso nobre (piso 1) e o piso ático⁴⁴ do mesmo correspondem a pisos usuais numa casa senhorial,⁴⁵ sendo que o piso logea (considerado o piso -1) incorpora áreas da casa que geralmente estariam em anexos, como o lagar, as cavalariças, a adega, e a zona da lenha. Neste caso, ainda que exista um corpo anexo destinado a estes serviços, a acentuada topografia permite a inserção dos tais espaços debaixo desse corpo.⁴⁶ No que diz respeito ao piso ático seria costume em casas senhoriais que “os salões do piso nobre, com altos tetos acompanhando a inclinação da estrutura do telhado, conviviam com zonas com salas de teto mais baixo, o que permitia a introdução de um piso de proporções baixas, que abria janelas sobre as traseiras”,⁴⁷ no entanto, esta citação não descreve o que acontece neste caso de estudo. A partir da observação do corte G verifica-se a inexistência de diferenças de cota no piso nobre, assim como, não é aproveitada a altura do piso ático em prol de proporcionar salas com tetos mais altos. No que toca aos espaços interiores, a casa da Quinta dos Carvalhiços tem 3 pisos com pés direitos muito

semelhantes. A altura do piso logea e do piso térreo varia entre 3,00 e 3,75 metros. O piso nobre seria de esperar ser o que detém maior pé direito, contudo possui 3,05 metros nos diferentes espaços do mesmo. O piso ático, ainda que não se considere um dos pisos da casa, por ocupar toda a área da casa e dispor de um pé direito entre 1,87 e 3,71 metros de altura enfatiza, assim, a diferença de dimensões e de importância do desenho exterior que foi tido como prioridade para dar resposta a fins de dignificação de poder, não tendo sido, o seu espaço interior, pensado com a mesma importância.

A zona próxima à fachada principal detém os espaços mais sociais da casa, como o átrio de entrada, a escada principal, as salas e o salão nobre. Estas zonas são também aquelas das quais se espera um maior cuidado do desenho. Tal como se pode observar no desenho em anexo procurou-se dividir as zonas da casa segundo as suas funções sociais, privadas e, por último, de serviço. Constata-se a zona a este e a ala a sul, indicadas no esquema a azul, como sendo as mais propícias às áreas de serviços, não só pelo desenho dos espaços em planta e pela falta de ornamentação no seu interior, como também pela presença de escadas de serviço, usadas neste tipo de casas a fim de promover percursos singulares fora do espaço da família.

⁴⁴ Considera-se ter 3 pisos e descarta-se o piso ático uma vez que este não corresponde a uma intenção de ser usado. Atualmente, há vestígios de escadas rudimentares de madeira que permitem alcançar este patamar onde, nos locais possíveis de ser adaptado pelo Homem, era usado para armazenamento de bens.

⁴⁵ “A relação entre um piso nobre, em cima, e um piso de serviços, em baixo, irá manter-se como uma constante da casa senhorial, onde o alto se afirma com uma conotação de superior.” in Anais do II Colóquio Internacional A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores / coord. Ana Pessoa e Marize Malta. - Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016, p.13

⁴⁶ “Articulado com a cozinha, situa-se o conjunto de compartimentos referidos genericamente como “logeas”. Estes espaços serviam para guardar uma grande variedade de produtos agrícolas(...) alguns destes espaços ganhavam uma designação particular relacionada com as suas funções, (...) tomando, por exemplo, o nome de lagar, adega, celeiro (...) Além de produtos para a alimentação as “logeas” serviam para outros e variados fins, como para lenha, guarda de aves e oficina.” in Anais do II Colóquio Internacional A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores, idem, p.24

⁴⁷ Anais do II Colóquio Internacional A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores, idem, p.14

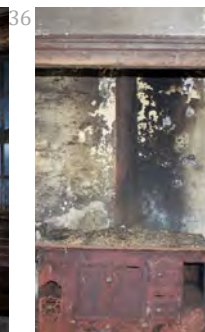


Fig.34_ Cortes da Casa (existente)

Na proximidade com a sala de jantar, a cozinha é integrada no corpo principal, a sul, no local mais afastado da zona nobre, sendo acessível por toda a zona de serviços, usualmente estes espaços possuíam paredes azulejadas⁴⁸, que funcionam como precaução contra incêndios. No caso de estudo em questão não há vestígios que comprovem este cuidado. A partir de 1750 as cozinhas estavam a ser cada vez mais incorporadas na casa principal,⁴⁹ assim sendo, sabendo que o período de maior transformação da casa se realizou entre 1700 e 1800, a cozinha deste palácio surge, assim, numa altura onde este aspeto começa a ser alterado, e o arquiteto desta Casa decidiu integrá-la na composição, não só em planta, como também na fachada, através da torre da chaminé da mesma. Junto da cozinha encontra-se a despensa, forno e um compartimento que se julga ser o escritório⁵⁰, uma vez que se situa “mais perto da entrada permitindo a entrada de pessoas estranhas ao ambiente familiar”⁵¹. De acordo com Hélder Carita, “o gabinete tende, assim, a situar-se numa zona do interior da casa, entre a sequência das salas e a zona mais íntima de quartos”⁵², deste modo, acredita-se que a primeira divisão da galeria do piso 0 teve esta função.



35



36

Fig.35_ Fotografia da zona da cozinha
Fig.36_Pormenor da peça existente

⁴⁸ Anais do II Colóquio Internacional A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores, p.30

⁴⁹ Anais do II Colóquio Internacional A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores, p.21

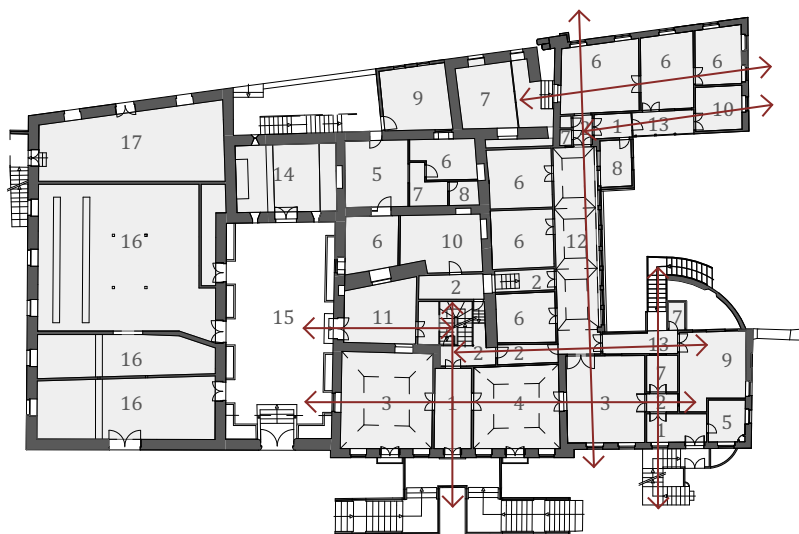
⁵⁰ Ver número 21 na legenda da planta em anexo

⁵¹ Disponível em:

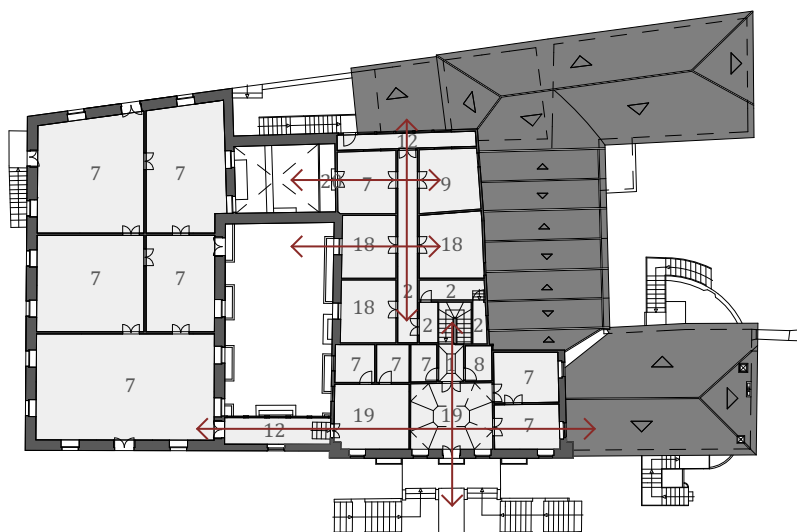
<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/glossario/323-gabinete>

⁵² Disponível em:

<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/glossario/323-gabinete>



Planta Piso 0
Escala 1:500



Planta Piso 1
Escala 1:500

Legenda dos Pisos 0 e 1

- 1 Hall
- 2 Circulação
- 3 Sala de Estar
- 4 Sala de Jantar
- 5 Sala
- 6 Quarto
- 7 Arrumos
- 8 Instalação Sanitária
- 9 Cozinha
- 10 Sala de Cura de Queijos

- 11 Antigo Refeitório do Infantário
- 12 Galeria
- 13 Varanda
- 14 Capela
- 15 Pátio Interior
- 16 Adega
- 17 Antigo Viteleiro
- 18 Sala ATL
- 19 Sala de Atividades do Jardim de Infância
- 20 Coro da Capela

Fig.37_ Legenda da Casa dos pisos 0 e 1. Esquema de circulação

Do ponto de vista interior, a escadaria instalada na casa toma a ideia de átrio distribuidor, no entanto, absorve e desvaloriza a descida ao nível térreo, tendo este uma escadaria própria, uma vez que, é a parte da casa onde se concentram as dependências de apoio a toda a vida doméstica. Há uma intenção em relacionar os vários compartimentos em modo *enfilade*⁵³ permitindo uma sucessão de espaços cujas portas, por se situarem ao mesmo eixo, possibilita olhar o seu interior. Pode-se encontrar este desenho no lado oeste da Casa mais propriamente nos espaços que se relacionam com o alçado principal. Atualmente, esta premissa não é perceptível em todo o desenho dos espaços. Crê-se que resulte da desvirtualização ao longo dos tempos, tendo em conta que surgem paredes com espessuras distintas e, por essa diferenciação, se suspeita serem de uma fase mais tardia.

Nesta época, houve uma mudança no paradigma da casa que levou à reformulação do espaço de habitar no qual se priorizou a “preservação do reduto familiar e da intimidade doméstica, na consagração do trabalho, no valor e no esforço individual, na valorização do ócio e do lazer numa cuidada separação do tempo e espaços de negócio, e no domínio da etiqueta”.⁵⁴ Acrescenta-se ainda, a importância da privacidade pois começa a adquirir uma das funções mais importantes no espaço de habitar onde os corredores, as escadas e os vestíbulos conferem espacialidades que se tentam aproximar da sensação de intimidade. Ao longo do tempo, o espaço doméstico adquiriu uma certa complexidade e “os lugares *genéricos* que compartimentavam a casa até ao século XVIII

foram-se especializando.”⁵⁵ Contudo esta evolução é visível a partir do espaço resultando num sistema “híbrido, onde o público e privado negoceiam as fronteiras.”⁵⁶

A circulação entre pisos está dividida pelos tipos de programa que a casa possui, onde a “ideia barroca de infinito e continuidade”⁵⁷ é incentivada pela planta da casa, uma vez que, com a exceção do piso nobre, não existem corredores de circulação fortemente delineados, e se percorre os pisos através do atravessamento de divisões, como se observa na Figura 37. A aparente contradição na simultaneidade da conceção da casa tanto como lugar de refúgio individual e enquanto espaço público de representação social é resolvida através de recursos que, “segundo Monique Eleb, se centram na organização espacial, desempenhando aqui um papel fundamental a dupla circulação, as antecâmaras e as divisões associadas ao quarto”.⁵⁸ A este do piso de entrada existe a ala dos quartos, no fundo há uma passagem que leva a uma outra divisão que se considera ser a saleta⁵⁹ que funciona como filtro entre a zona destinada à privacidade da família e a área mais social. Nessa mesma galeria há um conjunto de espaços que assumem a função de quarto de dormir que, por se situarem no meio do espaço da casa, não têm qualquer tipo de ventilação e luz natural. De acordo com Hélder Carita, esta

⁵³ MOTA, Nelson; A arquitectura do quotidiano: público e privado no espaço doméstico da Burguesia portuguesa no final do século XIX, Coimbra, EDARQ, 2006, p.248

⁵⁴ MOTA, Nelson; A arquitectura do quotidiano: público e privado no espaço doméstico da Burguesia portuguesa no final do século XIX, Coimbra, EDARQ, 2006, p.248

⁵⁵ AZEVEDO, Carlos de Solares Portugueses: Introdução ao estudo da Casa Nobre, Horizonte, Lisboa, 1969, p.68

⁵⁶ PEIXOTO, Paula Torres; Palacetes de brasileiros no Porto, 1850 - 1930: do estereótipo à realidade, Porto, Afrontamento, 2013, p.55

⁵⁷ Apesar de Hélder Carita descrever a saleta como uma divisão que antecede a sala e não a zona de quartos, o mesmo também menciona que esta funciona em articulação com as escadas como um patamar de entrada. Neste caso considerou-se ter a mesma função uma vez que, por se situar ao fundo da galeria, a primeira divisão funciona como filtro para a zona mais reservada de dormir. In CARITA, Hélder, Os Interiores em Portugal, Colóquio de História de Arte e Design, Lisboa, IADE, 2008, p.10

⁵³ “Inventado por volta de 1650 em França, foi divulgado na arquitetura palaciana barroca.” PEIXOTO, Paula Torres; Palacetes de brasileiros no Porto, 1850 - 1930: do estereótipo à realidade, Porto, Afrontamento, 2013, p.230

⁵⁴ PEIXOTO, Paula Torres; Palacetes de brasileiros no Porto, 1850 - 1930: do estereótipo à realidade, Porto, Afrontamento, 2013, p.52

inexistência de contato com o exterior era frequente e designava-se como espaço de *alcova*.⁶⁰

As salas⁶¹ e salões de festa são valorizados e é dada uma maior importância ao *receber* através da formalização destes espaços devidamente decorados e com uma maior entrada de luz. Ao contrapor esta afirmação com a planta, para além do cuidado dos tetos já abordado anteriormente, também as três salas presentes na Casa da Quinta dos Carvalhiços são as únicas divisões que têm a abertura de 3 vãos na fachada. Deste modo, o objetivo seria, uma vez que a sua circulação fica circunscrita ao espaço de recebimento, impressionar a sensibilidade dos visitantes.

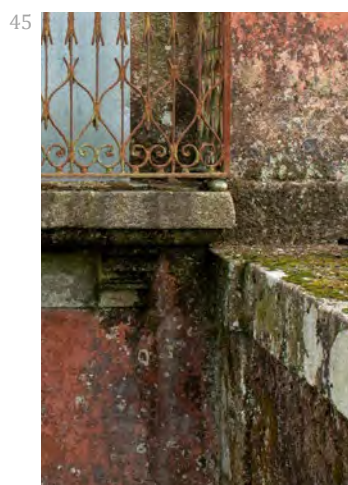
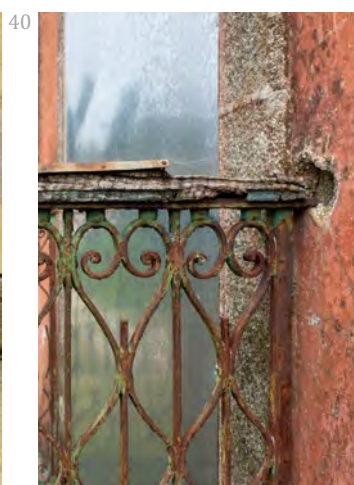


Fig.39, 40_ Pormenor do edifício

Fig. 41, 42_ Vista em *filade* das salas do Piso 0

Fig.43, 44_ Pormenor do estado das salas da xona da galeria

Fig.45,46, 47 e 48_ Pormenor da existência das guardas e do uso da pedra

⁶⁰ Disponível em:

<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/glossario/121-alcova>

⁶¹ “Recuando à Idade Média o termo “salla” tinha sobretudo o sentido de local ou espaço de reunião podendo assumir estas reuniões diversas facetas, festas, encontros formais, banquetes etc. [...] Ao longo do século XVIII, o termo sala vai perdendo o seu sentido tradicional de grande espaço nuclear e fundamental. Acompanhando uma maior racionalização da casa senhorial, as antigas funções polifuncionais da sala desdobram-se em vários espaços autonomizados, dando origem à “sala vaga” ou sala de espera, à sala de visitas ou ainda à casa de jantar.” Disponível em:

<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/glossario/321-sala>



PORMENORES

No que diz respeito ao tratamento exterior, há a presença de ferro forjado, nas componentes sensíveis da obra, nomeadamente, em guardas e o uso da pedra que ganha maior importância na marcação dos pontos fortes da construção. Em granito cinza surge a escadaria exterior principal, supõe-se que em tempos teria guardas de ferro⁶² semelhantes às usadas nas varandas, com lanços laterais simétricos que antecipam a cota da entrada através de um patamar. Na demarcação da verticalidade das esquinas e horizontalidade dos pisos, surge a pedra que, sem variação de tamanho, confere uma dimensão decorativa à estrutura aqui presente. A mesma linguagem é usada nas padieiras das janelas onde, com a exceção da zona principal, há uma simplificação e, em alguns momentos, chega a não existir.

SISTEMA CONSTRUTIVO

Os métodos utilizados correspondem à construção corrente da região. As paredes estruturais são em alvenarias de granito, os pavimentos com vigamentos de madeira, completados por soalho e a armação das coberturas com o sistema de tesouras e o uso de telhas de encaixe, de nome “francesas”. Como se pode verificar nas seguintes imagens, as divisórias não coincidentes com as paredes estruturais são executadas em tabique, mesmo a passagem para o volume anexo, foi construída do mesmo modo, o que denota extrema fragilidade na construção. No piso superior verifica-se a presença de dois tipos de parede, a de granito, provavelmente corresponde à habitação primitiva, e a de tabique que lhe dá continuidade. O estado de degradação torna visível a base de construção o que permite

uma leitura mais precisa relativamente à evolução da casa.

Nos meados do século XIX, era comum no revestimento dos alçados residenciais da arquitetura civil a utilização de azulejos. Contudo, nas vilas e aldeias essa escolha difere, opta-se por tratamentos mais simplificados e modestos, destacando-se na paisagem a partir das janelas desenhadas com bandeiras e fachadas lisas.⁶³ Na casa da Quinta dos Carvalhiços é precisamente o que acontece, o tratamento das fachadas é singelo em comparação a outros exemplos. Esta redução da ostentação não se dá no que toca à dimensão dos espaços do interior da casa, uma vez que se mantêm as grandes divisões tradicionais. Em vez de existirem molduras em pedra nas janelas, à exceção da fachada principal, no restante edifício estas são pintadas tal como o entablamento de modo a aparentar o prestígio e a simetria exigida. Num ponto chega até a existir uma janela pintada para concretizar a simetria no desenho dos vãos.

Do ponto de vista da execução da obra, a carpintaria apresenta um trabalho neutro e convencional, mesmo nos tetos das salas, tendo em conta que se encontram estucados todos os interiores, são poucos aqueles que se vê especial trabalho de estuque.⁶⁴



Fig.49_Pilares existentes no piso térreo do Corpo Anexo
Fig.50_Piso existentes no piso -1

⁶² Atualmente a escadaria encontra-se sem guardas e, devido à densa vegetação, não é possível verificar se há vestígios de ter existido em outrora algum elemento de proteção.

⁶³ MARTINS, Fausto Sanches; Azulejaria portuguesa: História e Iconografia, Inapa, Lisboa, 2001, p.167

⁶⁴ Ver Registo Fotográfico em anexo para a leitura geral da Casa.

ESPAÇOS CARACTERÍSTICOS/PARTICULARES

Não querendo perder no espaço através da excessividade das impressões sentidas, nem em detalhes de luz e sombra, procura-se dar uma impressão daquilo que se considera essencial a manter na casa e, por este mesmo motivo, apresenta-se uma sequência de imagens relativas aos elementos a preservar na reapropriação da casa sendo que atuam como mote para o projeto.

Ao observar-se os acabamentos existentes, entendeu-se que o primeiro piso possui, nas zonas assinaladas na planta, tetos de estuque, apesar de este ser pintado e decorado consoante a divisão onde se insere. As diferentes pinturas e tratamento de estuque permitem que cada sala tenha o seu carácter, distinguindo-se das divisões menos nobres da casa. No segundo piso, considerando-se este o Piso Nobre, ocorre a mesma ideia de repetição, mas ao invés de estuque pode observar-se madeira pintada, como era usual nas casas senhoriais, “onde as casas mais ricas tinham paredes revestidas de painéis de azulejos e os tetos, de madeira, pintados. Só um pouco mais tarde no século surgem (...) os tetos de madeira (“de masseira”), em forma de gamela e muitas vezes repartidos em caixotões com ornatos pintados.”⁶⁵



Fig.51_ Teto da sala à direita no piso 0

Fig.52_ Teto da sala à esquerda no piso 0

Fig.53_ Teto da sala no piso 1

⁶⁵ AZEVEDO, Carlos de Solares Portugueses: Introdução ao estudo da Casa Nobre, Horizonte, Lisboa, 1969, p.70

A escala da galeria situada no piso 0 revela uma zona de passagem que é, devido às duas dimensões, considerada uma zona intermédia de paragem. Mais do que um corredor, pretende-se que cada espaço seja capaz de dar resposta a uma variedade de situações e de acontecimentos que possibilitem uma certa flexibilidade. O trabalho decorativo que esta divisão possui é reforçada pela qualidade da luz que, emana este *espaço entre* uma vez que, também devido à sua cor original, um azul ciano, é potenciadora de um lugar calmo, de reflexão. Talvez por se encontrar no centro do U, formado pelos braços da casa, adquire uma capacidade de conforto e enquadra perfeitamente o olhar, encaminhando-o para a zona central de São Miguel de Outeiro. Esta amplitude é essencial no processo de desenho de uma casa com esta dimensão. Tendo em conta a relação íntima entre a organização da casa e o respetivo espaço exterior, este corredor assemelha-se à varanda do piso nobre nas casas senhoriais onde, a partir do recurso ao terraço, “solução característica da arquitetura barroca e frequente em Portugal durante o século XVIII”⁶⁶ se gera um prolongamento dos espaços onde o campo visual permite chegar mais além.

No que diz respeito à passagem a partir do Corpo Principal, a escolha inteligente de dissimulação da capela através da fachada falsa possibilitou o surgimento desta passagem a nível superior para o corpo anexo. Esta é realizada por um corredor estreito com grandes aberturas para o pátio da capela e apenas uma na relação com o espaço exterior da casa. O tom azul-esverdeado com que foi pintada a madeira, juntamente aos vitrais (ainda visíveis) existentes revela no percurso ser um momento de transição. Esta passagem resolve também o desfasamento de níveis, uma vez que o corpo anexo se encontra com a laje a outra cota.

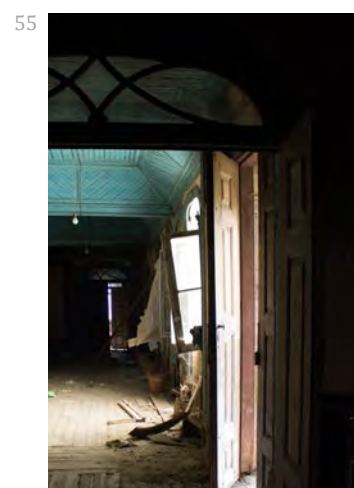
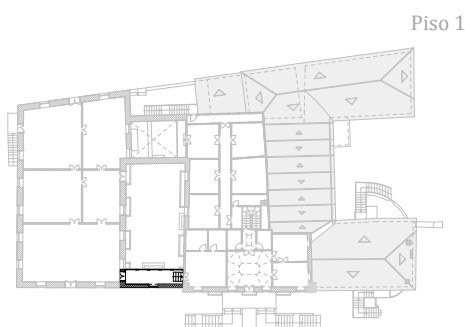
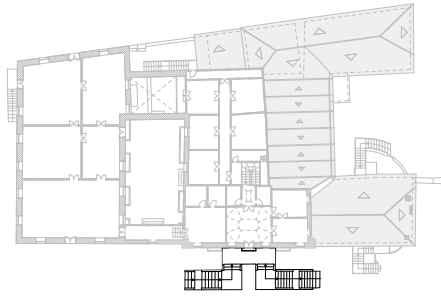


Fig.54_ Fotografia a partir do corpo anexo. Passagem para o Corpo Principal, Piso 1
Fig.55_ Fotografia da Passagem, Piso 0

⁶⁶ AZEVEDO, Carlos de; Solares Portugueses: Introdução ao estudo da Casa Nobre, Horizonte, Lisboa, 1969, p.75



56
57

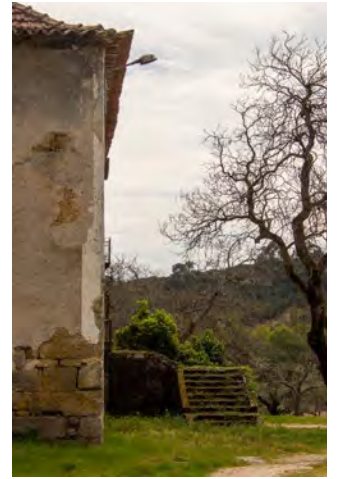
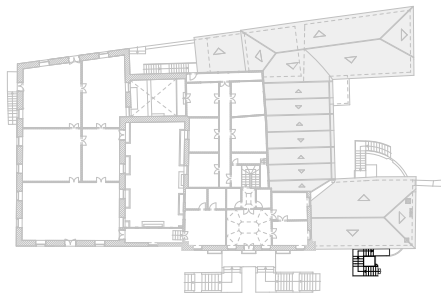


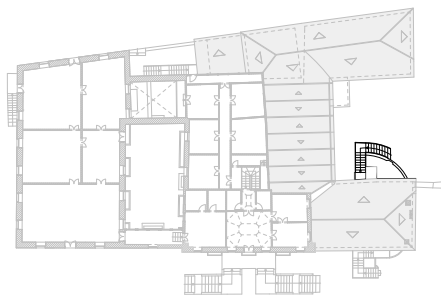
Fig.56 e 57_ Fotografias da escada principal



58
59



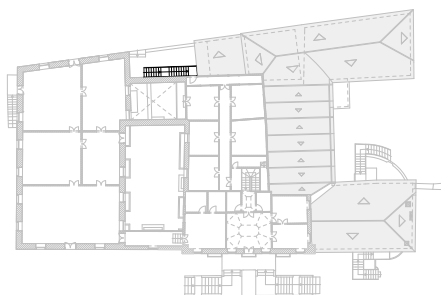
Fig.58 e 59_ Fotografias da escada de serviço a oeste



60
61



Fig.60 e 61_ Fotografias da escada de serviço a sul



62
63

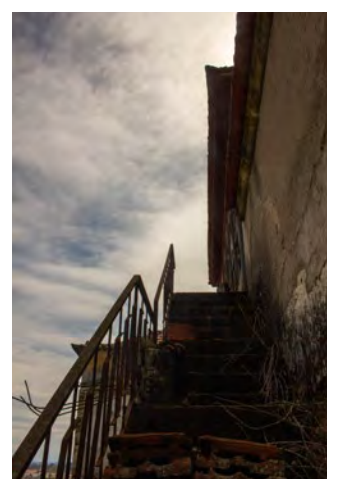


Fig.62 e 63_ Fotografias da escada de serviço a este

Ao observar a planta, torna-se notório que todos os espaços derivam de um núcleo central a partir do qual se chega - a escadaria exterior define esse marco. Este momento é também reforçado a partir do alçado principal da casa. A presença deste elemento é de tal maneira decisiva na definição do conjunto que, ainda que se pretenda comprometer a entrada principal de modo a torná-la apta e acessível a todos, não se questiona o valor intrínseco que esta peça tem na leitura da obra. Não há vestígios de ter existido algum tipo de gradeamento ou de proteção, ao contrário das outras escadas que têm sempre uma guarda em ferro.

Ao longo dos tempos, supõe-se terem sido acrescentadas escadarias em pedra por vicissitudes das vontades, resultando em junções que em nada se enquadram no contexto geral da obra revelando-se pouco eficazes para o habitar a casa como um todo. Nas fachadas oeste, sul e este encontram-se esses acessos sendo que, as duas primeiras acedem ao Piso 0 e a última ao Piso 1. Supõe-se que cronologicamente, a escada a sul tenha sido a primeira a aparecer por força da passagem para pátio de serviço. Seguindo-se a ligação a oeste e por fim a este. Esta sequência temporal é realizada de acordo com a forma e o tamanho dos materiais usados. É notório a modernidade existente na escada a este pela espessura se assemelhar ao que é construído atualmente. Atualmente, ao invés do modo de habitar da altura onde a diferenciação dos percursos da família e dos criados era uma imprescindível, não se encontra necessidade em manter uma exagerada panóplia de meios para se alcançar o interior da casa.

A falta de referências ao estado original da casa é uma problemática que tem vindo a acompanhar todo o processo de trabalho. Contudo, as idas ao local permitiram algumas luzes acerca do passado da obra. Destacam-se três tons existentes na fachada da casa: no corpo principal o salmão, nos restantes anexos o amarelo-torrado e no braço do U a este há vestígios de azul-marinho. Crê-se que esta última tenha correspondido a uma fase mais tardia, tendo em conta que nesta fachada foi destruído parte de uma construção que aparentava ter o mesmo tom na fachada. Pelo método construtivo usado e pelo estado do que era o seu interior, aparenta ser uma (des)construção recente.

64



66



65

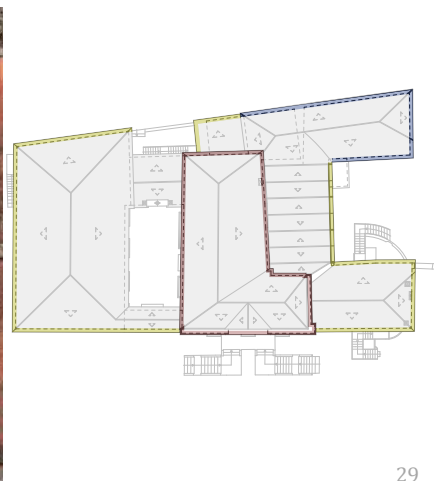
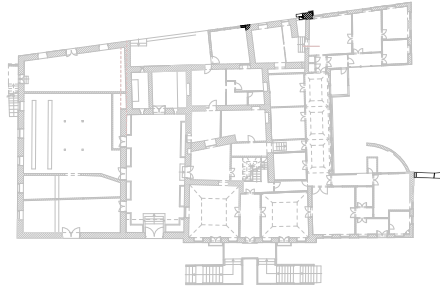


Fig.64, 65 e 66_ Fotografias de vários acabamentos da Casa

67



70



68



69



71



Planta Piso 0

Fig.67_Pombal existente

Fig.68_Presença do esgrafito

Fig.69_O arco

Fig.70_Vestígios de coluna dórica;

Fig.71_Identificação de partes em ruína na Casa

“As coisas em ruína dão forma às novas estruturas, transfiguram-se, modificam-nas. Como a cauda de um cometa desprendem-se das catedrais. O mundo inteiro e a memória inteira do mundo continuamente desenham a cidade.”⁶⁷

O arco e um segmento de parede com o desenho de uma base é o que, aparentemente, sobrevive da ruína da casa primitiva. Ainda que não haja meios para se descobrir mais sobre esta evolução considera-se essencial preservar estes elementos. No entanto, ao visitar o local, por força da destruição de uma parte da habitação foi possível verificar registos da presença de uma coluna dórica na construção. Não se sabe qual a intenção, uma vez que não há uma relação de desenho clara com o que a rodeia. Contudo, este parece ser apenas mais um elemento desenhado na parede e não construído em pedra como os exemplos mencionados em cima.

Normalmente, os casos de esgrafitos são “sujeitos a tantas ações de reparação e (re)pintura que hoje é pouco perceptível a decoração da fachada”⁶⁸

A estrutura redonda assemelha-se aos antigos pombais existentes em propriedades agrícolas que serviam principalmente enquanto fertilizante naturais para dar resposta às necessidades agrícolas. Na época ter pombais era sinónimo de poder e de riqueza. No caso da Quinta dos Carvalhiços, o pombal existente apresenta ter sido fruto de um acrescento posterior à construção original uma vez que, ainda hoje se vê sinais de outras construções e materiais agregados ao elemento original de forma arredondada.

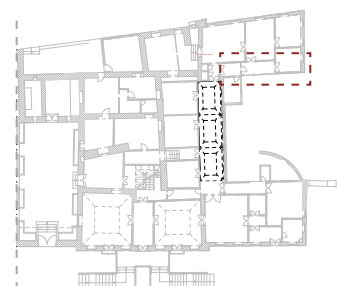
Há uma diversidade de elementos que tornam difícil de compreender a evolução.

Focando o olhar na ala este, no que concerne à materialização, há a presença de tijolos maciços na construção, algo que é inexistente em toda a obra. Na varanda, observa-se também a presença de guardas de madeira o que, ao contrário do que se esperava, uma vez que era comum as guardas e os elementos de proteção exteriores serem em ferro e somente no interior da habitação estas proteções adquirirem uma outra materialização, suspeita-se que esta varanda tenha pertencido em tempos ao espaço interior da habitação e, somente mais tarde, se tornou exterior. Esta suposição é reforçada pelos elementos decorativos, também eles de madeira, que se assemelham aos usados no corredor de passagem com abertura ao pátio. Assim como as molduras das portas e janelas e, conseqüentemente, o rodapé tem a linguagem semelhante ao usado no interior da habitação.

72



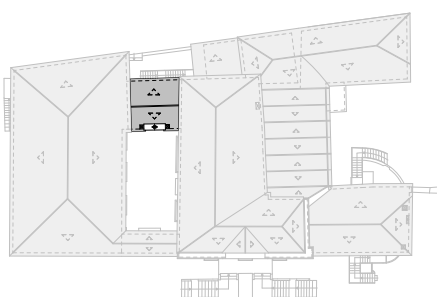
74



Planta Piso 0
Fig.72_Fachada interior da Ala este a sul
Fig.73_Pormenor de construção da Casa
Fig.74_Pormenor do Interior da zona da Galeria

⁶⁷ SIZA Álvaro, 01Textos, Civilitas, Porto, 2009, p.115

⁶⁸ AGUIAR, José; SALEMA, Sofia; (2009) Cor e esgrafito no Alentejo; Conservar Património, número_issue 9, p.13 a 25



Planta de Cobertura: identificação do corpo da capela
 Fig.75_Fotografia da entrada no pátio da capela
 Fig.76_Fotografia do pormenor na fachada
 Fig.77_Fotografia do interior da capela
 Fig.78_Fotografia interior da sala que antecede a tribuna

A capela, enquanto elemento arquitetónico estruturante e caracterizador deste tipo de casas, surge no projeto como pré-existência, sendo necessária a sua integração ao corpo habitacional propriamente dito. Confirma-se este facto devido à estranha ligação entre as três partes – casa, capela, corpo anexo – que leva a crer que não foram desenhadas em simultâneo. A espessura das paredes da capela difere das da casa, sendo ainda de mencionar a sua inclinação em comparação com a orientação do mesmo. Como é possível verificar na foto X há a sobreposição de elementos nas pequenas aberturas existentes na capela, acabando por revelar que a galeria superior de acesso à casa não tenha sido realizada ao mesmo tempo que a capela, mas sim numa construção posterior.

O corpo da capela tem uma escala acolhedora o que, juntamente com a sua difícil localização, é indicativo de ser destinado somente à família e respetivos convidados. De apenas 29,56 metros quadrados está assente um teto abobadado com descarga na fachada principal e na posterior. O eixo da abóboda não coincide com o centro da capela pelo que, a estrutura central onde se encontra o altar revela uma quebra na simetria que é pretendida nos espaços de maior dignificação social.

No seu interior, interessa entender a forma como se planeiam os seus diferentes acessos. A existência de uma tribuna ao nível do primeiro andar a comunicar diretamente com o andar nobre, era bastante comum nas capelas das casas senhoriais.⁶⁹ Assim, era permitido à família assistir à cerimónia a partir de um lugar privilegiado e mais privado.

Epígrafe 1: “ESTAS CASAS REFORMOV SSIMÃO DE FIG (ueire)DO [...] DA CASA DE SVA MAG(estad)E NO ANNO DE 1595”

Epígrafe 2: “ESTA CAPELA MANDOV EAZER MA NOEL DE L(ourei)r^o CASTEL BRANCO ANNO D(e) 167 RA(?) POR SEV NETO DO M^o NOME “

Epígrafe 3:
 “ANNO 1747”

Epígrafe 4:
 “D.M.C.C.L. 1908”

⁶⁹ CARITA, Hélder, A casa senhorial em Portugal, Leya, Alfragide, 2015, p.29

2 PROGRAMA

“Não se trata de uma questão de linhas, mas de carne e calor. Uma casa habitada *deixa de ser um espaço* para passar a ser *aquilo que rodeia um corpo*, o que é diferente. [...] Vemos aqui o espaço a assumir um papel animalesco (de animal apenas), de ser vivo: o espaço é um animal. Diríamos ainda: é um animal que responde ao corpo que o fez, é um animal que entra em diálogo com o habitante que foi, e continua a ser, construtor.”⁷⁰

2.1 INDAGAÇÕES NO HABITAR MUDANÇA DE MORADA A TEMPO

Ao longo do trabalho surgiram questões relacionadas com o *habitar* que fizeram com que fosse necessário abrir espaço na dissertação para as debater. Não tanto relativo à proposta de projeto, mas antes na relação do que vai para lá dos limites da casa. Neste capítulo interessa superar os problemas da descrição de uma casa com o intuito de alcançar a essência do que é a função primitiva do habitar. Neste sentido destacam-se três pontos essenciais. O primeiro, a Mudança de morada *a tempo*, compreende a dificuldade em sair da habitação própria.

A mudança do paradigma atual interfere nas formas de organização da economia e da sociedade na cidade. O modo de habitar, em especial na terceira idade, quando confrontados com a atual realidade geram sentimentos de solidão, desamparo e tédio. Quando ocorre uma alteração na vida de uma pessoa nestas idades - seja ela a entrada na reforma, a falta de uma rotina ou até o falecimento de alguém próximo - leva à sensação de que, a casa onde sempre se viveu, torna-se agora demasiado grande e

difícil de suportar não só financeiramente, mas acima de tudo psicologicamente. No entanto, a problemática encontra-se sobretudo na escala do espaço que, pela mudança da circunstância, deixa de estar adequada aos seus habitantes.

O estar em ambientes que promovam a socialização, para além de reverter estes efeitos e ajudar a prolongar a qualidade de vida, é uma alternativa ao isolamento do idoso através da sua inclusão social.

No interior do país, onde a procura por fixação da morada pelas camadas mais jovens não é tão intensa, é comum que, devido às exigências profissionais daqueles que lhe são mais próximos, nem sempre seja possível realizar o acompanhamento devido aos que mais precisam.

A velhice traz uma série de complicações e com elas as necessárias idas ao médico e a realização de exames. Este efeito pode ocorrer numa fase mais precoce devido ao aumento estilo de vida sedentário que as pessoas na idade da reforma se acostumaram. Segundo a OMS, constatou-se que aqueles que mantêm um estilo de vida ativo têm uma diminuição de complicações na sua saúde.⁷¹ Como tal, tendo em conta que a norma é a procura por uma alternativa surgir (apenas) quando se está numa fase realmente difícil da vida e já há uma necessidade de depender de outro, a maioria das opções existentes prendem-se com estruturas capazes de fornecer os cuidados médicos necessários. Neste sentido, sabendo que há um esforço por manter a vivacidade na terceira idade, é necessário rever as opções na cidade que possibilitem um envelhecimento saudável.

É comum conhecerem-se casos onde as pessoas não querem sair da própria habitação mesmo que, pelos mais variados motivos, seja a melhor opção para

⁷⁰ TAVARES, Gonçalo M.; Atlas do Corpo e da Imaginação, Porto Alegre, São Paulo, 2021, p.414

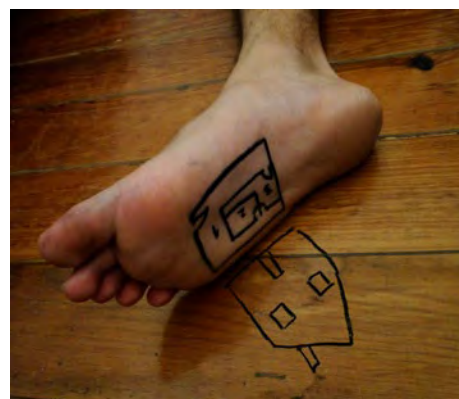
⁷¹ CHAN, Margaret; Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde, Genebra, Publicações da OMS, 2015

elas. O valor do espaço que habitamos encontra-se intimamente relacionado com as vivências pessoais. Desprender-se de algo que contém em si uma imensidão de histórias e momentos é a razão pela qual a troca de morada é um processo custoso.

“A história constitui sempre a relação entre um presente e o seu passado. Daí que o medo do presente conduza ao obscurecimento do passado. O passado não é feito para se viver nele; é um poço de conclusões do qual saímos com vista ao agir.”⁷²

É o passado que, ao sobrepor-se ao presente, condiciona o futuro. Esta sequência ganha força a partir do momento em que as possibilidades que são dadas à sociedade são desprovidas de qualidade, não a nível físico, mas de ambiência, de sensações que promovam o envolvimento ativo na sociedade. Considera-se ser uma mais valia proporcionar alternativas para que o valor das histórias passadas não sejam motivo de estagnação, uma vez que, referenciar o passado como argumento no futuro, não é uma fonte segura.

79



“1. Casa no pé.

Se pisares uma casa ficarás com a casa colada aos pés.

Ou: como limpar uma casa que se agarrou aos pés?

Mudas de Casa, mas o teu corpo mantém alguns vestígios relevantes.

Ou: pensar que o pé pode querer deixar atrás de si um carimbo-casa.

2. Nada de intenções poéticas, tudo é marca material; mas, claro, as pegadas que deixas atrás de ti são a tua casa.”

⁷² BERGER, John; Modos de Ver, Antígona, 2018, p.21

A FALÁCIA DA MEMÓRIA

Faz parte da natureza humana adulterar a imagem da lembrança. Gaston Bachelard aborda este tema ao clarificar que a imaginação advém da facilidade de produzir imagens e, por esse motivo, é que existem semelhanças entre a imagem e a lembrança. Tendo esta ideia em mente, é relevante adicionar um pouco do irreal à lembrança atual uma vez que “a imaginação desprende-nos ao mesmo tempo do passado e da realidade.”⁷³

O tema que combina o espaço, a memória e a realidade é abordado por diversos autores pois, devido ao seu carácter despoletar interesses nas mais variadas áreas, há uma tentação em compreender de que forma as sensações de um espaço são afetadas por características que lhe são exteriores. Stravos Stavides retorna ao tema com o intuito de desafiar a perceção do lugar para habitar e, por consequência a diferenciação dos distintos espaços: privado e espaço comum. Através da apropriação da metáfora de Marc Augé, Stravos procurou clarificar a relação entre espaço e memória do seguinte modo:

“As recordações são moldadas pelo esquecimento tal como os contornos da costa o são pelo mar [...] a memória e o esquecimento são produto de um processo em curso e não tanto duas áreas fixadas e reconhecíveis.”

O espaço de habitar adquire, ou pelo menos assim se deseja, uma outra abordagem. Se é a memória que afeta o nosso julgamento e poder de decisão sob o futuro, compreende-se que ao falar de *Lar de idosos*, como esta advém de um ponto que à partida só se procura quando não há mais nenhuma alternativa, leva à realização de um juízo de valor que torna impeditivo uma melhoria no contexto

social. É exatamente essa imagem que se pretende alterar. A Casa corresponde a uma “unidade de habitação geralmente destinada a uma única família. Para a definição deste espaço doméstico influenciam fatores como a estrutura familiar e a respetiva trajetória evolutiva, o modo de vida ou as funções de cada espaço.”

Contrapondo o significado da palavra *lar* (latim *Lar*, *-is*, protector da casa)⁷⁴ com *casa* (latim *casa*, *-ae*, cabana, casebre)⁷⁵ depreende-se que o primeiro tem um carácter mais profundo, mais pessoal e, como tal, não deveria, quando junto a “idoso” tornar-se algo depreciativo.

Assim sendo, ao atuar e retirando a dimensão formalizada e restritiva das palavras, pretende-se que a prática da arquitetura seja diferenciada dos preconceitos morais. É nesta perspetiva que se olhou a Casa da Quinta dos Carvalhiços.

O PORTO DE ABRIGO

Ao longo da história, a habitação adquiriu uma idealização de proteção enquanto “escudo” da vida pública. Este pressuposto ao se juntar com a falta de socialização provoca a solidão. Sabe-se que, consciente ou inconscientemente, tende a ser ignorada através do recurso a televisões, rádios, etc., propiciando pensamentos, maioritariamente pessimistas, devido ao conteúdo negativista e, por isso mesmo, limitativo da realidade. Neste sentido, confrontando-se com a adulteração do real, é necessário haver uma força exterior que permita

⁷⁴ “lar”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/lar> [consultado em 04-01-2022].

1. Local onde mora uma família. = CASA

2. Grupo de pessoas que vivem na mesma casa. = FAMÍLIA

⁷⁵ “CASA”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/CASA> [consultado em 04-01-2022].

1. Nome genérico de todas as construções destinadas a habitação.

2. Construção destinada a uma unidade de habitação, geralmente unifamiliar, por oposição a apartamento.

⁷³ BACHELARD, Gaston; *A Poética do Espaço*; 3ª edição, Martins Fontes, São Paulo, 1998, p.18

reagir face ao presente. Quando tal não acontece, surge o efeito *bola de neve* no qual, por se acumular muita negatividade, complica o reverter da situação. Na procura por compreender a tipologia do edifício que faz falta e que se adequaria ao caso de estudo em questão, realizou-se uma entrevista realizada à Hac.ora⁷⁶, este efeito *bola de neve* foi referenciado pelos representantes como sendo um dos principais problemas ao se colocar um limite na faixa etária para a realização de um CoLiving. Ainda que, a intenção de promover uma diversidade de acontecimentos exista, ao não haver um cruzamento de idades no grupo, acabaria por se cair num argumento falacioso e o ambiente que é reconhecido quando se entra num Lar de Idosos seria semelhante.

Como tal, numa tentativa de quebrar a utopia descrita até então, ponderou-se que seria uma mais valia ter uma fonte que permitisse impulsionar e alimentar a vivacidade necessária para combater esta ilusão.

O CANTO

O “senso comum” considera *habitar* como algo adquirido uma vez que, por ser uma necessidade básica ao ser humano, julga já ter obtido o conhecimento total. Se a habitação é considerada um “porto seguro” – sendo este o auge da segurança e da intimidade- então, a um primeiro olhar, viver em comunidade seria incompatível com esta definição.

Um lugar seguro não é considerado instável e volátil, quer-se estático no tempo e consequentemente no espaço, pois para se sentir

segurança tem de se permitir conhecer o espaço, as rotinas de quem o usa. A presença de uma certa estaticidade permite que tal aconteça, exemplo disso é a consciência da expressão *deixa-me estar no meu canto*, esta provém de um ponto seguro, há uma imobilidade, o canto, por si mesmo, quer-se imóvel. “Assim, quando o homem vai para um canto, quando se isola, é como se estivesse a adquirir as condições materiais necessárias para fazer um determinado trabalho. [...] Nos percursos do espaço - e na sua relação com os percursos do pensamento: certas arquiteturas serão boas para se fazer algo no real, outras serão boas para se fazer algo no *irreal*.”⁷⁷

80



Fig.80_A casa quer ser Humana

⁷⁶ “A HAC.ORA PORTUGAL | SENIOR COHOUSING ASSOCIATION é uma Associação privada, não-governamental, sem fins lucrativos, criada em maio de 2018, no Porto, Portugal. Promove e apoia a criação de comunidades de habitação colaborativa - CoHousing - seguindo um modelo de desenvolvimento sustentável, a nível financeiro, ecológico e pessoal.” In <https://www.hacora.org/>

⁷⁷ TAVARES, Gonçalo M.; Atlas do Corpo e da Imaginação, Porto Alegre, São Paulo, 2021, p.403

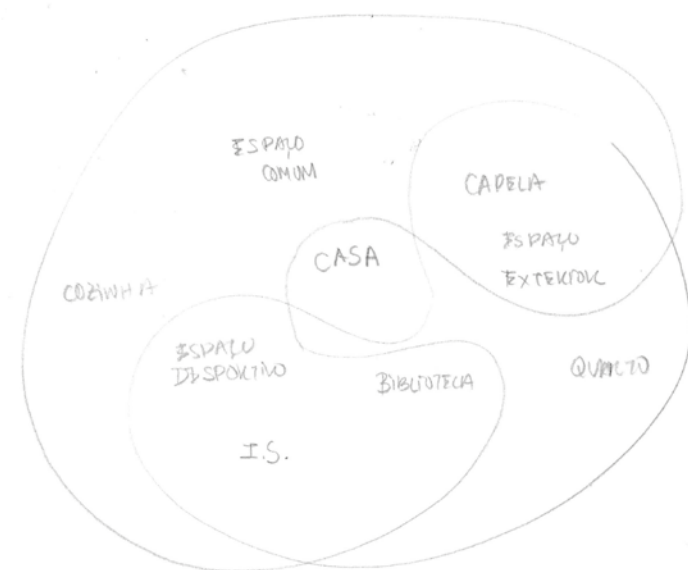
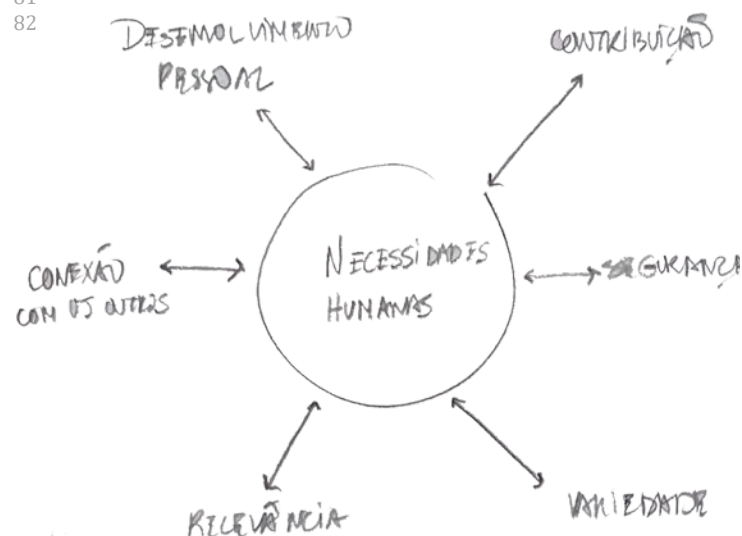


Fig.81_Esquema das necessidades humanas baseado na pirâmide de Maslow

Fig.82_Distribuição do programa da casa em dois grupos:

Capela, Espaço exterior, Espaço comum, Cozinha, Espaço Desportivo, Instalações Sanitárias, Biblioteca_ **HABITAR COMUM**

Capela, Espaço exterior, Quarto, Biblioteca, Instalações Sanitárias, Espaço Desportivo_ **HABITAR SOZINHO**

2.2 A ESSÊNCIA

A definição do que é o *bom envelhecimento* não se define numa só direção, mas antes de uma multidisciplinaridade e no modo de ver de cada ser individual. A sua interpretação reflete-se nos hábitos pessoais e a casa, o estilo de vida, é apenas essa materialização.

O objeto arquitetónico proposto nesta dissertação não se enquadra no estereótipo de Lar de Idosos. Distancia-se deste tipo e relaciona-se pelas carências de quem o habita. As questões de ordem social, os hábitos saudáveis e o sentimento de bem-estar são as necessidades que mais se repetem quando se aborda o tema do envelhecimento ativo. Um dos primeiros objetivos para o bom funcionamento de estruturas de apoio a idosos passa por “Proporcionar serviços permanentes e adequados à problemática biopsicossocial das pessoas idosas”.⁷⁸ Ora, o modelo Biopsicossocial, sendo ele um conceito que estuda a evolução das doenças, é composto por três fatores: o biológico, interno ao ser humano; o Social, influenciado por forças externas ao Homem; e o Psicológico, onde há a interação entre forças externas e internas. Tendo isto em mente, é essencial projetar de modo a promover qualidade espacial.

O esquema pretende demonstrar as necessidades humanas e é a partir dele que se pensou os diversos espaços na Casa da Quinta dos Carvalhiços. Neste sentido, as linhas orientadoras do programa prendem-se com proporcionar a maior autonomia possível nas tarefas diárias juntamente com uma subdivisão dos espaços, do *comum* ao *privado*, neste cruzamento, surgem *espaços entre*. O cerne da questão é o *espaço comum*, mas para existir tem de

⁷⁸ Despacho normativo nº 67/89, Norma II, 1º a), in <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/despacho-normativo/1989-115200364>

ser possível o seu contrário. Por este mesmo motivo, há no módulo de cada quarto espaço para a vida individual, o espaço individual de refeições é o exemplo disso e, pelo que já foi dito, opta-se por reduzir este momento a uma *kitchenette*.

Na definição do espaço comunitário- o espaço comum, que se pretende que seja aberto à comunidade e não só às pessoas que habitam a Casa- surge a questão: como se pode potenciar os tão necessários estímulos?

De acordo com o Despacho Normativo nº67/89, norma IV, “as instalações dos lares para idosos devem compreender os seguintes compartimentos, de harmonia com os requisitos definidos nas normas seguintes: quartos individuais e duplos; sala de estar e ocupação; sala de refeições; instalações sanitárias; gabinete de saúde; gabinete de direção; cozinha e despensa; lavandaria e rouparia; vestiário e instalações sanitárias do pessoal e arrecadações.”⁷⁹

Por motivos de intervenção num edifício pré-existente optou-se por ter apenas quartos individuais. Do ponto de vista social surge em debate que qualidades se procuram nestes espaços e como se devem desenrolar na comunicação com os percursos da Casa. Para uma maior dinâmica compreende-se que é necessário haver espaço para, simultaneamente, coexistir distintas atividades.

Assegurou-se uma sala para cuidados básicos para pequenos curativos e consultas de rotina, deste modo, o incómodo das viagens aos centros de saúde e hospital deixa de ser a única opção.

No decorrer do processo de projeto as dúvidas persistiram e foi no que já foi feito que se procurou o conhecimento para o rumo deste trabalho.

⁷⁹ Despacho normativo nº 67/89, Norma IV, 1º, in <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/despacho-normativo/1989-115200364>

2.3 ESTRATÉGIAS PROJECTUAIS

O projeto arquitetónico desenvolvido não coincide com o padrão de lar de idosos, centro de dia ou residência sénior. O foco do programa consiste em seja um habitar para todas as fases da vida. No entanto, há a consciência de que, com o aumento da dependência, as habitações que mais preparadas estão para dar resposta a este problema são os lares de idosos uma vez têm de dar resposta às especificidades descritas na legislação. Tendo isto em conta, ao longo do processo e da interpretação de diversos casos de estudo surgiram algumas notas que se tornaram cruciais para a concretização desta proposta.

Este tipo de habitação corresponde maioritariamente a uma espécie de micro sociedade com as suas próprias regras e há uma procura inerente por reinterpretar a simbiose entre público e privado. Neste sentido, considera-se de extrema importância uma contextualização de obras que, pelos mais diversos motivos, dão notícia do que já foi feito e da sua realidade operativa. Estas são ferramentas essenciais no processo de projeto.

Num primeiro momento valoriza-se a fusão de acontecimentos num mesmo espaço e de que modo se pode proporcionar essa diversidade. Como exemplo são tidos o Lar Casa de Magalhães, em Ponte de Lima, de Carvalho Araújo onde a comunicação existente entre as várias partes da obra a partir do pátio relembra a antiga ideia associada aos mosteiros. É relevante referir que estes foram dos primeiros edifícios construídos onde a vida em comunidade era o objetivo. O uso deste tipo enquanto meio para promover a socialização e a comunicação entre pessoas é uma mais-valia no contexto atual. Por outro lado, um dos pontos relevantes neste projeto é que contém no

83



84
85



Fig.83_Fotografia da envolvente do Lar Casa de Magalhães

Fig.84_Fotografia do pátio central do Lar

Fig.85_Planta de Cobertura do Lar Casa de Magalhães

mesmo terreno uma creche, fazendo com que a possibilidade de estímulos intergeracionais tenha um vínculo ainda mais forte do ponto de vista espacial. Do mesmo modo, a Residência Humanitas Bergweg, em Roterdão, de EGM Architecten funciona como um potenciador de estímulos pela variedade de acontecimentos que promove e que naturalmente os espaços indicam. O facto de no seu interior conter um supermercado e existir uma flexibilidade nos espaços comuns agiliza e cria oportunidade para o novo, para *os estímulos*.

No panorama interior há uma procura por compreender o que define o espaço de conforto mais propriamente no quarto. Este afunilamento do espectro advém de uma consciência relativa às dinâmicas naturais no espaço de habitar. O quarto pessoal, por ser um ponto delicado ao ter de respeitar o desenvolvimento associado à possível dependência dos habitantes, por vezes assemelha-se a um hospital e importa compreender o porquê. Posto isso, a partir Residência Sénior, em Alcácer do Sal, dos Aires Mateus e de Nursing Home na Áustria, de Peter Rosegger. que se olha o interior do quarto e os modos como diferentes arquitetos projetaram.

A escolha dos materiais, as dimensões do vão e consequentemente a comunicação com o exterior, são pontos determinantes na qualidade dos espaços e que ajudam a alcançar o sentimento de conforto. Relativamente à relação com o exterior e os respetivos percursos a partir do espaço comum a obra de referência é Homes for Senior Citizens, na Suíça, de Peter Zumthor. A partir desta faz-se um cruzamento com Nursing Home na Áustria, de Peter Rosegger. Em ambas, a partir do espaço comum é possível percorrer o espaço, ou seja, há a introdução da guarda não só como proteção de vão mas também enquanto elemento de projeto, proteção da

queda, é uma ferramenta que introduz uma maior liberdade aos habitantes.

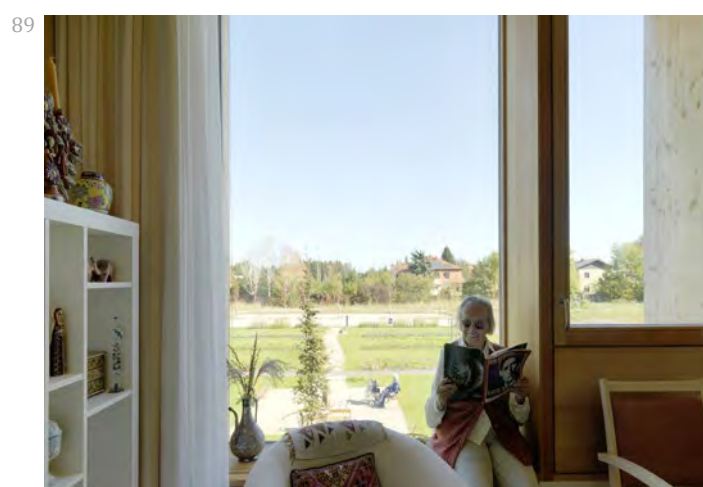


Fig.86_ Espaço central da Residência Humanitas de Bergweg
 Fig.87_ Quarto da Residência Sénior, em Alcácer do Sal, dos Aires Mateus
 Fig.88_ Exterior da da Residência Sénior, em Alcácer do Sal, dos Aires Mateus
 Fig.89, 90_ Quarto da Nursing Home na Áustria, de Peter Rosegger
 Fig.91_ Exterior da Nursing Home na Áustria, de Peter Rosegger
 Fig.92, 93, 94_ Vista a partir exterior de Home dor Senior Citizens, na Suíça, de Peter Zumthor

88



92



93



90



91



94

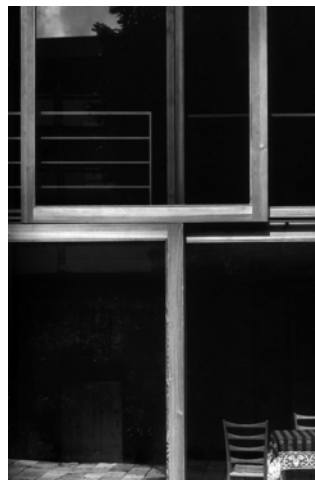




Fig.95_Esquisso do Arquiteto Souto de Moura
Fig.96, 97, 98 e 99_Fotografia da Intervenção em Santa Maria do Bourgo



Sendo este um projeto de reabilitação, do ponto de vista da intervenção, surgiram várias obras que auxiliaram no pensamento do projeto.

Dentro dos princípios de intervenção para a reabilitação está continuamente presente a preocupação pela preservação da identidade do edifício e, portanto, pela conservação do património arquitetónico. Neste sentido, através de vários casos de estudo procurou-se compreender o modo de intervir no existente. Os casos de maior relevância ao longo do processo foram a Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro, em Braga, de Eduardo Souto de Moura pela presença da ruína enquanto objeto de estudo e ponto de partida para a criação do novo pois, tal como o arquiteto Souto de Moura refere “Para o projeto as ruínas são mais importantes que o mosteiro, já que são material disponível, aberto, manipulável, tal como o edifício o foi durante a história.”⁸⁰ Eduardo Souto de Moura inclusive altera “as dimensões das plantas de fundação do mosteiro e, para mostrar que os actuais não eram os níveis originais, concebi os pequenos degraus de ligação em mármore e não em pedra. Tinha vergonha de não dizer a verdade.”⁸¹ O cuidado dos materiais escolhidos tem também o objetivo de proteger o edifício original, neste sentido foram utilizadas combinações de pedra com aço e betão onde através da apropriação do espaço, o que era e o que é, o passado e o presente encontram-se, por vezes distinguem-se, outras assemelham-se pois “[...] Afinal de contas, ninguém vai verificar o que é antigo e o que é novo.”⁸²

⁸⁰ MOURA, Eduardo Souto de Reconversão do Mosteiro de Santa Maria do Bouro numa Pousada in AA.VV., Santa Maria do Bouro: Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro, White & Blue Edições, Lisboa, 2000, p.5

⁸¹ LEÓN, Juan Hernández; COLLOVÁ; Roberto; FONTES, Luís; Santa Maria do Bouro: Eduardo Souto de Moura: construir uma pousada com as pedras de um mosteiro. Lisboa: White & Blue, 2001, p. 50

⁸² LEÓN, Juan Hernández; COLLOVÁ; Roberto; FONTES, Luís; Santa Maria do Bouro: Eduardo Souto de Moura: construir uma pousada com as pedras de um mosteiro. Lisboa: White & Blue, 2001, p. 50

Uma outra obra do Arquiteto Souto de Moura que se relaciona com a adaptação do existente aos mais diversos programas é o Convento das Bernardas, em Tavira. Esta obra inicialmente era um mosteiro, passou a ser fábrica e, neste momento é um conjunto habitacional de 78 apartamentos. Edifícios fabris ficam por vezes esquecidos e abandonados e acabam por desvalorizar o contexto, a cidade, onde estão inseridos. A alteração das funções tendo em conta um processo de reabilitação de preservação de valores culturais e históricos traz vantagens à cidade e aos seus habitantes. Nas fotos ao lado é possível ver o antes e depois da intervenção. O convento das Bernardas é exemplo disso. Houve uma procura por manter o traçado original e por salvaguardar os testemunhos do passado, mas adaptando às novas exigências.

Outro ponto de vista relativo ao modo de abordar a pré-existência foi a Reconstrução do Sequeiro, em Guimarães, de José Gigante, a partir do qual se ponderou em, apenas partes específicas do projeto⁸³, se reconstruir a partir das pedras resultantes das demolições, com o fim de se adaptar às novas exigências. Neste caso de estudo, o Reinventar comandou o projeto. Conserva-se a essência, mas sem recorrer a uma reconstrução fiel e exata. O antigo é alterado, completamente reformulado e ainda assim a imagem do que era permanece.

No que toca à problemática da acessibilidade a partir da entrada destaca-se o Hedmark Museum, em Hamar, de Sverre Fehn, pela capacidade de integrar e adaptar às necessidades projetuais através do recurso a uma rampa que se distingue do todo, quase como um elemento escultórico. Também aqui se pretende articular o novo ao antigo, mas o

arquiteto opta por uma outra abordagem, assume com clareza a diferença sobrepondo os tempos. Há um grande respeito pelo existente e uma delicadeza onde o novo quase não toca no original; e a Reconversão do antigo sanatório ferroviário, na Covilhã, de Eduardo Souto de Moura onde através da construção de uma praça a um nível superior permite que ambas as entradas, a da escadaria principal e da nova praça, se conectem a partir da mesma cota.

100



101



102



Fig.100, 101 e 102_ Fotografia da Intervenção no Convento das Bernardas
Fig.103 e 104_Reconstrução do Sequeiro
Fig.105, 106 e 107_ Hedmark Museum
Fig.108_ Corte da Intervenção de Souto de Moura na Reconversão do Antigo Sanatório Ferroviário, na Covilhã

⁸³ O corpo anexo, usado até então como arrumos, seria o mais propício a sofrer este tipo de alteração.

103



105



104



106



107



108



Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Vermelhos e Amarelos

Alçados Este e Oeste

Escala 1:200

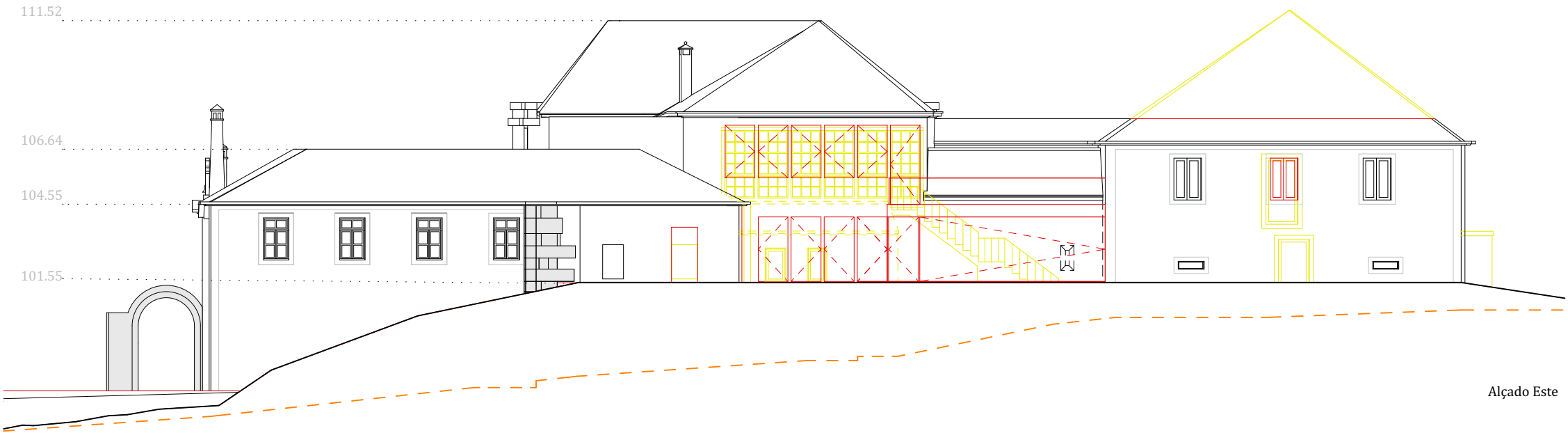
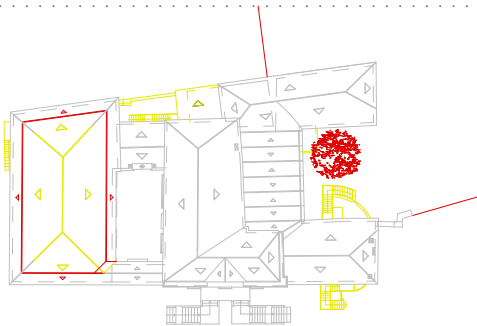
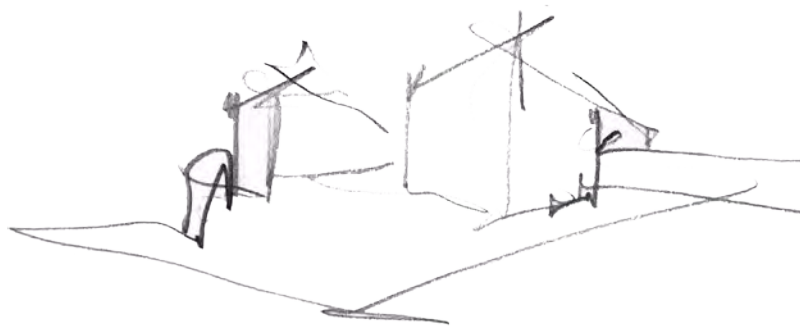


Fig.109_ Alçados Este e Oeste, Vermelhos e Amarelos

3 PROJETO PARA A CASA DA QUINTA DOS CARVALHIÇOS

A proposta para a reabilitação da casa da Quinta dos Carvalhiços, propõe, como principal estratégia, a preservação da autenticidade do conjunto. Como tal, a opção de reabilitar ao invés de construir é a prática que pretende ser a linha orientadora do projeto.

As questões metodológicas de intervenção no património, são aprofundadas considerando o reaproveitamento do pré-existente com o intuito de prolongar a vida útil do edifício e dar resposta às necessidades da cidade.



Fruto de sucessivas reformulações, a casa encontra-se repartida por inúmeras divisões com ângulos distintos, o que torna a clareza do desenho um processo que exige, por vezes, uma certa racionalidade. Porém, esta intenção de conquistar a clareza no meio da confusão não poderia deixar aquém o desejo de retorno à primitividade do refúgio. Através da preservação do existente e tendo em vista a melhoria na organização do espaço, o projeto procura adaptar a Casa às necessidades atuais.

A fragmentação inerente ao projeto surge enquanto contraponto para uma nova situação, mas, acima de tudo, é através de uma interpretação pessoal da complexidade da Casa que se repensa o espaço do habitar. Tanto no território como na cidade, a ideia de fragmento propicia a aceitação da (des)ordem e é a partir desta ideia que se pretende acrescentar um outro “ponto de vista”, onde a tensão e o contraste se debatem lado a lado. Neste sentido, propõe-se, de um ponto de vista formal, a demolição seletiva e a adição de novos elementos pontuados, de modo a manter a Casa, adaptando os espaços às suas novas funções onde, apesar da complexidade, serão respeitados os regulamentos em vigor, nomeadamente o Decreto-Lei 163/2006 de 8 de agosto, que define o regime da acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais e o Despacho Normativo nº 67/89 que se refere às normas reguladoras das condições de instalação e funcionamento dos lares com fins lucrativos de apoio a idosos.

Fig.110_ Esquisso do Autor
Zona dos pátios e relação com as diferentes cotas

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Vermelhos e Amarelos

Alçados Norte e Sul

Escala 1:200

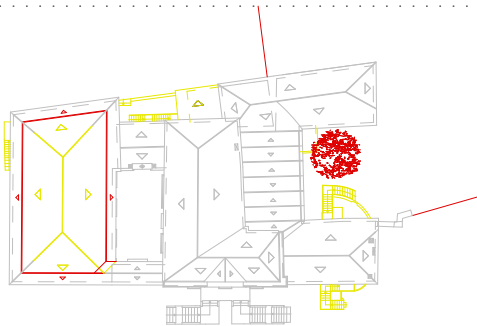


Fig.111_ Alçados Norte e Sul, Vermelhos e Amarelos

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Vermelhos e Amarelos

Planta Piso -1

Escala 1:200

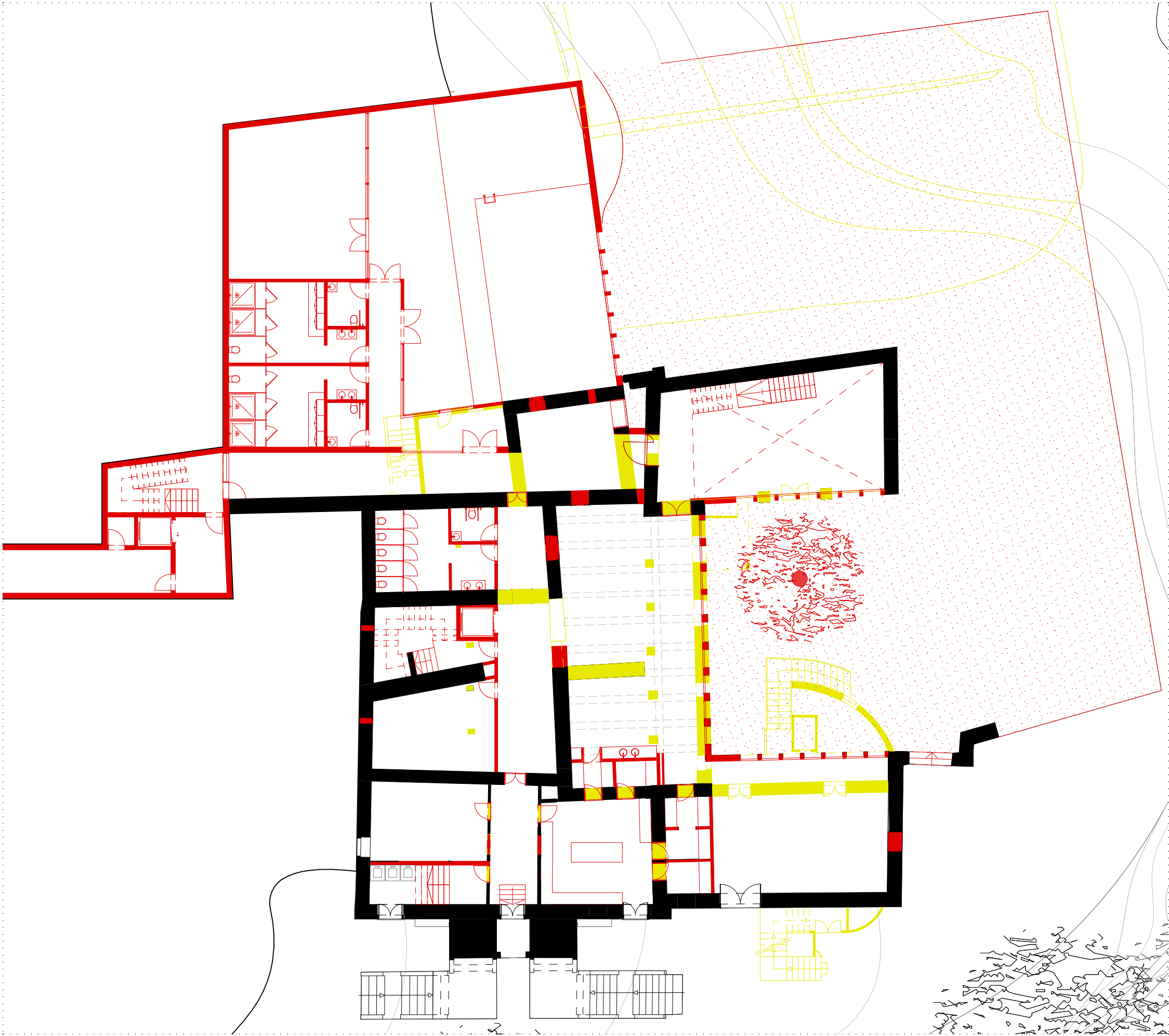
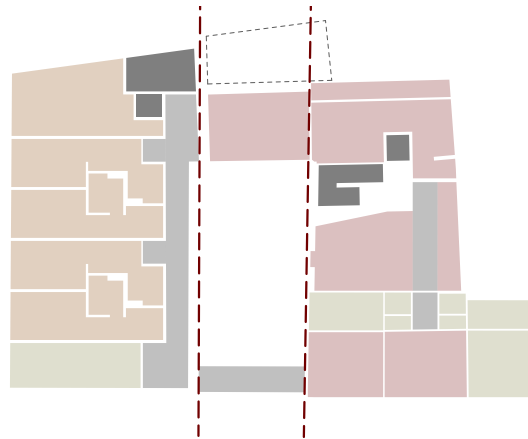
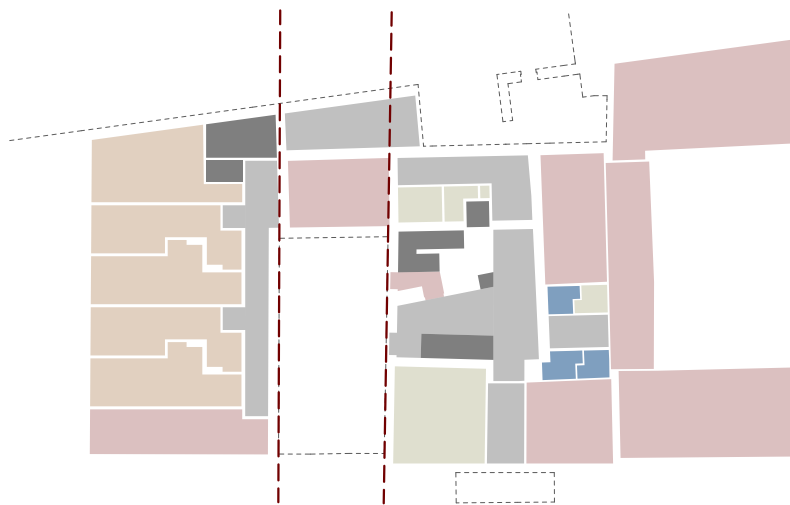


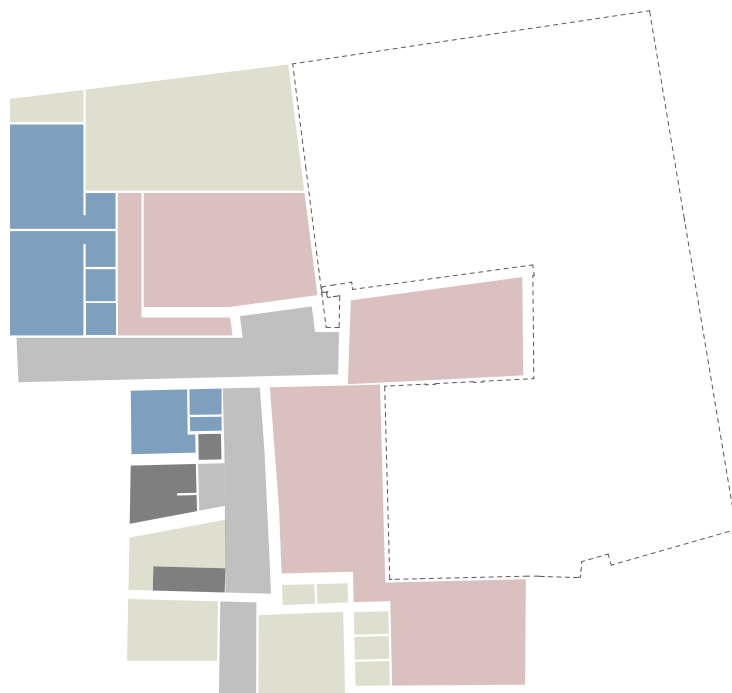
Fig.112_ Planta Piso -1, Vermelhos e Amarelos



Planta Piso 1
Escala 1:500



Planta Piso 0
Escala 1:500



Planta Piso -1
Escala 1:500

Fig.113_Esquema das
funções

- | | | | |
|-----------------------------------|---------------------|---------------------|------------------------------|
| Áreas de Serviços | Espaços Comuns | Acessos Verticais | Pontos de Acesso ao Exterior |
| Instalações Sanitárias/Balneários | Zonas de Circulação | Quartos Individuais | |

Nos Pisos 0 e 1 mantêm-se as divisões e os espaços com detalhes de ornamentação. A intervenção será mais evidente no Corpo anexo e no Piso logea, por ser um local de arrumos, sem acabamentos. Assim sendo, subdividiu-se a Casa em dois momentos: um primeiro dedicado ao habitar individual, situado no Corpo Anexo, e um segundo relativo ao habitar comum a partir da reformulação das funções dos espaços da casa do corpo principal. Um outro ponto que sofrerá alterações é o espaço que envolve a casa, dada a necessidade primordial de promover a acessibilidade e a criação de percursos que possibilitem esta intenção.

Os espaços são definidos de acordo com o seu carácter público ou privado e, segundo Herman Hertzberg, esta deriva do grau de acesso, da forma de supervisão, de quem o utiliza, de quem toma conta dele e das suas respetivas responsabilidades. Porém, o autor também reforça que, ainda que se tenha como base o uso destes princípios, a escolha para definir o espaço depende sempre daquilo através do qual é comparado.⁸⁴ A vontade em designar o carácter de um determinado espaço advém de uma procura de explorar conceitos que, ainda que de um modo rudimentar, possibilitem clarificar a realidade. Este pensamento reflete uma procura em expressar por palavras aquilo que está sujeito à ação dos sentidos e que, por este motivo, se torna um desafio, uma vez que o espaço parte da manifestação do próprio lugar para com o habitante. Começa-se por clarificar o necessário referente a cada espaço para que seja possível reabilitar a casa da Quinta dos Carvalhiços a partir do viver comum na terceira idade. A questão não está em escolher um programa específico, mas antes na escolha de

uma abordagem aos problemas existentes que são transversais a qualquer opção.

Com dimensão distinta, o projeto prevê uma área destinada à apropriação individual e outra relacionada com as zonas comuns. Sendo esta uma proposta pensada para um *viver comum* é natural que os espaços comuns tenham uma expressão maior do que aquelas destinadas ao ser individual.

A zona dos quartos localiza-se a norte, com os vãos orientados para o jardim, onde a calma e a tranquilidade abundam, para um momento de descanso. Já a Sul, encarando São Miguel de Outeiro, vãos de dimensão significativa emolduram a paisagem sob a sombra de um carvalho, onde por entre a luz e a sombra se criam momentos de partilha de experiências e conhecimento que alimentam o rejuvenescer das histórias, da vida. Deste modo, este sistema comporta dois núcleos, norte e sul, onde a partir destes é possível haver um percurso circular que permite chegar a todos os espaços. Não só por facilidade de acessos, mas também por uma questão de controlo social. Esta é uma das questões essenciais neste modelo de habitar, visto que, se pretende que permaneça a liberdade individual.

Assim sendo, usa-se os topos do Corpo Anexo para a localização dos acessos e ligação com as restantes partes da Casa e um núcleo central no Corpo Principal. Os dois volumes relacionam-se a partir de passagens, uma a oeste e outra a este. Uma vez que os pisos dos dois Corpos se encontravam a cotas distintas, esta relação pedia uma alteração no que concerne às passagens entre eles. projeto

⁸⁴ HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 1996, p.141

A proposta pretende não condicionar a acessibilidade dos habitantes, pelo que o sistema de entrada teve de ser repensado. Como na maioria das Casas Senhoriais, a entrada principal caracteriza-se por uma escadaria de acesso direto ao Piso 0.

Pretende-se manter a entrada a partir do mesmo piso, no entanto, para isso seria necessário alterar o sistema de acesso, evitando o uso de escadas. Assim sendo, a abordagem escolhida para contrariar este ponto passa por criar uma zona central, transversal às duas fachadas, que constitui um único núcleo de distribuição. A criação de uma outra entrada, acessível, passa a ter um carácter principal e liga os dois acessos a um só ponto comum, um átrio, um espaço de convívio, a partir do qual se conectam todas as partes. Tal como na Reconversão do antigo sanatório ferroviário, na Covilhã, de Eduardo Souto de Moura, A escada existente passa a ter um nível simbólico, representativo da história do lugar, um marco que enfatiza a hierarquização de poder e é parte essencial na composição da fachada; enquanto o novo acesso é, de um ponto de vista formal, uma necessidade. Neste sentido, como se pode verificar no Corte F, propõe-se a criação de uma praça a Este que recebe quem entra na propriedade e dá um novo sentido a uma das fachadas secundárias. A partir da preservação do telhado existente na ala sudeste, a parte da ruína que encaminharia a construção futura é, agora, apropriada como ponto de partida para o novo.

Outro facto importante consiste na incorporação de um elevador para o acesso livre aos vários pisos da casa. Com o intuito de potenciar uma certa clareza, opta-se por, a partir do espaço central da casa, se implementar os acessos - a escada e o elevador⁸⁵. Ao

deixar uma das paredes primordiais da casa, enquanto memória, a intenção recai numa ruína que separa e liga os acessos e surge no espaço como um elemento escultórico. O vão presente na parede é um elemento surpresa, através do qual se possibilita a correlação entre os espaços que, apesar de se encontrarem na mesma área estão individualizados por este vestígio. Esta opção em manter a ruína e a partir dela deixar o novo crescer é trabalhada na obra de Eduardo Souto de Moura e é, não só como também, uma das grandes referências no que toca à intervenção a partir do existente.



Fig.115_ Esquizzo do Autor
Estudo da Intervenção do arco em ruína a partir da colocação de escadas de acesso ao pátio a sul

escadas tem uma profundidade (cobertor) não inferior a 0,28m e uma altura (espelho) não superior a 0,18; no Anexo 2.6.1: Os patamares diante das portas dos ascensores têm dimensões que permitem inscrever zonas de manobra para rotação de 360graus; no Anexo 2.6.2: Os ascensores possuem cabinas com dimensões interiores entre os painéis da estrutura da cabina, não inferiores a 1,1m de largura por 1,4m de profundidade; no Anexo 2.6.4: As portas dos ascensores possuem uma largura útil não inferior a 0,80m.

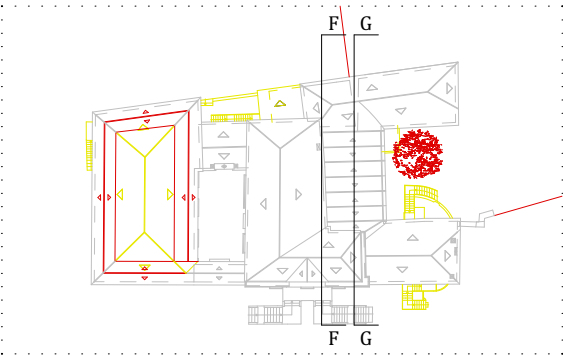
⁸⁵ É importante referir que para a escolha destes elementos teve-se em consideração o Decreto de Lei 163/2006 de 8 de agosto, no Anexo 2.4.1: A largura dos lanços e patamares das escadas não são inferiores a 1,2m; no Anexo 2.4.3: Os degraus das

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Vermelhos e Amarelos

Corte F e G

Escala 1:200

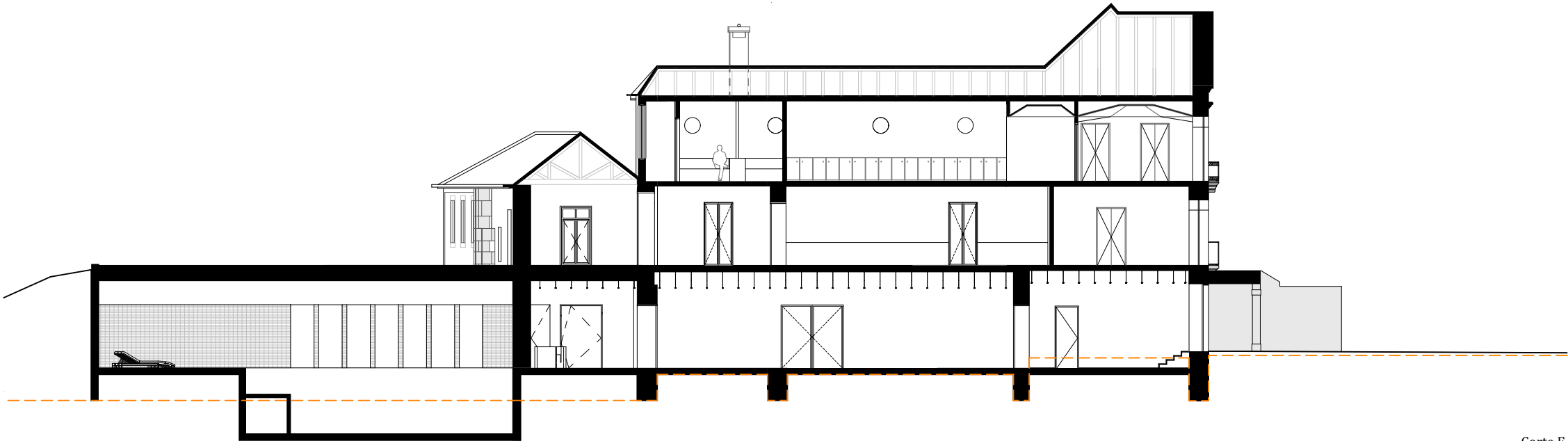
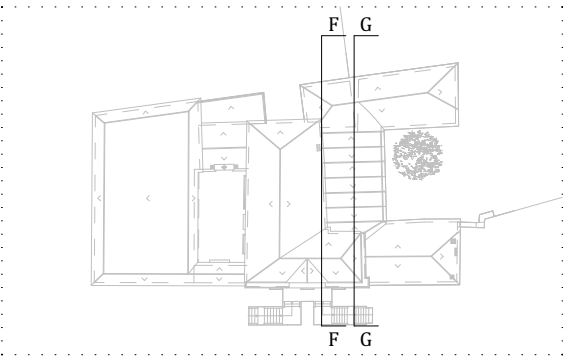


Corte F

Proposta

Corte F e G

Escala 1:200



Corte F

Fig.116_ Corte F e G, Vermelhos e Amarelos
Fig.117_ Corte F e G, Proposta

A proposta de reformulação da casa surge como uma interpretação das necessidades do tempo e da época e através da interdisciplinaridade das várias áreas. Como abordado anteriormente, considera-se que a arquitectura deve partir da realidade e da análise do contexto juntamente com a história do edifício e do território. Contudo, deve existir espaço para a interpretação e desenvolvimento de uma proposta que é resultado de uma interpretação e julgamento crítico. Não está em causa a importância do reconhecimento e valorização do arquitetónico, mas antes na aceitação de uma proposta que advém de uma perspetiva crítica e consciente da realidade. Neste sentido, para além do acrescento ao piso -1, há também a adição de um volume localizado na entrada que, em contraponto ao existente, auxilia nos acessos a todos os níveis a ambos os volumes.

O projeto é apresentado a partir de três vivências, Habitar Sozinho - o foco é o módulo do quarto, o espaço individual - Habitar Acompanhado - a essência se revela a partir do percurso até às zonas comuns - Habitar Sozinho Acompanhado - onde o viver comum se revela em mais do que o espaço comum partilhado no interior da Casa.

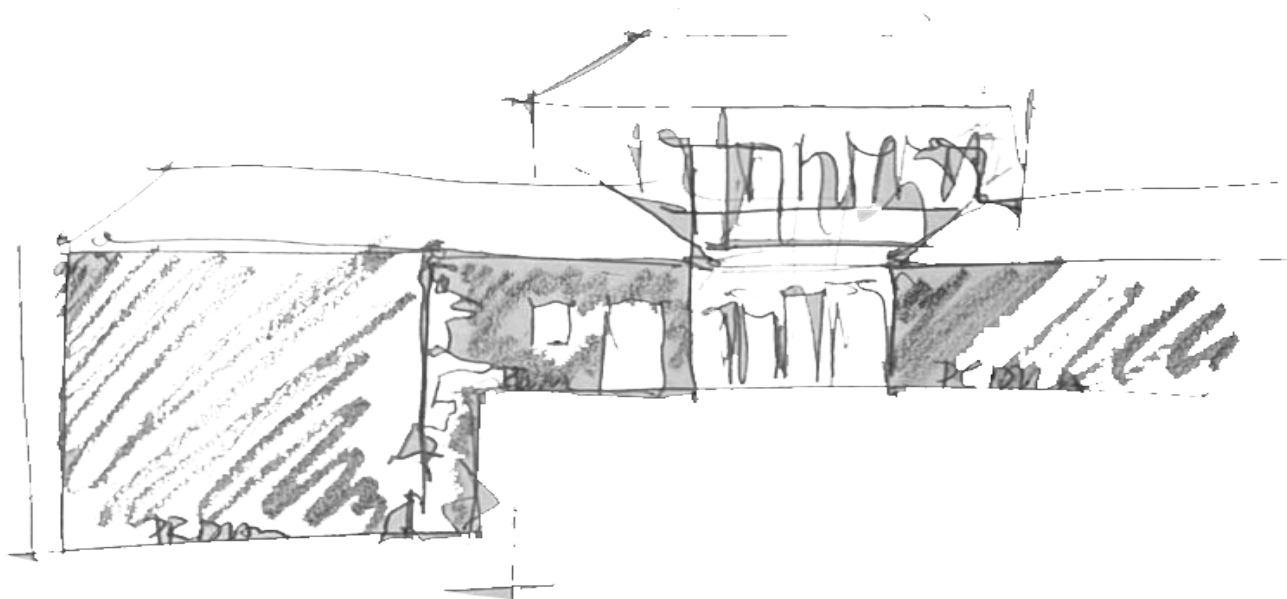
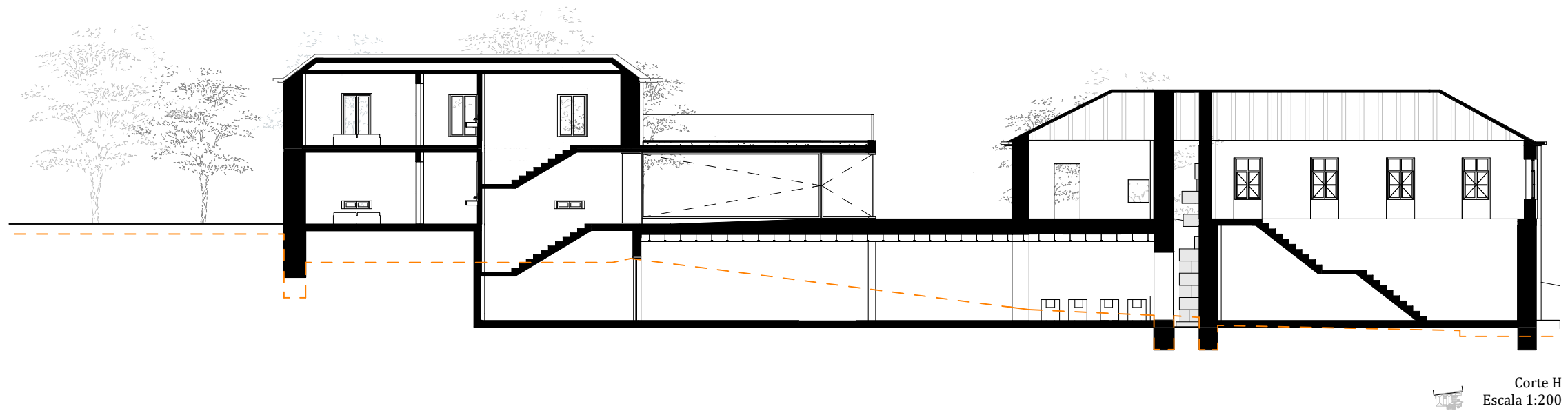
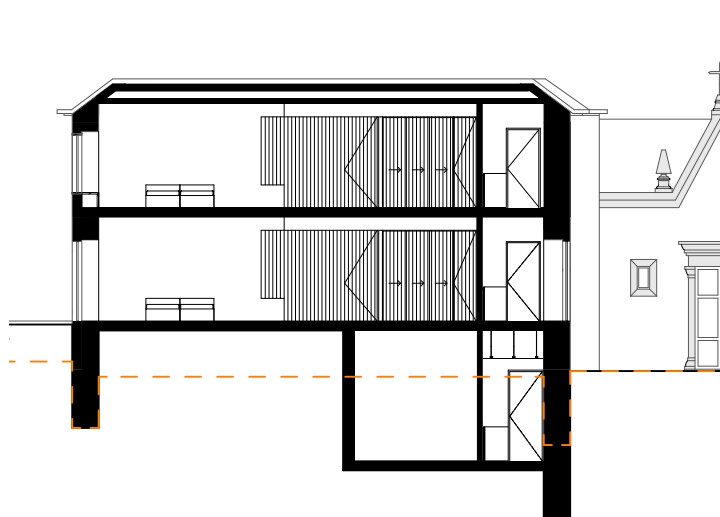


Fig.118_ Esquisso do Autor: Estudo da nova entrada e do volume acrescentado





Planta Piso 0
Escala 1:200



Corte B
Escala 1:200

Fig.120_ Planta e Corte da Zona dos Quartos, Proposta

3.1 HABITAR SOZINHO

“[...] a identidade pessoal nasce, realmente, da solidão, dessa solidão que é como espaço vazio necessário que estabelece a descontinuidade.”⁸⁶

Estar bem e estar sozinho depreende um reconhecimento pessoal e uma procura pela própria identidade. A solidão não é vista somente como um processo negativo como também algo necessário. A intimidade está diretamente relacionada com a marcação da identidade de cada um, tanto a partir do espaço personalizado pelo indivíduo ou pelo próprio grupo. No entanto, através da necessidade de projetar um lugar a partir de uma pragmatização destes conceitos, surge a questão: Quais são os limites da individualidade e como se desenham? Ao (re)pensar o espaço de habitar é relevante ter em consideração que não se está apenas a considerar o espaço físico, mas também o psicológico e emocional, uma vez que o modo como se vive expressa o próprio estilo de vida. A escolha da casa é apenas o reflexo disso. Como se sabe, o espaço íntimo é o lugar onde ocorre a intimidade, porém, para que esta seja possível, é necessário ser um lugar que transmita aconchego e essa sensação diz respeito apenas à própria pessoa. À semelhança de um abrigo, também o espaço íntimo se pode traduzir como um lugar de refúgio e a casa, o lar, o lugar onde se vive, acaba por desempenhar esse papel.

3.1.1 O QUARTO

Tendo em conta os diversos espaços de uma habitação, a zona de dormir é aquela que, a um primeiro olhar, contém um maior grau de intimidade. Porém, tendo em atenção os princípios definidos por Hertzberger, são as atividades e os usos que caracterizam o caráter de um espaço, ou seja, um quarto por si só é *neutro*.⁸⁷ Atualmente, através das novas tecnologias é possível estar no quarto - caráter privado - e em comunicação com o mundo; assim como se escolhe a rua - caráter público - para usufruir de um momento individual e de reconexão. A imagem de um espaço ao ser relacionada com a intimidade não tem de ter necessariamente uma vertente solitária ou encontrar-se circunscrita entre paredes. O espaço íntimo pode existir na relação com diversos elementos - a natureza, a solidão ou mesmo no meio da multidão - uma vez que é na relação que o habitante estabelece com o espaço que está a intimidade.

O módulo relativo ao quarto desenha-se numa dinâmica de simbiose, contendo um núcleo que agrega aquilo que se considera serem as necessidades básicas essenciais. Composto pelo espaço de dormir, instalação sanitária⁸⁸ privativa e uma *kitchenette*, permite que o habitante assuma total responsabilidade pela sua *casa* e que permaneça a liberdade, por vezes, comprometida. Esta relação pretende contrariar a acomodação a serviços e promover a atividade das pessoas, com o

⁸⁷ SCHMID, Susanne; EBERLE, Dietmar; HUGENTOBLE, Margrit; A History of Collective Living: Forms of Shared Living, birkhauser, 2009, p.16

⁸⁸ Nos módulos dos quartos, de acordo com o Decreto de Lei 163/2006 de 8 de agosto, no Anexo 4.1.1, a instalação sanitária tem zonas livres de 0,75m por 1,20m num dos lados e na parte frontal da sanita. Junto à sanita, existem barras de apoio lateral distanciadas a 0,35m ao eixo da sanita e estão adjacentes à zona livre, e, portanto, são rebatíveis na vertical (Anexo 2.9.4). A barra de apoio tem capacidade de suportar uma carga não inferior a 1,5kN, aplicada em qualquer sentido (Anexo 2.9.16). É possível inscrever uma zona de manobra para rotação 360º, não afetada pelo movimento de abertura da porta de acesso.

⁸⁶ ZAMBRANO, María; O Homem e o divino, Relógio d'Água, 1995, p.246

intuito de evitar a evolução da dependência. Contudo, sabendo que o objetivo é o desenho por um *viver comum*, como se pode ver na planta do Piso 0 na página anterior, a *kitchenette* está inscrita no núcleo que agrega as várias componentes do quarto e contém uns painéis de madeira que permite tê-la oculta. A escolha na uniformização do espaço contendo o mínimo possível advém de uma consciência apreendida a partir de experiências pessoais, onde se reconheceu existir uma preferência por quem habita de se apropriar do próprio espaço. Com isto, não se pretende um distanciamento do espaço na relação com o habitante, pelo contrário. Na Residência Sénior, em Alcácer do Sal, dos Aires Mateus considera-se que há um desapego da apropriação do espaço de dormir em comunhão com o aconchego da casa, o quarto equipara-se a um hospital, talvez pela brancura ou a escassez de um ponto de conforto. Como visto outras obras abordadas no capítulo anterior, em *Estratégias Projetuais*, considera-se que o uso da madeira alude ao conforto e, como tal, é este o elemento escolhido para o núcleo que contém as várias funções no quarto.

Num primeiro momento, o objetivo é antecipar as mudanças em vez de predeterminar um espaço imóvel onde, após a ocorrência de uma mudança drástica da mobilidade da pessoa, a habitação adquira fraca qualidade espacial.⁸⁹ A altura da janela e o espaço de viragem para cadeira de rodas não deveria ser um tópico que surgisse pontualmente no espaço de habitar. Como é que se pode considerar um espaço flexível se está especificamente determinado os únicos percursos e os escassos sítios de viragem para aqueles que, pela realidade da sua condição física, mais flexibilidade precisam?

No fundo, a flexibilidade resume-se a uma premissa que, a partir da disposição dos elementos no espaço, seja possível a maior variedade nos modos de ocupação.⁹⁰

Por motivos formais, a área disponível para aquele que se considerou ser o local mais favorável para a ocupação dos quartos, não permite uma maior permeabilidade. Deste modo, optou-se entre o núcleo agregador das funções básicas e os limites do quarto, por introduzir um espaçamento tal que possibilita reformular o *corredor comum* num espaço habitável. Assim sendo, tendo em conta as limitações subjacentes ao reaproveitamento de uma pré-existência, este espaço adquire uma largura de 1,5 metros onde, a partir de um rebaixamento da altura do teto, se pretende criar uma distinção e hierarquia de zonas. Na relação com o exterior e no vão da janela já existente, a atenção recaiu mais propriamente na altura a que esta se encontrava e no modo como, para aquele que perde a mobilidade, o olhar o espaço se encontra. É importante, independentemente da condição física, evitar que também o espaço seja uma condicionante.

Há ainda um outro momento relevante, pelas dificuldades em introduzir os temas da acessibilidade. A instalação sanitária de cada quarto deve traduzir-se num “ótimo espaço para o recreio e o descanso do corpo”⁹¹ e como tal, esta proposta pretende dar resposta a essa necessidade. A partir da organização do espaço, os elementos estão interligados e enquadrados num panorama onde, não através da dissimulação, mas sim da aceitação, são vistos enquanto parte integrante do projeto.

⁹⁰ LAMEIRA, Gisela; ROCHA, Luciana Rocha; Mapa da Habitação: Guia para uma terminologia específica em Arquitectura habitacional apoiada pelo Estado em Portugal [1910-1974], Porto, FAUP, 2019, p.118

⁹¹ Sabater, Txatxo, Guasch, Ricard; Maldonado, Josep (col); Novos Descritores, Novos Operadores Projetuais, (Tradução, Revisão e Notas - CARNEIRO, Luís Soares; SANTOS, André; ROCHA, Marta; CASANOVA, Maria José; VIEGAS, Luís; RIBEIRO, Hélder Casal; GINOULHIAC, Marco), CEAU_FAUP, Ediciones del Viaducto SLU, 2018, p.9

⁸⁹ THOMPSON, Marisela; Cohousing Design Strategies for Active Aging, UNLV Theses, Dissertations, Professional Papers, and Capstones, University of Nevada Las Vegas, 2016, p.42

Na sua essência, o quarto é um espaço que aceita o existente e se adapta a partir de uma segmentação do interior. Como se pode verificar no Corte J, as janelas não se encontram todas na mesma posição, uma espécie *sui generis* que dá a liberdade a cada história para que seja igualmente relevante e, apesar de distinta, quando junta por um mesmo espaço conta uma história comum.

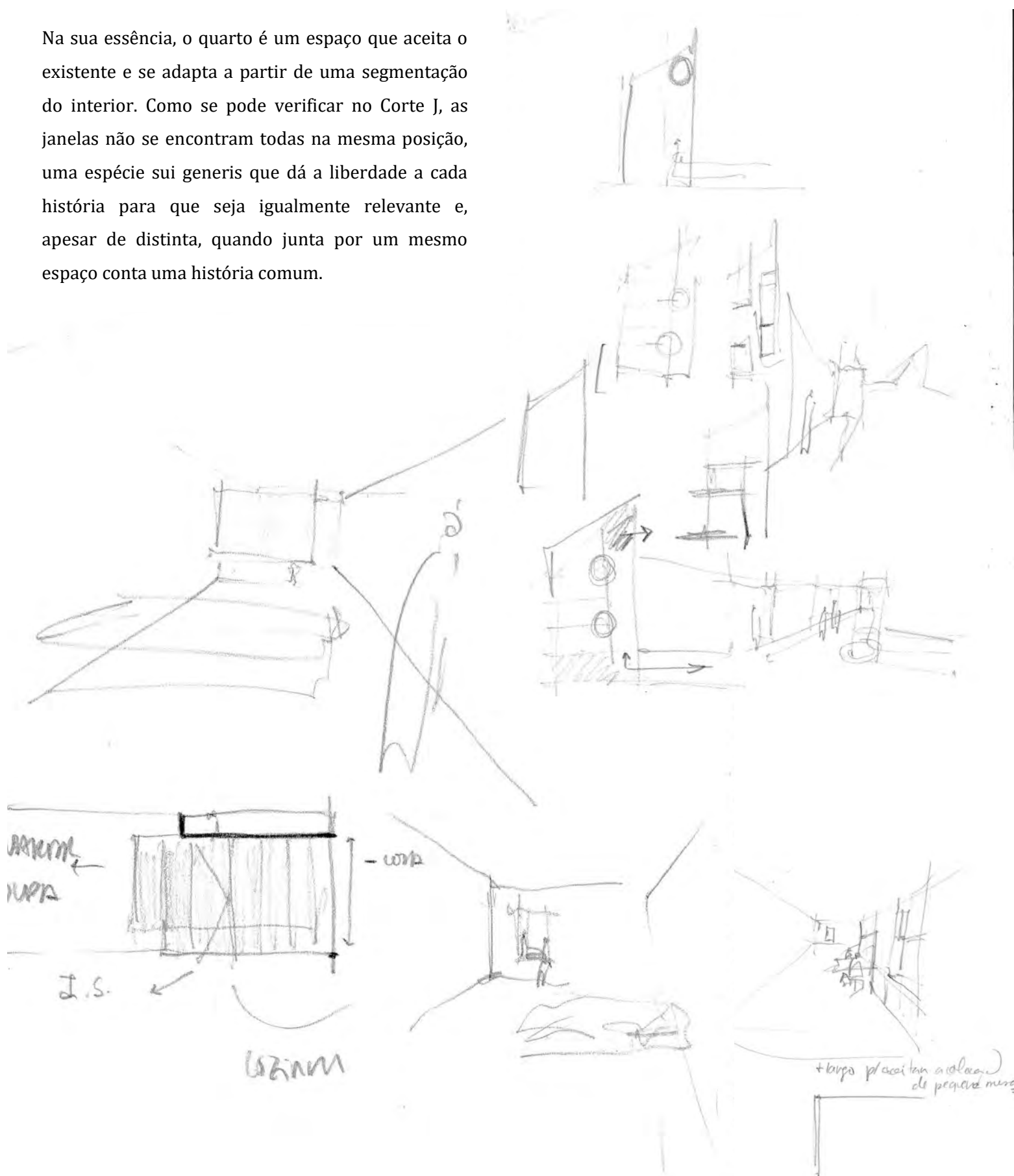


Fig.121_ Esquisso do Autor



Corte K
Escala 1:200



Corte I
Escala 1:200

3.2 HABITAR ACOMPANHADO

3.2.1 O(S) PERCURSO(S)

A PARTIR DO QUARTO

Neste espaço, a distância de passagem e de paragem, que corresponde ao *umbral*, é marcada pela escolha dos elementos que a envolvem.

Ao observar o projeto Homes for Senior Citizens de Peter Zumthor, há uma grande abertura na relação com o espaço de circulação que é possível a partir de existir uma maior proporção na largura dos módulos do quarto na relação com o espaço de circulação. Deste modo, reconhece-se que, por se tratar de uma pré-existência, não se está perante a solução mais favorável de comunicação na relação do quarto com o espaço de circulação. Uma vez que o lado de maior dimensão do quarto não está relacionado com o espaço de circulação, diminui a probabilidade de interação com contactos interpessoais. Ainda assim, os caixilhos existentes na porta na zona em comunicação com a *kitchenette*, ver corte C, são usados para facilitar a comunicação e momentos de “distração” da rotina. É relevante reforçar que, assim como há degradação dos espaços no contexto geral, também a *kitchenette* se encontra num *limiar de acesso*, sendo este o primeiro momento entre o espaço comum, de todos, e o pessoal, onde se encontra a cama.

Na origem das palavras, ao contrário de espaço íntimo, o espaço privado pressupõe, como o próprio termo indica abster-se de algo, seja ele de pessoas, de bens ou do mundo. No entanto, ao longo do tempo, o sentido das palavras tem sofrido alterações e, atualmente, um espaço privado não pressupõe privação, mas antes a possibilidade de um espaço de recolha. O fato de ser possível evitar a indesejada interação social leva a promover a privacidade e, por norma, facilita a interação social.⁹²

Não só a partir deste momento, mas sendo este exponenciado, dá-se importância à janela, a vista que permite a distância e a proximidade com o que está para lá dos limites do espaço. Este conceito é traduzido não apenas em Drie Hoven de Hertzberger como em Homes for Senior Citizens de Peter Zumthor e, neste sentido, a janela do espaço pessoal na relação com o “exterior” e desse mesmo espaço na comunicação com o interior - a passagem que interliga os espaços são tema de projeto.

A união dos módulos é realizada a partir do corredor e, embora seja um método comum e eficaz, por vezes a sensibilidade em criar abertura em determinados lugares nos espaços de circulação enquanto lugar de paragem, permite que, possa surgir o momento de encontro, com oportunidade para pausas sem que se tenha de formalizar a entrada no espaço pessoal. Como abordado anteriormente, há semelhança do projeto Homes for Senior Citizens de Peter Zumthor e de Nursing



Fig.123 e 124. Relação da porta com o corredor e da relação com o mesmo em Homes for Senior Citizens, de Peter Zumthor

⁹² “The ability to avoid unwanted social interaction are also important. In fact, supporting options for privacy usually facilitates social interaction.” Tradução própria. REGNIER, Victor; Design for Assisted Living: Guidelines for Housing the physically and Mentally Frail, John Wiley & Sons, New York, 2002, p.256

Home na Áustria, de Peter Rosegger, onde o espaço de circulação adquire uma escala que possibilita mais do que a ligação entre pontos, no presente trabalho, o **corredor**⁹³ com as suas especificidades é a concretização desta intenção e desempenha o papel de distribuição para os diversos momentos, assim como as ruas na cidade o fazem naturalmente. A **janela** atua enquanto estímulo necessário na quebra da uniformização. Assim sendo, tendo enquanto premissa a sociabilização, transporta-se esta intenção para o projeto a partir do elemento de acesso ao quarto - **a porta**- criando a ponte a partir do lugar mais íntimo - o quarto. Esta, uma vez que subdivide em partes opacas e transparentes, para além de passar a ser mais uma fonte de entrada de luz no espaço pessoal, proporciona a comunicação com os outros. A interação possibilitada através do olhar é potenciador de dinâmicas no espaço não só para quem passa como também para aquele que escolhe permanecer no espaço pessoal. Por este mesmo motivo, considera-se uma ferramenta de desenho e um potenciador de ligações que, ao ser integrada na proposta, vai ao encontro do objetivo – o desenho do espaço para um *viver comum*.

De certo modo, a liberdade pessoal mencionada anteriormente pode-se refletir através da apropriação do espaço, a partir da reestruturação da disposição da mobília ou na colocação de detalhes pessoais, como por exemplo, no peitoril da janela. É a partir deste momento que o sentido de Casa começa a ganhar as características que a tornam um “porto de abrigo”. Tendo como ponto de partida esta intenção, pretende-se que o utilizador se possa apoderar do espaço e acrescentar neste as

suas memórias. A partir do momento que se encara a casa enquanto espaço de conforto e onde, mesmo nas zonas comuns, como abordado anteriormente, há espaço para a intimidade, abre-se então a necessidade de permitir que o espaço seja condescendente por quem o habita. A intenção abordada é tema presente na obra de Herman Hertzberger. O autor transporta este ideal sobre a forma de *intervalo*,⁹⁴ através do qual vê a *soleira* enquanto parte integrante da casa e da rua. A rua, o exterior, adquire uma qualidade comunitária. Torna-se um ponto de atratividade que convida à paragem, à socialização. Este momento permite a criação de uma diversidade de acontecimentos e, simultaneamente, uma pluralidade na caracterização, surge o *espaço entre*.

Por outro lado, é precisamente nas zonas de passagem que também se convida à paragem. As conversadeiras existentes no Piso térreo do corpo principal são usadas como referência e adaptadas à proposta no piso 1 do corredor dos quartos. A escolha em enquadrar estes elementos na nova construção advém da conciliação da arquitetura à fragilidade do homem. Um apoio, um espaço de repouso, é no fundo ir ao encontro de um meio apropriado a esta faixa etária.

125



126



Fig.125 e 126. Fotografia a partir do interior do corpo anexo (no projeto- zona dos quartos)

⁹⁴ HERTZBERGER, Herman; *Lições de Architectura*, São Paulo, Martins Fontes, 1996, p.32

⁹³ À exceção do corredor da zona dos quartos que tem aproximadamente 1,5m de largura, respeitando as medidas mínimas de 1,20m de largura (Decreto de Lei 163/2006 de 8 de agosto, Anexo 2.3.1), a largura dos corredores comuns não é inferior a 1,8m (Decreto de Lei 163/2006 de 8 de agosto, Anexo 3.5.2) o que possibilita o cruzamento e o movimento dentro da Casa.

3.2.2 O ESPAÇO COMUM

O percurso que define a hierarquização do grau de acesso. Este é determinante para a caracterização do espaço, isto é, quanto mais direto o acesso a uma divisão, maior o seu caráter público e, simultaneamente, menos privado. Não se pretende categorizar o caráter público e privado dos espaços, até porque, em muitas situações, este resultado é ambíguo, interessa antes compreender a percentagem de cada um e isso é visto através do percurso até o alcançar. O caminho é um meio que permite clarificar esta intenção. Não é por acaso que o volume destinado aos quartos não se encontra junto ao das zonas comuns. Pressupõe-se que a privacidade esperada pelo usuário neste último é menor. No entanto, não significa que se deva assumir que esta ideia se transponha na inexistência de espaços com uma maior privacidade. Contudo, há que ter em atenção que o projeto é de habitação e, como tal, a pluralidade de acontecimentos que se pretendem promover não deve ser comparada a “uma arquitetura que não permite descanso, onde o olhar fica detido numa multiplicidade de incidentes aos quais o arquiteto deu atenção e que nossos olhos forçosamente descobrem”.⁹⁵ Considerou-se importante a integração de espaços de repouso que, pela sua vertente única não potenciam passagens entre salas, nem a criação de um ambiente confuso. O que está em causa são as zonas que encontram os seus acessos contíguos e, por esse motivo, impeditivos de gerar distúrbio. No projeto, esses momentos são considerados a zona da **biblioteca** no Piso 1 e a **sala de estar** do Piso 0. Quanto mais afastado do local de passagem, mais surgirá o ponto de repouso.

Ainda que o objetivo seja proporcionar o viver em comunidade, importa que não seja obrigatório ou imperativo. Com vista a manter esta necessidade na dualidade do espaço, a separação por completo da zona comum da zona dos quartos, permite criar núcleos distintos e, conseqüentemente, uma certa flexibilidade de percursos.

A escolha do sistema de distribuição não é somente relativa a questões formais. Uma vez estando presente a temática associada ao viver comum há, para além das necessidades basilares de conectar os diversos pontos, um fundamento de índole social que pretende ser o fomentador na organização do espaço. Unir todos os pontos de modo a propiciar um percurso rotativo (ver Figura 128) pelos diversos núcleos permite não só uma facilidade no acesso direto, mas acima de tudo potencia o contato. Ao confrontar os dois núcleos de acesso, os localizados no corpo principal têm uma natureza social. A sua chegada está sempre em comunicação com zonas de estar, favorecendo o contato e a comunicação com o outro. Pelo contrário, o acesso vertical que contém o corpo anexo, destinado à zona de dormir, é por sinal mais privado, a transição entre o público e privado é leve e quase imediata, acabando por auxiliar a restringir os encontros duradouros.

127



Fig.127_Conversas de Corredor;
House for Senior Citizens, Chur,
Peter Zumthor

⁹⁵ MONEO, Rafael; *Inquietação Teórica e Estratégia Projetual*, Coleção Face Norte, Barcelona, 1937, p.43

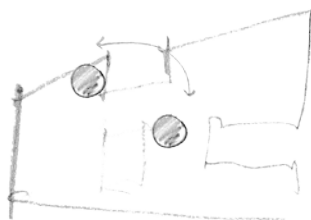
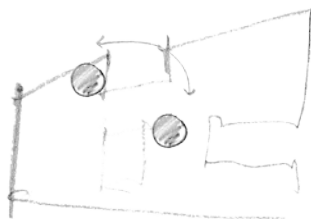


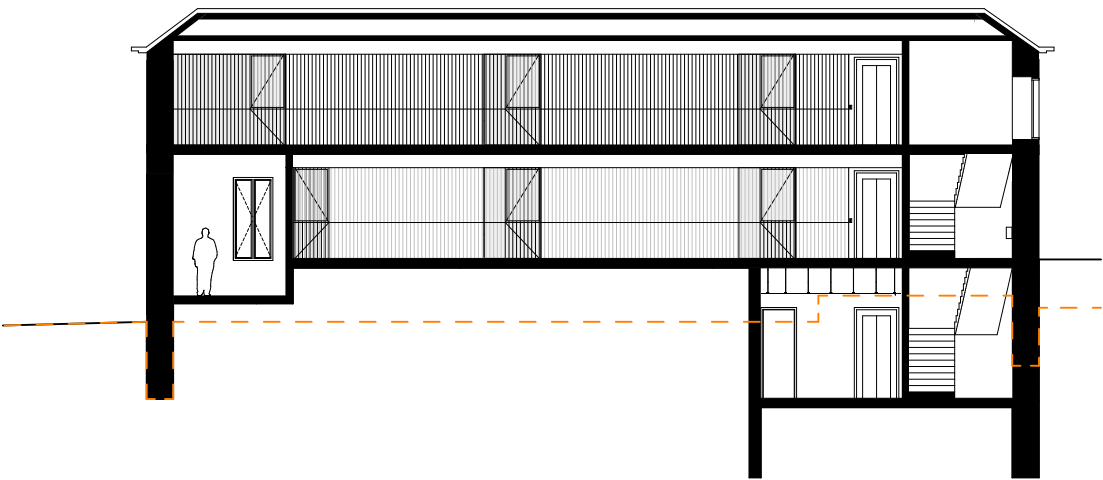
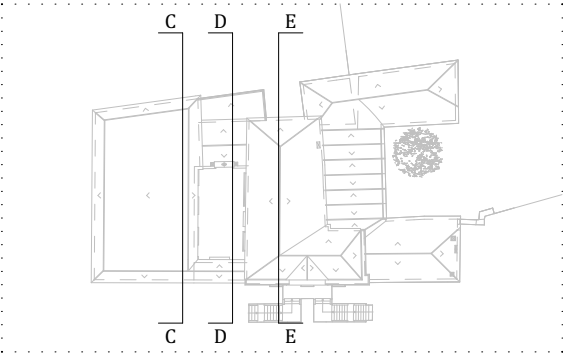
Fig.128_ Esquisso do Autor
Movimento circular entre Pisos
Por ordem: Piso -1, Piso 0, Piso 1

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

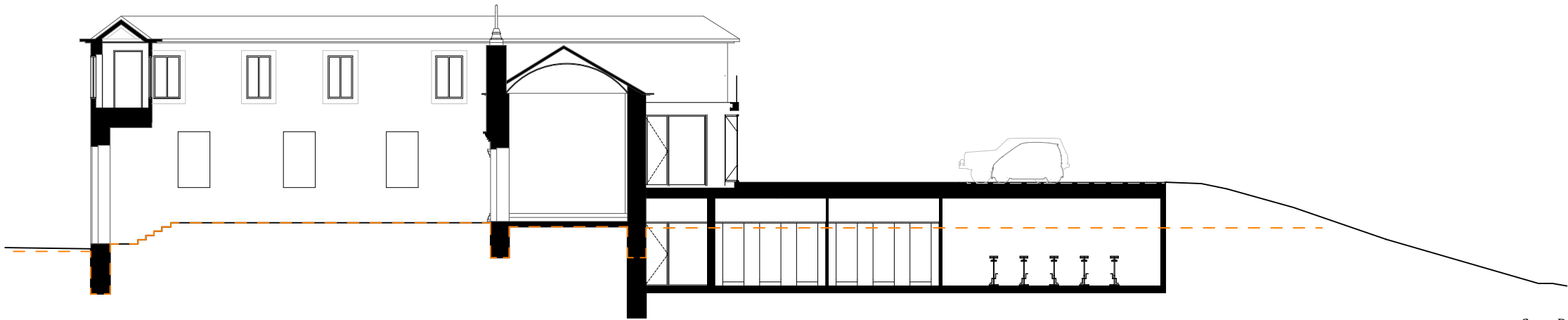
Proposta

Corte C, D e E

Escala 1:200



Corte C



Corte D



Corte E

Fig.129_Cortes C,D e E, Proposta

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Proposta

Planta Piso 1

Escala 1:200

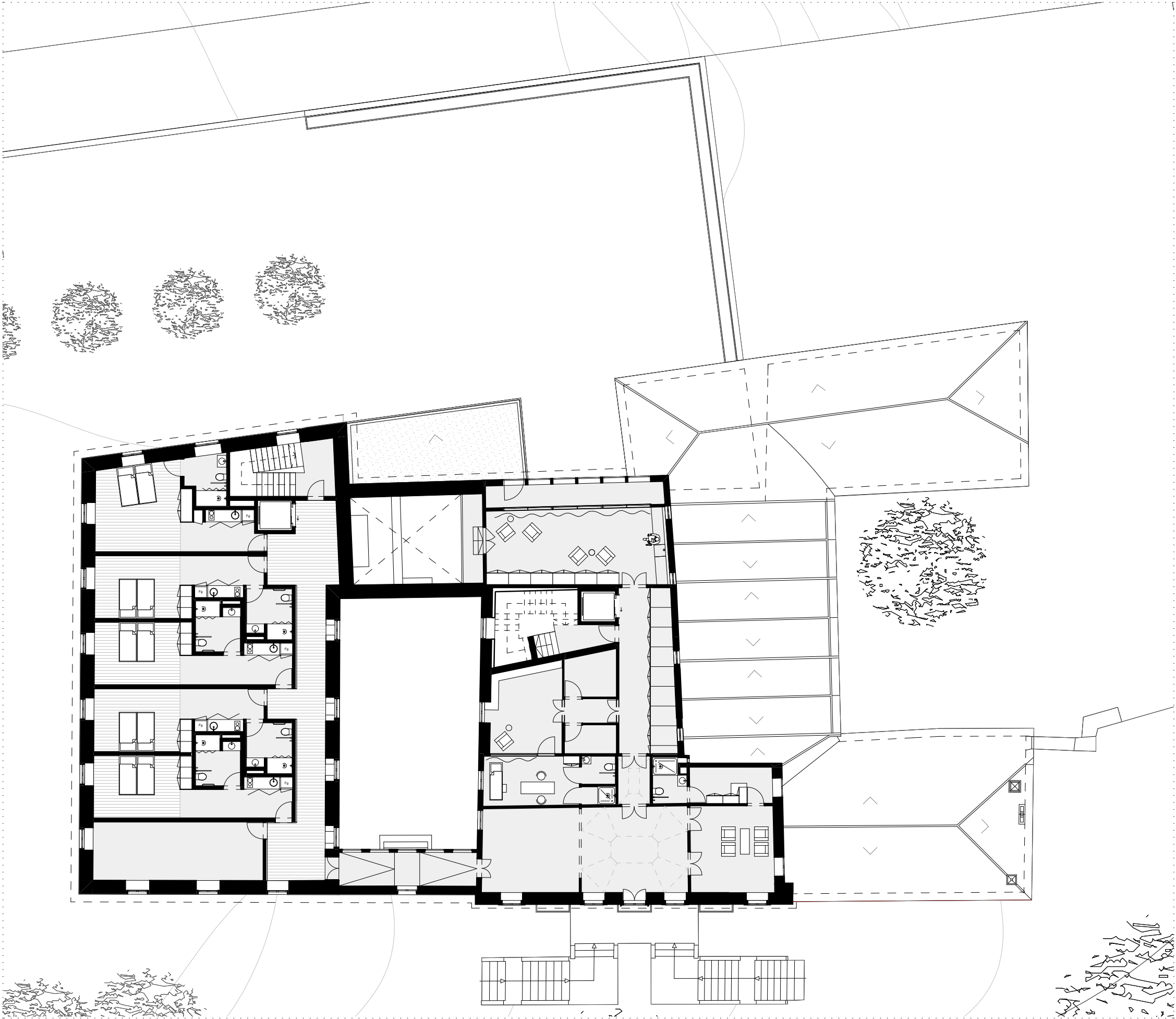


Fig.130_Planta Piso 1, Proposta

Tendo a divisão dos espaços na gradação do grau de privacidade que, naturalmente, estes emergem, prioriza-se a centralidade inerente ao projeto. A partir desta, de acordo com as necessidades da proposta, ocorre uma subdivisão dos espaços, na qual a funcionalidade, a flexibilidade e a polivalência pretendem ser os pilares da nova (re)estruturação do espaço.

Neste sentido, destacam-se os seguintes espaços: no Piso 0 a zona da **galeria** e a **sala** que lhe sucede; a **sala polivalente**; no Piso 1, a zona da **biblioteca**.

No primeiro, privilegia-se a flexibilidade do espaço como tema central, para isso propõe-se o uso de elementos que permitam coexistir de um modo versátil. O local de atravessamento é um híbrido entre os vários espaços que, consoante a necessidade, podem estar abertos ou encerrados, promovendo assim uma pluralidade de acontecimentos. No fundo procura-se uma área capaz de receber *estímulos* e, por se localizar entre espaços de circulação e esta ser também um meio de passagem, acautela o isolamento e foge à norma do que é a “sala de estar” ou a “sala polivalente” num lar de idosos. A Residência Humanitas Bergweg, em Roterdão, de EGM Architecten é um exemplo desta quebra no padrão, o espaço de convívio coexiste com o átrio que contém uma zona comercial em comunhão com a cidade.

A **galeria** é equiparável a um corredor largo, à rua da cidade, desempenha um papel distributivo para diferentes serviços, é a partir dela que se chega, mas também onde é possível parar e observar a vida ao seu redor. Considera-se assim um elemento que agrega várias relações e basilar ao edifício. É um espaço de múltiplos propósitos por trazer benefícios à vida de por quem lá circula. É através dela que se permite a ligação com o espaço, com a paisagem, com os outros, com o íntimo.

No segundo, a **sala polivalente**, como o próprio nome anuncia, pressupõe ser um espaço capaz de arrecadar um misto de situações onde, de um maior número de acessos exponencia a versatilidade de um mesmo espaço. Esta encontra-se a sudeste da proposta e tem um pé direito duplo. Tem-lhe adjacente uma mezzanine que, pela sua escala, é mais do que uma passagem, pode ser considerado o espaço de *intervalo* que interliga as diversas cotas e permite observar as dinâmicas decorrentes. A deliberação do local mais conveniente para esta função na pré-existência da casa revelou ser este espaço devido à facilidade de acesso ao pátio exterior e à possibilidade de ter pé direito duplo para a execução de atividades⁹⁶ que se possam querer realizar.

Por último, a **biblioteca**, por se situar num extremo da casa e, para a alcançar, o percurso encaminha a procura da tranquilidade, leva a uma hierarquização dos espaços para atingir o silêncio e a calma. A escolha do espaço de leitura neste ponto advém da semelhança da sensação que se espera de uma biblioteca com a da entrada numa capela, uma vez que, neste mesmo compartimento há a existência de uma porta que leva à galeria da capela e a similaridade do caráter íntimo e solitário destes espaços fez com que fosse uma escolha patente. Uma das peculiaridades da zona da biblioteca é a chaminé existente onde era a cozinha e ganha agora vida através da sua reutilização. A partir da criação de um banco que integra uma salamandra pretende-se integrar no desenho do espaço e funcionar como método de aquecimento e conforto para quem *vive* a Casa.

⁹⁶ Para a realização de jogos com o envolvimento de bolas considera-se que a inexistência de elementos frágeis neste piso é um ponto positivo e adequado à respetiva função.

Na mesma lógica do banco e das conversadeiras apresentadas anteriormente surge o **corrimão**⁹⁷ que acompanha no percurso e salvaguarda a queda, um auxílio à deslocação. “Existe uma ligação entre o modo como as pessoas constroem e o modo como eles habitam”⁹⁸ e, como tal, a procura por um *amparo* é comum quando chegado a uma certa fase e é responsabilidade da arquitetura saber introduzir esses elementos. Neste sentido, perante a sequência de momentos apresentados e do estudo de obras de referência como o Nursing Home na Áustria, de Peter Rosegger, onde o corrimão está presente enquanto tema de projeto, considerou-se oportuno permitir a versatilidade e introduzir no desenho do espaço meios realmente capazes de dar flexibilidade e liberdade a quem habita. A dificuldade em realizar um percurso é um impasse que promove a resistência no homem de “ir ao encontro de” e são estes mesmos bloqueios que se procuram negar. A ausência de obstáculos e, pelo contrário, a presença de elementos facilitadores à mobilidade promove o *ir* facilitando o *ir* ao encontro do *estímulo*. Assim, independentemente da dependência de cada um, andar acompanhado continua a ser uma opção e a liberdade do ser individual permanece.



Fig.131_Esquisso do Autor

⁹⁷ De acordo com o Decreto de Lei 163/2006 de 8 de agosto, no Anexo 2.4.9: O corrimão tem de ter altura compreendida entre 0,85m e 0,90m. Na proposta atual o corrimão encontra-se a 0,90m.

⁹⁸ LERUP, Lars; Building the Unfinished: Architecture and Human Action, London: SAGE Publications, 1977, p. 99

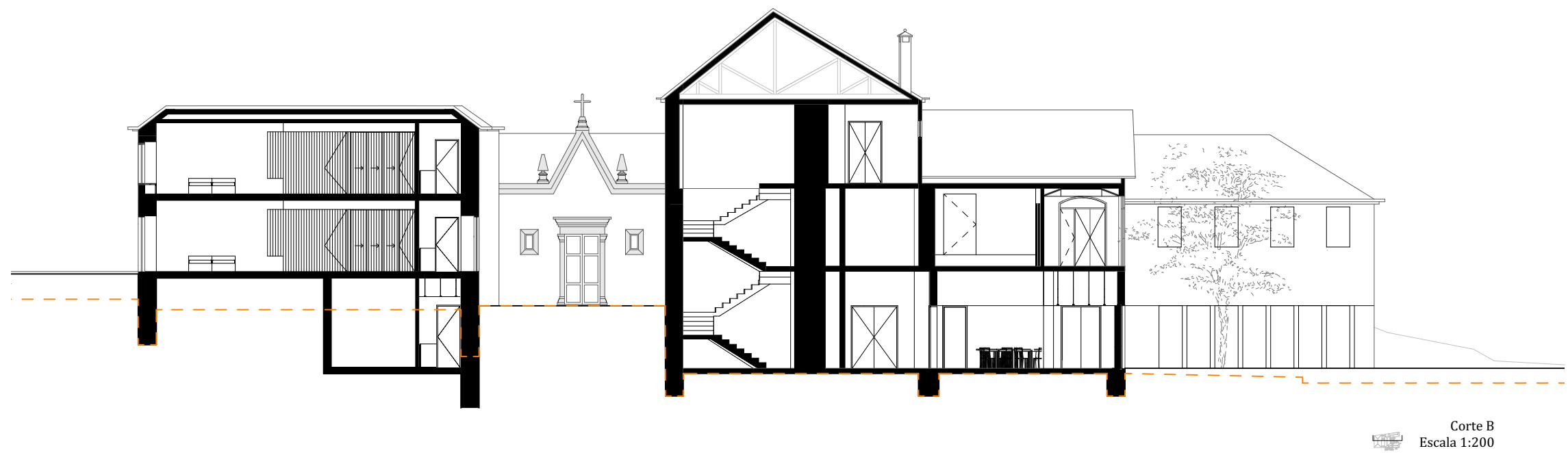




Fig.133_Fotografia com envolvente

3.3 HABITAR SOZINHO ACOMPANHADO

3.3.1 A CAPELA

134



135

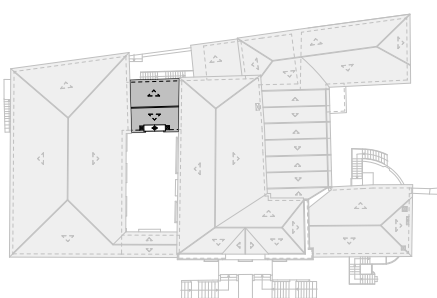
Atento ao espaço criado pelo posicionamento dos dois volumes, no *entre*, surge a capela da casa da Quinta dos Carvalhiços.

136



137

Escondido pelo pórtico que contém o brasão da família, este espaço passa despercebido no enquadramento geral da obra. A capela de invocação a Nossa Senhora da Conceição, construída em 1670 e depois reformulada no ano de 1747, encontra-se posicionada entre dois momentos e acaba por adquirir um só seu. Como se pode verificar no Corte E, apesar da capela se encontrar circunscrita, há a existência de uma entrada própria, o que exige, por si só, um caminho que, juntamente com uma diferença de cotas, tem de se realizar para ser possível aceder à entrada. Simbolicamente, o percurso que sucede até esta evoca no homem um desprendimento da vida comum. A escala, tanto do pátio como da capela, não requer uma companhia. Há uma sensação de que o caminho é individual, mas não é solitário. Ao entrar “cada indivíduo crente estabelece uma relação de intimidade não recíproca com Deus. O facto de que o criador, para além de ser omnipresente, é onisciente faz com que o indivíduo crente se encontre numa contínua sensação de vigilância e de proteção. Se uma parte do cristão se crê permanentemente vigiado, e assim sim com direito a um lugar de ocultação, por outro lado sente-se continuamente acompanhado, não sentindo a solidão estando, ainda assim, a sós.”⁹⁹



Planta de Cobertura com Identificação da Capela
Fig.134, 135, 136 e 137_Fotografias a partir do pátio
interior da Capela

⁹⁹ Tradução pessoal realizada a partir: “Dios, como entidade creadora, es aquel que mejro conoce el hombre y es también aquel com quién cada individuo croyente establece una relación de intimidad no recíproca. El hecho de que el creador, más allá de omnipresente, sea onisciente hace que el individuocreyente se encuentre en una continua sensación de vigilância, como también de protección. Es decir, si de una parte el cristiano se cree permanentemente vigiado, y así sin derecho a un lugar de ocultación, por outra parte se siente continuamente acompañado, no se sintiendo en soledad aunque esté

O reconhecer desta intenção originou a vontade em trocar as portas que davam acesso a esta zona (do corpo principal e do corpo anexo) por janelas com o propósito de, sem interferir na dinâmica do percurso até à capela, possibilitar a passagem de luz. Interessa reforçar o sentido de entrar num outro universo para se encontrar com algo mais que vá para lá da dimensão terrestre. Pretende-se que a partir do espaço seja realizada uma manifestação da performance entre o desenho e o diálogo no espaço. É o humanismo da arquitetura e o poder que ela tem na reconquista do silêncio que revela a importância ética no comportamento dos arquitetos.

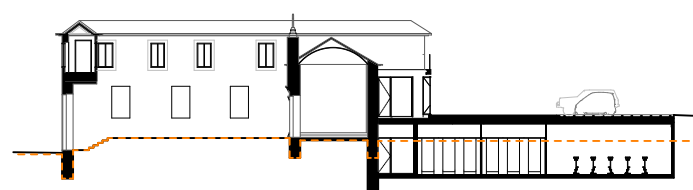
O *espaço de recolha*¹⁰⁰ ao ser associado a uma solidão contém em si mesmo um caráter íntimo. A vinculação da ideia prévia da imagem que o ser humano tem de uma capela, leva à percepção do espaço comum enquanto momento solitário. Sabe-se que, a capela, por si só, é um espaço de culto, de introspeção, está intimamente relacionada ao silêncio e transmite a sensação de ser profundo. A ausência de ruído abandona a realidade da vida para invadir a percepção do Homem e o transportar para um momento semelhante à *paz noturna*.¹⁰¹ O pátio onde está inserida permite esta paz. Do mesmo modo que o pátio a sul que se abre para a cidade o potencia. Seja a partir do pátio de refúgio ou, pelo contrário, a partir das luzes da noite ou do nevoeiro da manhã perante a abertura para a zona central. Ambos os pátios potenciam a escalas e composições distintas uma mesma sensação - a possibilidade de estar sozinho acompanhado.



Alçados do Pátio da Capela
Existente
Escala 1:500



Alçados do Pátio da Capela
Proposta
Escala 1:500



Corte E
Escala 1:500

solo." In SILVA, Ana Sofia Pereira da; *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*; Buenos Aires: Diseño; 2015; p.7

¹⁰⁰ REGNIER, Victor; *Design for Assisted Living: Guidelines for Housing the physically and Mentally Frail*, John Wiley & Sons, New York, 2002, p.256

"Retreat Spaces: These are good places for residents to go when they want to be alone. Having places that provide for solitude makes it easier for residents to feel that privacy and communal interaction are both accommodated"

¹⁰¹ BACHELARD, Gaston; *A Poética do Espaço*; 3ª edição, Martins Fontes, São Paulo, 1998, p.60

Fig.138_Alçados do Interior do pátio da Capela, Existente e Proposta; Corte E

139



Fig.139_Fotografia da Casa Existente; Alteração de Fotografia com a proposta de cobertura

3.3.2 A CASA

Os novos elementos propostos na intervenção podem antever uma estratégia de rutura com a pré-existência. Porém, estes propõem uma continuidade formal e temporal, a um conjunto que é sucessivamente transformado e em que novos corpos dão seguimento à narrativa histórica original.

A verticalidade inerente à centralidade proposta na reestruturação dos espaços da casa é não só uma tentativa de afirmar o núcleo central, como também torna claro a intenção do mesmo. Para trás ficou a dissolução de uma ideia onde o clássico, aquilo que a história deixou sobreviver no espaço e no tempo, é visto como um ser intocável. Neste sentido, há uma procura não da notoriedade do passado, mas sim da sua essência. Concretamente, esta é uma referência objetiva na adequação à nova funcionalidade e uma referência subjetiva na coerência da imagem do projeto.

Há no cruzamento do (re)conhecimento da história do lugar o contributo da criação do novo. Aquilo que persiste na cidade, encontra-se tão consolidado que, apesar da consequente metamorfose no paradigma geral, pode-se nomear enquanto portador da identidade da cidade. Atualmente, cada vez mais, a contínua transformação e a densidade são uma preocupação para a população. A congestão de tráfego e de pessoas leva a ajustes na cidade e, muitas vezes, a *identidade* do que era fica comprometida. Ao falar da *cidade que temos* o arquiteto Álvaro Siza faz uma comparação com Hitler onde expõe que “para destruir um povo, para nele apagar a consciência de si próprio basta destruir os seus monumentos, o meio físico a partir

do qual ele se identifica.”¹⁰² Reconhecer um lugar para nele poder intervir não é destruí-lo, pois é essencial que isso não aconteça para que nele seja possível ver a sua evolução.

Através da análise às **coberturas** da obra, considera-se que a do edifício à esquerda, agora destinado à zona de dormir, entrava em conflito com a imagem do conjunto. Tanto a forma como o tamanho pareciam não estar enquadrados, acabando até por se destacar pela verticalidade inerente ao cume do telhado. Por este motivo e pelo próprio programa, uma vez que não acrescenta, a nível físico, mais qualidade ao espaço, optou-se por redesenhar este elemento na continuidade da obra, acabando por se aproveitar o espaço central para a zona de máquinas inerente ao programa. A finalidade deste gesto não é um anseio por *criar algo novo*, a intenção passa por colocar em evidência o corpo principal da casa e, nesse preciso instante, a mudança, traz à paisagem, que até então poder-se-ia considerar confusa, uma certa calma e claridade. Ainda que possa parecer uma ação pretensiosa, crê-se haver momentos onde a pretensão parece ser justificada. A comparação dos **alçados** pretende ser um reflexo da essência que é procurada ao longo da proposta, não tem o propósito de ser simples, nem minimalista, no entanto, corre-se o risco de ver enquanto gesto *banal*.¹⁰³ Contudo, não é no sentido etimológico da palavra que se pretende focar a atenção, mas antes na continuidade e solidificação da obra como um todo.

¹⁰² SIZA, Álvaro; 01textos, A cidade que temos, Civilização Editora, Porto, 2009, pág. 18

¹⁰³ Ainda que não tenha uma relação direta considerou-se relevante a interpretação da palavra *banal* realizada pelo arquiteto Álvaro Siza a propósito da obra X. “A impressão geral é uma coisa absolutamente singular, sensacional, mas ao mesmo tempo banal. (...) Esta palavra, banalidade, tem um significado ambíguo. neste caso utilizo-a não para dizer sem interesse, sem qualidade, mas sim no sentido da disponibilidade na continuidade.” SIZA, Álvaro; Imaginar a Evidência, Lisboa, Edições, 1933, p.135

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Proposta

Planta Piso -1

Escala 1:200

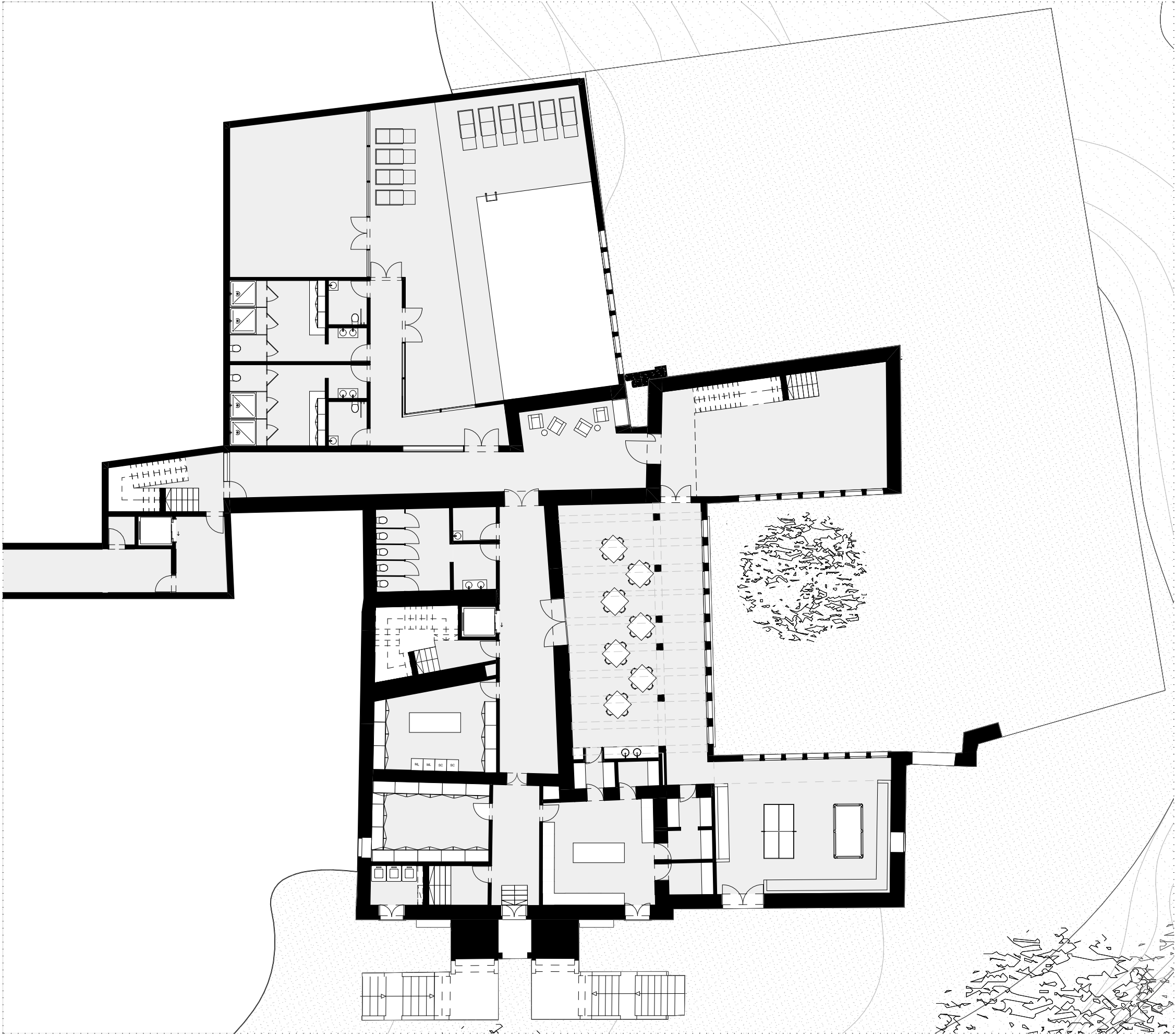


Fig.140_Planta Piso -1, Proposta

Do ponto de vista funcional, a Casa deve conter um leque de atividades que permitam construir competências que estimulem mental e fisicamente os seus habitantes. Neste sentido, há uma multiplicidade de espaços comuns, com diferentes ambiências, características e propósitos. No que diz respeito à mente, no Piso 1, a biblioteca para exercitar através da leitura, no piso 0, a sala de jogos, situada entre a entrada e a galeria. No que concerne ao físico, a Sala Polivalente é um espaço que possibilita a realização de atividades como aulas de grupo e fisioterapia. O novo corpo construído contém uma piscina e um ginásio e é também este um estímulo para que se esteja ativo.

As atividades que impliquem um envolvimento intergeracional são consideradas uma mais-valia. Este envolvimento nem sempre tem de ser direto. Reconhece-se valor à existência de um lugar que permita aos residentes “encontrar crianças ou vê-las jogar”¹⁰⁴ que, adaptando à realidade existente na casa da Quinta dos Carvalhiços significaria ver o trabalho a ser realizado nas vinhas e o cotidiano, ainda que a uma grande distância, em São Miguel de Outeiro. O ato de observar traz algo novo ao dia a dia, são a força dos estímulos que se têm em consideração na definição dos espaços na Casa.

Pretende-se que, se surgir a necessária ajuda externa não seja preciso mudar de morada. O cuidado contínuo¹⁰⁵, ou melhor, o viver assistido é um conceito que dá resposta a esse requisito. A incorporação na Casa de **espaços de recuperação**

funcional e psicológica, que permitam a realização de pequenos curativos ou consultas de rotina, onde os colaboradores e/ou cuidados médicos devem ter a facilidade de comunicação com os residentes sem que este seja um tema *tabu*. Neste sentido, o gabinete médico surge na Casa enquanto parte integrante e através da abertura de um grande vão, a entrada com uma janela em comunicação com o espaço comum, onde se procura que o preconceito muitas vezes associado aos recursos médicos seja normalizado. Esta intenção faz com que se reconheça o local e “encoraja a pré-visualização, o processo de ver alguém antes de entrar num espaço”.¹⁰⁶

¹⁰⁴ SCHWARZ, Benyamin; BRENT, Ruth; Aging, Autonomy, and Architecture: Advances in Assisted Living, The Johns Hopkins University, Baltimore and London, 1999, p.9

¹⁰⁵ Aqui referenciado enquanto o conceito de Assisted-Living Housing a partir da interpretação de Victor Regnier. Sendo este termo usado para descrever a habitação destinada à mente e ao corpo para pessoas idosas nos Estados Unidos da América. Inclui residentes com bons níveis de autonomia. Na maioria dos casos, os residentes têm cuidados de saúde pessoais, mas não exigem 24 horas de vigilância médica. Exemplo disso são os problemas relacionados com perdas de memória, uso de cadeira de rodas e diabéticos. In REGNIER, Victor; Design for Assisted Living: Guidelines for Housing the physically and Mentally Frail, John Wiley & Sons, New York, 2002, p. 313

¹⁰⁶ REGNIER, Victor; Design for Assisted Living: Guidelines for Housing the physically and Mentally Frail, John Wiley & Sons, New York, 2002, p. 272



Fig.141_Fotografia das Vinhas e relação com a envolvente

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Proposta

Planta Piso 0

Escala 1:200

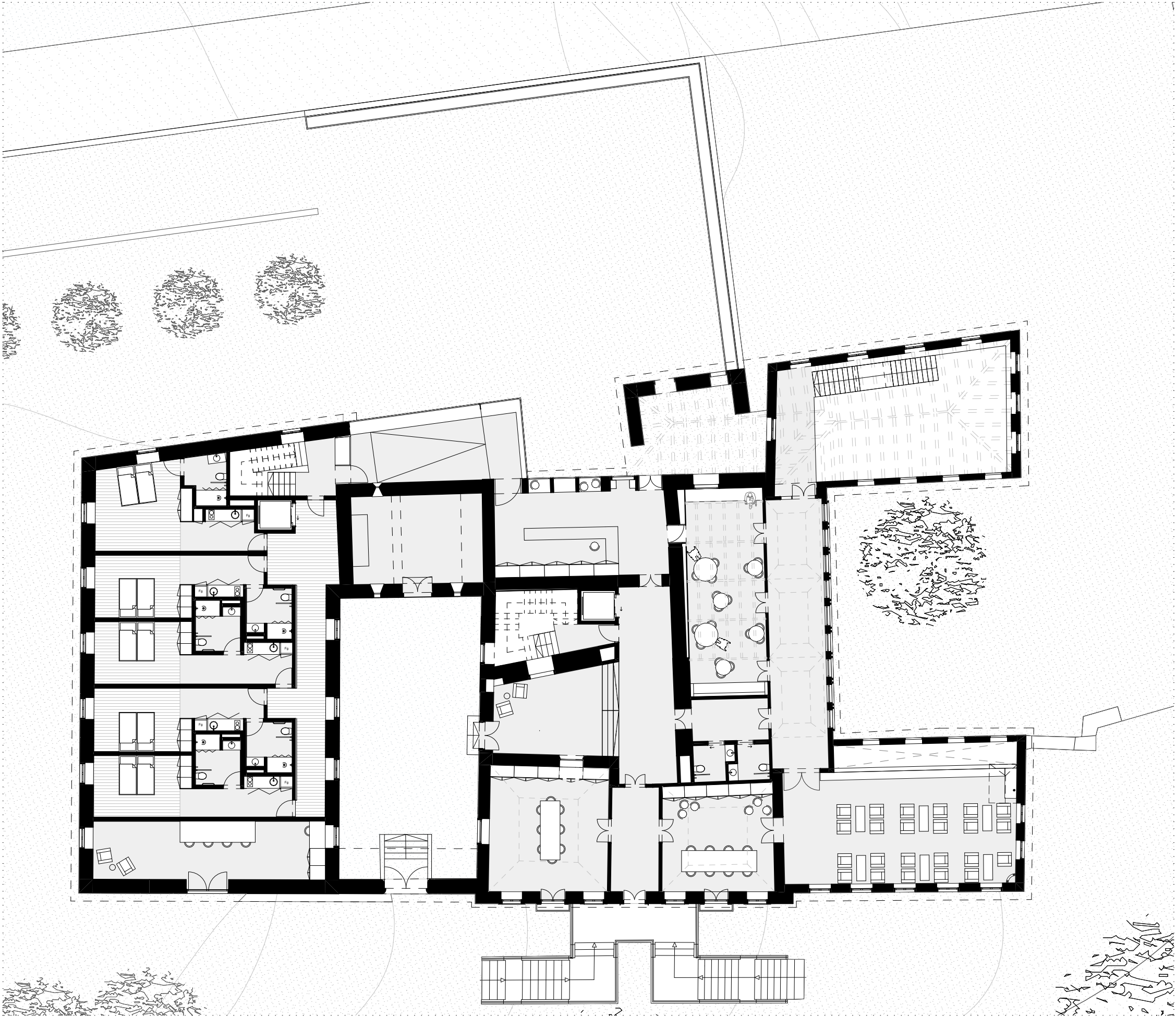


Fig.142_Planta Piso 0, Proposta

Planta Piso 0
Escala 1:200

O **caminho** é também um meio de potenciar percursos variados e acessíveis no espaço exterior envolvente. Este é, simbolicamente, o início de todos os caminhos.

A inquietação resultante da necessidade de haver *espaços de descanso* ao longo, não só do interior da Casa, como também e aquele que mais falta, no exterior. Estes equipamentos revelam ser “uma característica urbana necessária: para muitos idosos, é difícil andar nas zonas onde vivem se não houver locais em que possam descansar.”¹⁰⁷ O pátio é mais um auxílio nesta vertente. Enquanto espaço exterior e “em função da localização relativamente às áreas construídas, pode adquirir um carácter de encerramento/permeabilidade variável em relação à rua/espaço público.”¹⁰⁸ A partir da clarificação deste termo projeta-se tendo em conta princípios como criação de pequenos espaços para conversas, o convergir de caminhos, o olhar o espaço dedicado à circulação uma vez que, estas intenções ajudam a criar oportunidade de interação entre os habitantes.¹⁰⁹ Existem estratégias de adaptabilidade desenhadas a pensar em situações de dependência por perda de mobilidade, espaços inclusivos sem grandes alterações. É habitual descrever o espaço público como o auge do espaço comum uma vez que, de facto é a partir do espaço comum que se proporcionam momentos de socialização. Contudo, como abordado anteriormente, o espaço público não implica ser um espaço onde ocorrem relações sociais dado que, é possível usufruir do espaço público na cidade e não se relacionar com ninguém. Deste modo, considera-se que um espaço com carácter público - relativamente à Casa considera-se

os espaços de estar e lazer - é potenciador de gerar relacionamentos sociais, mas nem todos os espaços públicos se podem associar a esta vertente. A partir deste mote, a proposta prevê um espaço exterior capaz de oferecer calma. No centro do país, é comum ver nas moradias os mais diversos espaços associados à agricultura, espaço esse usado muitas vezes quando o Homem procura a tal tranquilidade. Para além dos benefícios já conhecidos associados ao ar livre, as atividades agrícolas ajudam também a manter o equilíbrio mental e, neste meio, justifica-se abrir espaço para que, caso seja do interesse pessoal, este tipo de atividade seja possível. Neste sentido, a horta pretende ser não só uma ajuda à capacidade mental, como também social. A preferência pela **horta comunitária** é mais um estímulo às atividades em conjunto e integra-se na envolvente na Quinta dos Carvalhiços. No desenho destes espaços considera-se que a altura dos módulos deve ser controlada e acessível, de modo a facilitar as tarefas e promover a sua realização para todos. Simultaneamente, considera-se necessário ter uma estrutura de apoio às necessidades relativas à função que se encontra inserida no Corpo Anexo com acesso direto a estes dispositivos. No jardim existe uma zona de camélias onde, ainda hoje, se utiliza enquanto lugar de descanso, de pausa. A Figura 143 e 145 ao lado dá a conhecer o espaço e é na Figura 144 que se vê as dinâmicas de utilização num espaço destes.

A horta, o jardim e o pátio são espaços propícios ao agrupamento de pessoas em que, a partir da partilha, se desenvolve o físico, o mental e o social. Afinal de contas, o foco é a importância de um indivíduo na vida coletiva. O resto são meios para atingir a proteção e aconchego para a vida.

¹⁰⁷ GULBENKIAN, Fundação Calouste; Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas, Publicações da OMS, 2009, p.13

¹⁰⁸ LAMEIRA, Gisela; ROCHA, Luciana Rocha; Mapa da Habitação: Guia para uma terminologia específica em Arquitectura habitacional apoiada pelo Estado em Portugal [1910-1974], Porto, FAUP, 2019, p.141

¹⁰⁹ In REGNIER, Victor; Design for Assisted Living: Guidelines for Housing the physically and Mentally Frail, John Wiley & Sons, New York, 2002, p.256

143



144



145



Fig.143_Fotografia da Envolvente da Casa a olhar para a fachada principal

Fig.144_Espontâneo encontro no exterior

Fig.145_Fotografia da Zona das Camélias



Fig.146_ Fotografia do *espaço entre*

O (re)conhecimento da História capacita o Homem de compreender a sua Arte e de lhe reconhecer uma razão externa à sua existência: uma constante. O espaço para o futuro adquire-se na compreensão do passado – independentemente do modo, importa o porquê; a estrutura primordial do ser; a permanência. Uma intemporalidade conseguida pela distinção entre o supérfluo e o essencial. Hoje, a casa da Quinta dos Carvalhiços é um exemplo do trabalho a várias mãos ao longo dos tempos. Crê-se que o objetivo seja sempre o mesmo: beneficiar o Homem e potenciar a sua vivência no espaço. Como tal, foi necessário reavaliar os lugares degradados, deixados ao abandono. O vazio que se pode observar na imagem ao lado é o mote para o novo, para dar continuidade à *vida* da e na Casa.

O TEMPO NO LUGAR, JUNTOS

É sempre difícil acrescentar valor ao que por si só já é belo.

O projeto abrange um conjunto de áreas disciplinares no que concerne à história, ao envelhecimento, à sociologia e ao patrimônio que, por serem complexas, tornaram o processo desafiante e, de certa forma, ambíguo na gestão do que é e será a história do lugar, das pessoas, da Casa na correlação com o novo, um programa, uma adaptação.

O tema do envelhecimento proporcionou o acesso ao conhecimento de estudos realizados e uma procura por compreender o modo como se refletem na arquitetura, seja ela a partir de uma vertente teórica, histórica ou prática.

Como abordado anteriormente, ao longo dos diversos capítulos, há uma procura na priorização do *envelhecimento ativo*, tanto do corpo como da mente, realizada através da estimulação sensorial a partir da luz, dos pontos de vistas e da diversidade dos espaços para que *acompanhado* seja a preferência.

Contudo, é de salientar que se pretende que seja uma sociabilidade elegida e não imposta. O fato de existirem espaços de uso ambíguo no projeto permite que este possa funcionar a partir de duas abordagens – primeiramente a residência, posteriormente uma parte multifuncional aberta à comunidade e às mais diversas atividades. A existência de piscina coletiva, sala polivalente e instalações médicas pretende que a proposta seja aberta à comunidade e não só a um grupo restrito de pessoas.

Esta dissertação dá a conhecer um objeto de estudo de interesse arquitetónico, assume um programa que se considera em falta no Lugar, sugere uma proposta inclusiva a partir da atribulação e complexidade inerente ao (re)desenho do interior de uma Casa Senhorial. Este trabalho debruça-se também na procura por contrariar os preconceitos associados ao habitar a terceira idade e o repensar o espaço inclusivo a partir de um edifício nobre. Talvez se quis colocar em causa o porquê de se ter conceitos pré-estabelecidos e de que modo estes estariam a afetar a arquitetura. O projeto promove a recuperação do edifício que se encontra ao abandono, o seu reconhecimento e uma mudança no paradigma relativo ao modo como *se olha a idade*. No fundo fica a convicção que é no olhar, ou melhor, no modo como que se olha que se repensa, que se vive e que se sente o espaço. De certa forma, crê-se que a partir da abertura do olhar ao modo como se vive influencia a própria vivência.

Por vezes é preciso limitar o campo de observação e compreender que não basta a vontade exterior para que haja a harmonia. É essencialmente no interior do Homem que a mudança no *olhar a idade* começa.

Recuando ao segundo capítulo, recordemos a comparação usada por Gonçalo M. Tavares:

“Não se trata de uma questão de linhas, mas de carne e calor. Uma casa habitada *deixa de ser um espaço* para passar a ser *aquilo que rodeia um corpo*, o que é diferente. [...] Vemos aqui o espaço a assumir um papel animalesco (de animal apenas), de ser vivo: o espaço é um animal. Diríamos ainda: é um animal que responde ao corpo que o fez, é um animal que entra em diálogo com o habitante que foi, e continua a ser, construtor.”¹

¹ TAVARES, Gonçalo M.; Atlas do Corpo e da Imaginação, Porto Alegre, São Paulo, 2021, p.414

Ainda que seja a partir dos sentidos que se tenha reconhecido ser o meio a retratar a Casa, crê-se que, apesar de esta ser uma componente inerente ao Homem e de proporcionar uma leitura concreta do existente, não nos referimos, portanto, somente ao conceito poético da obra, mas também ao seu sentido real, o concreto, o projeto enquanto corpo e massa que se planeia a várias escalas.

No que concerne à materialização do novo, é de interesse pessoal que seja visível assemelhando-se a um coser de intenções que pretendem ser vistas como tal e, simultaneamente, parte integrante da Casa.

A inquietude na abordagem usada ao longo do processo de projetar a partir de uma Casa Senhorial levou a um repensar contínuo na importância de cada parte. Houve um ininterrupto processo de hierarquização de momentos, da simbologia associada a eles e, também, o resultado que a escolha por retirar ou preservar germinaria. Acima de tudo, o objetivo sempre foi a preservação da identidade do edifício através da manutenção do todo enquanto Corpo vivo que revive a história adaptando-se às novas instâncias.

No fim, permanece a vontade por acompanhar obras que tenham uma forte componente social, onde o Homem é o motivo e a matéria viva de projeto e onde o espaço é estudado através de como se reflete em cada ser. Ficam os ensinamentos apreendidos, os métodos estudados realizados por *outros* e o permanente desassossego na busca pelo intervir consciente.

O pensamento primordial permanece:

É sempre difícil acrescentar valor ao que por si só já
é belo.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- 1 ARENDT, Hannah; A condição humana; trad. Roberto Raposo; Lisboa, Relógio de Água, 2001
- 2 ARIS, Carlos Martí; Silêncios Eloquentes; ETSAB, 1999
- 3 AZEVEDO, Carlos de; Solares Portugueses: Introdução ao estudo da Casa Nobre, Horizonte, Lisboa, 1969
- 4 BACHELARD, Gaston; A Poética do Espaço; trad. António de Pádua Danesi; São Paulo, Martins Fontes, 1998
- 5 BENJAMIN, Walter; Imagens de Pensamento, trad. João Barrento; Lisboa, Assírio & Alvim, 2004
- 6 BERGER, John; A aparência das coisas: ensaios e artigos escolhidos, trad. José Miguel Silva; Lisboa, Antígona, 2021
- 7 BERGER, John; Modos de Ver; trad. Jorge Leandro Rosa; Lisboa, Antígona, 2018
- 8 Busch, Akiko; Geography of Home: Writings on where we live, New York, PAP, 1999
- 9 CARVALHO, Amadeu Ferraz de; A Terra de Besteiros e o actual Concelho de Tondela: esboço histórico e toponímico, Tondela, C.M., 1981
- 10 DIDI-HUBERMAN, Georges; Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens; trad. Luís Lima; Lisboa, Orfeu Negro, 2017
- 11 ELEB, Monique; CHÂTELET, Anne-Marie; Urbanité, sociabilité et intimité. Des logements d'aujourd'hui. Paris, Les Éditions de L'Épure, 1997
- 12 ELEB-VIDAL, Monique; CHATELET, Anne-Marie; MANDOUL, Thierry (1988). Penser l'habité. Le logement en questions. Paris, Pierre Mardaga éditeur
- 13 ENGELS, Frederick; The Housing Question, International Publishers, 1988
- 14 FEDDERSEN, Eckhard; Living for The Elderly A Design Manual Second and Revised Edition; Birkhäuser, 2017
- 15 FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele; Habitação Contemporânea. Formas de Habitar; Porto, Edições Asa, 2003.
- 16 FERREIRA, Vergílio; Invocação ao Meu Corpo, Bertrand, 1978
- 17 FERROS, Luís; FERROS, Manuel; LEITÃO, Rui do Amaral; Concelho de Tondela, edições Colibri, 2017
- 18 FERROS, Luís; FERROS, Manuel; LEITÃO, Rui do Amaral; Concelho de Tondela. Heráldica, História e Património, edições Colibri, Lisboa, 2017
- 19 GAUTREAU, Christelle; MORIO, Stephanie; Homy, Coliving, Cohabiter; Editions du Pavillon de l'Arsenal, 2018
- 20 LAMEIRA, Gisela; ROCHA, Luciana Rocha; Mapa da Habitação: Guia para uma terminologia específica em Arquitectura habitacional apoiada pelo Estado em Portugal [1910-1974], Porto, FAUP, 2019

- 21 HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich; A Arquitetura; trad. Oliver Tolle, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008
- 22 HERTZBERGER, Herman; Articulations; Munique, Prestel, 2002
- 23 HERTZBERGER, Herman; Lições de Arquitetura; São Paulo, Martins Fontes, 1996
- 24 LERUP, Lars; Building the Unfinished: Architecture and Human Action, London: SAGE Publications, 1977
- 25 MATTOSO, José, História da Vida Privada em Portugal. Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2011
- 26 McCamant, Kathryn and Charles Durrett; Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves. Berkeley: Ten Speed Press, 2nd Edition, 1994.
- 27 MELGAREJO, María; trad. María Boquera; Nuevos modos de habitar=new ways of Housing, Valencia, COA-CV, 1996
- 28 MONEO, Rafael; Inquietação Teórica e Estratégia Projetual, Coleção Face Norte, Barcelona, 1937
- 29 PORTAS, Nuno; “Funções e exigências de áreas da habitação”, Informação Técnica de Edifícios 4, Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1969
- 30 REGNIER, Victor; Design for Assisted Living: Guidelines for Housing the physically and Mentally Frail, John Willey & Sons, New York, 2002
- 31 SCHMID, Susanne; EBERLE, Dietmar; HUGENTOBLE, Margrit; A History of Collective Living: Forms of Shared Living, birkhauser, 2009
- 32 SCHWARZ, Benjamin; BRENT, Ruth; Aging, Autonomy and Architecture: Advances in Assisted Living, John Hopkins University Press, Baltimore, MA, USA, 1999
- 33 HANSON, Scott; Chris and Kelly; The Cohousing Handbook: Building a Place for Community. Canada: New Society Publishers, 2005.
- 34 SILVA, Ana Sofia Pereira da; La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX; Buenos Aires: Diseño; 2015
- 35 SIZA VIEIRA, Álvaro; 01 Textos, Civilitas, Porto, 2009
- 36 SIZA VIEIRA, Álvaro; Imaginar a Evidência, Lisboa, Edições, 1933
- 37 SMITHSON, Alison, Peter; Cambiando el arte de habitar, Barcelona, Gustavo Gili, 2001
- 38 Solà-Morales, Manuel de; Frampton, Kenneth; Ibelings, Hans; De cosas urbanas, Barcelona : Gustavo Gili, 2008
- 39 STAVRIDES, Stavros; Espaço comum: a cidade como obra colectiva; trad. Jorge Colaço; Lisboa, Orfeu Negro, 2021
- 40 TAVARES, Domingos; Casas de Brasileiro; Porto, Dafne, 2015
- 41 TAVARES, Gonçalo M.; Atlas do Corpo e da Imaginação, Porto Alegre, São Paulo, 2021
- 42 TÁVORA, Fernando; Teoria Geral da Organização do Espaço. Arquitetura e Urbanismo. A lição das constantes, MARCA- artes gráficas, Porto, FAUP, 1993

- 43 TILL, Jeremy; SCHNEIDER, Tatjana; Flexible Housing, London, CABA: RIBA, 2004
- 44 VENTURI, Robert; Complexity and Contradiction in Architecture, The Museum of Modern Art Papers in Architecture, Nova Iorque, 1992
- 45 VILLALOBOS, Nieves Fernández; Utopías domésticas. La casa del Futuro de Alison y Peter Smithson; fundación caja de arquitectos, 2012
- 46 ZAMBRANO, María; O Homem e o divino, Relógio d'Água, 1995
- 47 LEAL, João; Etnografias portuguesas (1870-1970) : cultura popular e identidade nacional, Lisboa, Dom Quixote, 2000
- 48 PEIXOTO, Paula Torres; Palacetes de brasileiros no Porto, 1850 - 1930: do estereótipo à realidade, Porto, Afrontamento, 2013
- 49 MOTA, Nelson; A arquitectura do quotidiano: público e privado no espaço doméstico da Burguesia portuguesa no final do século XIX, Coimbra, EDARQ, 2006
- 50 VENTURA, Leontina; DA CUNHA MATOS, João. Diplomatório da Sé de Viseu (1078-1278), Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2010
- 51 RAMOS, Tânia Liani Beisl; Os espaços do habitar moderno : evolução e significados : os casos português e brasileiro, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006,
- 52 MILHEIRO, Ana Vaz; A construção do Brasil: relações com a cultura arquitectónica portuguesa, Porto, Faup, 2005
- 53 COSTA, Alexandre Alves; Centralidade do real : onze arquitetos, onze textos, onze projetos improváveis, Coimbra, EDARQ, 2019
- 54 SCHWARZ, Benyamin; BRENT, Ruth; Aging, Autonomy, and Architecture: Advances in Assisted Living, The Johns Hopkins University, Baltimore and London, 1999

Revistas

- 1 131 Revista a+t 12, Vivienda y flexibilidad (I), Vitoria Gasteiz, A+T, 1998
- 2 AD Profile 228, Designing for the third age, março e abril, 2014
- 3 Arquitectura Ibérica, no28, "Da Arquitectura Terapêutica", setembro, 2008
- 4 Jornal dos Arquitetos, nº 213, Lisboa: Ordem dos Arquitetos
- 5 Proyecto Progreso Arquitectura, nº 16, "Práticas domésticas contemporâneas", maio, 2017
- 6 Revista PPA, Gerohabitación, Cohabitación, Indeterminación: três estratégias de proyecto para la tercera edad / Senior housing, cohabitation, indetermination: three project strategies for the elderly, 2017

Trabalhos Académicos

- 1 AGUIAR, Nuno; “Habitação para a Terceira Idade. Proposta para a vila de arrifana”, Porto, FAUP, 2017
- 2 Alves, Bernardo José Santos Alves; “Caminhar pela diversidade: Por uma (Com)posição do Colectivo”, Porto, FAUP, 2019
- 3 CUNHA, João; “A minha casa não é melhor que a da vizinha. Um projeto para o terreno dos Coelho, Almeida.” Porto, FAUP, 2020
- 4 EVANS, Gary W.; MCCOY, Janetta Mitchell; When buildings don’t work: The role of architecture in human health; Journal of Environmental Psychology, 1998
- 5 JARVIS, Helen; “The social architecture of self-governance in cohousing: issues and implications”; transcrição da conferência inserida no programa ‘Le Studium Conference - Self managed Cohousing: born out of need, or new ways of live?’; Tours, 12 e 13 de Março, 2012
- 6 JUAN, Marta Labastida; “El Paisaje Próximo. Fragmentos del Vale do Ave”, Universidade do Minho, 2013
- 7 KUZMAN, Manja Kitek; HAVIAROVA, Eva; SANDBERG, Dick; Collaborative housing for elderly – clever co-living concepts
- 8 LACERDA, Nuno, “Projecto e Modos de Habitar”, Dissertação de Doutoramento, FAUP, abril 2008
- 9 LYUBOMIRSKY, Sonja; SHELDON, Kennon M.; SCHKADE, David; Pursuing Happiness: The Architecture of Sustainable Change, Educational Publishing Foundation, 2005, Vol.9, No. 2, 111-131
- 10 MACHADO, Liliana; A institucionalização de idosos/as como experiência potencialmente modificadora do sentido de “casa”, FPCE, 2020
- 11 PEREIRA, Joana Raquel da Silva, “Humanizar o Habitat na terceira idade - Lar Casa de Magalhães”, Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2015
- 12 RAMOS, Rui; A Nossa Casa, 44, piso 12, ap.136. Dois Pontos Para Outras Formas de Habitar, in Jornal dos Arquitectos 205, Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2002
- 13 Sabater, Txatxo, Guasch, Ricard; Maldonado, Josep (col); Novos Descritores, Novos Operadores Projetuais, (Tradução, Revisão e Notas - CARNEIRO, Luís Soares; SANTOS, André; ROCHA, Marta; CASANOVA, Maria José; VIEGAS, Luís; RIBEIRO, Helder Casal; GINOULHIAC, Marco), CEAU_FAUP, Ediciones del Viaducto SLU, 2018
- 14 SILVA, Sérgio Veloso; “Flexibilidade como experimentação no habitar contemporâneo”, Porto, FAUP, 2008
- 15 THOMPSON, Marisela; Cohousing Design Strategies for Active Aging, UNLV Theses, Dissertations, Professional Papers, and Capstones, University of Nevada Las Vegas, 2016
- 16 TORRES-ANTONINI, Maruja; “Our Common House: using the built environment to develop supportive communities”; dissertação apresentada como requisito parcial de obtenção do título de Doutorado em Filosofia, UF, Florida, 2001
- 17 APARÍCIO, Idiane; O Reinventar da residência para Idosos da Arquitetura Médico- Hospitalar à Arquitectura Residencial: 1900 – Presente, Universidade Católica Portuguesa, 2017
- 18 Lopes, André Filipe Gonçalves; Arquivo Distrital de Viseu: tratamento do fundo do Morgado de Loureiro, UBI, 2012

19 QUEIRÓS, Carla Sofia Ferreira; Os retábulos da cidade de Lamego e o seu contributo para a formação de uma escola regional 1680-1780, FLUP, 2001

Documentos

1 BONFIM, Catarina de Jesus, GARRIDO, Manuel Martins, SARAIVA, Maria Eugénia e VEIGA, Sofia Mercês; Lar para Idosos (Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento); Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social; dezembro de 1996

2 Cadernos Técnicos PROCIV #4, Estabelecimentos de Apoio Social a Pessoas Idosas, Manual para a Elaboração de Planos de Segurança; Autoridade Nacional de Protecção Civil; dezembro de 2008

3 Carta Social, Folha Informativa n.º 19, outubro 2015; Lisboa: Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP); 2015

4 Carta Social, Rede de Serviços e Equipamentos, Relatório 2015; Lisboa: Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP); 2015

5 QUARESMA, Maria de Lurdes; Cuidados Familiares às Pessoas Muito Idosas; Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social; dezembro de 1996

6 Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais, Lares de Idosos; Segurança Social; 2007

7 Sabater, Txatxo. Gerohabitacion, Cohabitacion. Palestra da Jornada Reprograma, Sevilla, 2015

Índice de Imagens

0 Fotografado pelo

autor Fotografias da casa da Quinta; Disponível em: Lopes, André Filipe Gonçalves; Arquivo Distrital de Viseu: tratamento do fundo do Morgado de Loureiro, UBI, 2012, p.163

2 Desenhado pelo autor

3 Desenhado pelo autor

4 Desenhado pelo autor

5 Desenhado pelo autor

6 Fotografado pelo autor

7 Fotografias da casa da Quinta; Disponível em: Lopes, André Filipe Gonçalves; Arquivo Distrital de Viseu: tratamento do fundo do Morgado de Loureiro, UBI, 2012, p.163

8 Desenhado pelo autor

9 Desenhado pelo autor

10 Desenhado pelo autor

11 Fotografado pelo autor

12 Fotografado pelo autor

13 Fotografado pelo autor

14 Fotografado pelo autor

15 Fotografado pelo autor

16 Fotografado pelo autor

17 Fotografado pelo autor

18 Esquisso do autor

19 Fotografado pelo autor

20 Fotografado pelo autor

21 Fotografado pelo autor

22 Fotografado pelo autor

23 Fotografado pelo autor

24 Desenhado pelo autor

25 Desenhado pelo autor

- 26 Fotografado pelo autor
- 27 Desenhado pelo autor
- 28 Fotografado pelo autor
- 29 Desenhado pelo autor
- 30 Fotografado pelo autor
- 31 Fotografado pelo autor
- 32 Fotografado pelo autor
- 33 Fotografado pelo autor
- 34 Desenhado pelo autor
- 35 Fotografado pelo autor
- 36 Fotografado pelo autor
- 37 Desenhado pelo autor
- 38 Fotografado pelo autor
- 39 Fotografado pelo autor
- 40 Fotografado pelo autor
- 41 Fotografado pelo autor
- 42 Fotografado pelo autor
- 43 Fotografado pelo autor
- 44 Fotografado pelo autor
- 45 Fotografado pelo autor
- 46 Fotografado pelo autor
- 47 Fotografado pelo autor
- 48 Fotografado pelo autor
- 49 Fotografado pelo autor
- 50 Fotografado pelo autor
- 51 Fotografado pelo autor
- 52 Fotografado pelo autor

- 53 Fotografado pelo autor
- 54 Fotografado pelo autor
- 55 Fotografado pelo autor
- 56 Fotografado pelo autor
- 57 Fotografado pelo autor
- 58 Fotografado pelo autor
- 59 Fotografado pelo autor
- 60 Fotografado pelo autor
- 61 Fotografado pelo autor
- 62 Fotografado pelo autor
- 63 Fotografado pelo autor
- 64 Fotografado pelo autor
- 65 Fotografado pelo autor
- 66 Fotografado pelo autor
- 67 Fotografado pelo autor
- 68 Fotografado pelo autor
- 69 Fotografado pelo autor
- 70 Fotografado pelo autor
- 71 Fotografado pelo autor
- 72 Fotografado pelo autor
- 73 Fotografado pelo autor
- 74 Fotografado pelo autor
- 75 Fotografado pelo autor
- 76 Fotografado pelo autor
- 77 Fotografado pelo autor
- 78 Fotografado pelo autor
- 79 Disponível em <https://gerador.eu/os-espacialistas-a-casa-i-material/>
- 80 Disponível em <https://gerador.eu/os-espacialistas-a-casa-i-material/>

- 81 Desenhado pelo autor
- 82 Desenhado pelo autor
- 83 Disponível em <https://www.carvalhoaraujo.com/project/lar-casa-de-magalhaes/>
- 84 Disponível em <https://www.carvalhoaraujo.com/project/lar-casa-de-magalhaes/>
- 85 Disponível em <https://www.carvalhoaraujo.com/project/lar-casa-de-magalhaes/>
- 86 Disponível em https://www.researchgate.net/figure/The-open-atrium-of-the-Humanitas-Bergweg-Apartment-for-Life-This-common-space-is-for_fig1_336779140
- 87 Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-98258/residencias-em-alcacer-do-sal-slash-aires-mateus>
- 88 Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-98258/residencias-em-alcacer-do-sal-slash-aires-mateus>
- 89 Disponível em <https://www.archdaily.cl/cl/757445/peter-rosegger-nursing-home-dietger-wissounig-architekten>
- 90 Disponível em <https://www.archdaily.cl/cl/757445/peter-rosegger-nursing-home-dietger-wissounig-architekten>
- 91 Disponível em <https://www.archdaily.cl/cl/757445/peter-rosegger-nursing-home-dietger-wissounig-architekten>
- 92 Disponível em <https://www.atlasofplaces.com/architecture/homes-for-senior-citizens/>
- 93 Disponível em <https://www.atlasofplaces.com/architecture/homes-for-senior-citizens/>
- 94 Disponível em <https://www.atlasofplaces.com/architecture/homes-for-senior-citizens/>
- 95 Disponível em <https://arquitecturaviva.com/obras/parador-de-santa-maria-de-bouro>
- 96 Disponível em <https://arquitecturaviva.com/obras/parador-de-santa-maria-de-bouro>
- 97 Disponível em <https://arquitecturaviva.com/obras/parador-de-santa-maria-de-bouro>
- 98 Disponível em <https://arquitecturaviva.com/obras/parador-de-santa-maria-de-bouro>
- 99 Disponível em <https://arquitecturaviva.com/obras/parador-de-santa-maria-de-bouro>
- 100 Disponível em <https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura/55829640e58ece71030002a1-convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura-photo>
- 101 Disponível em <https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura/55829640e58ece71030002a1-convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura-photo>
- 102 Disponível em <https://www.archdaily.com/643576/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura/55829640e58ece71030002a1-convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura-photo>
- 103 Disponível em <https://www.facebook.com/josegigantearquitecto/photos>

- 104 Disponível em <https://www.facebook.com/josegigantearquitecto/photos>
- 105 Disponível em <https://www.atlasofplaces.com/architecture/hedmark-museum/>
- 106 Disponível em <https://www.atlasofplaces.com/architecture/hedmark-museum/>
- 107 Disponível em <https://www.atlasofplaces.com/architecture/hedmark-museum/>
- 108 Disponível em <https://arquitecturaviva.com/obras/reconversion-del-sanatorio-dos-ferroviarios>
- 109 Desenhado pelo autor
- 110 Esquisso do autor
- 111 Desenhado pelo autor
- 112 Desenhado pelo autor
- 113 Desenhado pelo autor
- 114 Desenhado pelo autor
- 115 Esquisso do autor
- 116 Desenhado pelo autor
- 117 Desenhado pelo autor
- 118 Esquisso do autor
- 119 Desenhado pelo autor
- 120 Desenhado pelo autor
- 121 Esquisso do autor
- 122 Desenhado pelo autor
- 123 Disponível em <https://zumthor.org/project/masans/>
- 124 Disponível em <https://zumthor.org/project/masans/>
- 125 Fotografado pelo autor
- 126 Fotografado pelo autor
- 127 Disponível em <https://zumthor.org/project/masans/>
- 128 Esquisso do autor
- 129 Desenhado pelo autor
- 130 Desenhado pelo autor
- 131 Esquisso do autor

- 132 Desenhado pelo autor
- 133 Fotografado pelo autor
- 134 Fotografado pelo autor
- 135 Fotografado pelo autor
- 136 Fotografado pelo autor
- 137 Fotografado pelo autor
- 138 Desenhado pelo autor
- 139 Fotografado pelo autor
- 140 Desenhado pelo autor
- 141 Fotografado pelo autor
- 142 Desenhado pelo autor
- 143 Fotografado pelo autor
- 144 Fotografado pelo autor
- 145 Fotografado pelo autor
- 146 Fotografado pelo autor

Registo Fotográfico

Pré-existente

Planta Piso 0

Escala 1:200



1



6



9



11



13



16



2



14



17



3



4



7



18



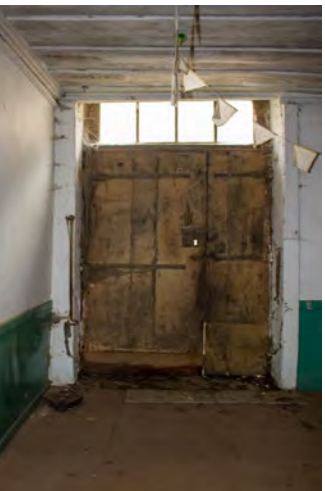
5



8



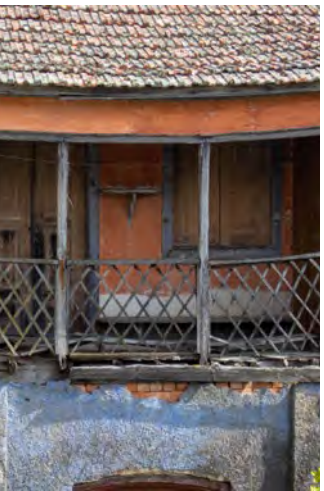
10



12



15



19

Registo Fotográfico

Pré-existente

Planta Piso 1

Escala 1:200



20



25



27



30



32



34



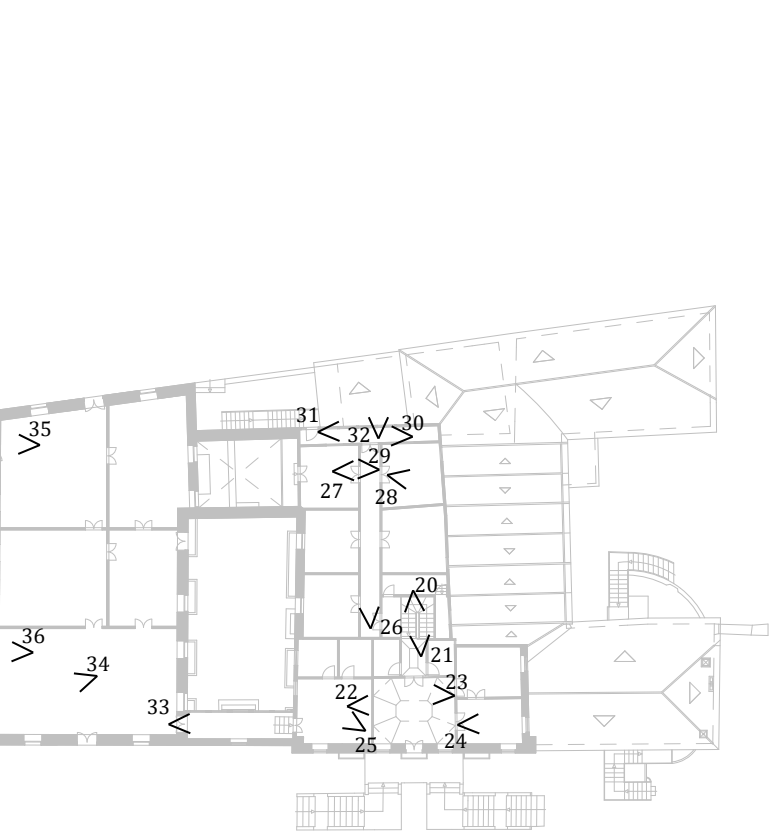
21



26



28



35



22



36



23



24



29



31



33

Registo Fotográfico

Pré-existente

Planta de Cobertura

Escala 1:200



37



42



44



46



47



38



39



40



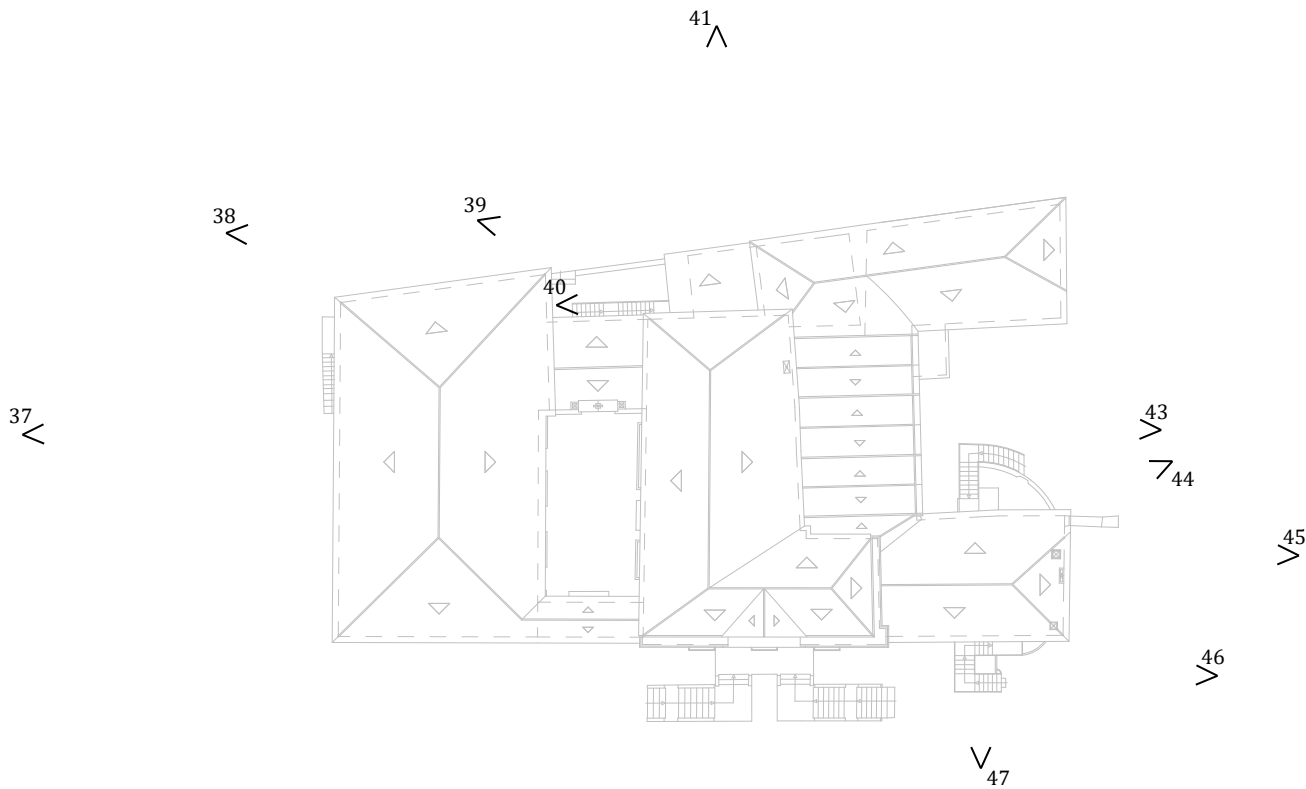
41



43



45



Registo Fotográfico

Pré-existente

Planta de Cobertura

Escala 1:200



48



52



55



56



49



50



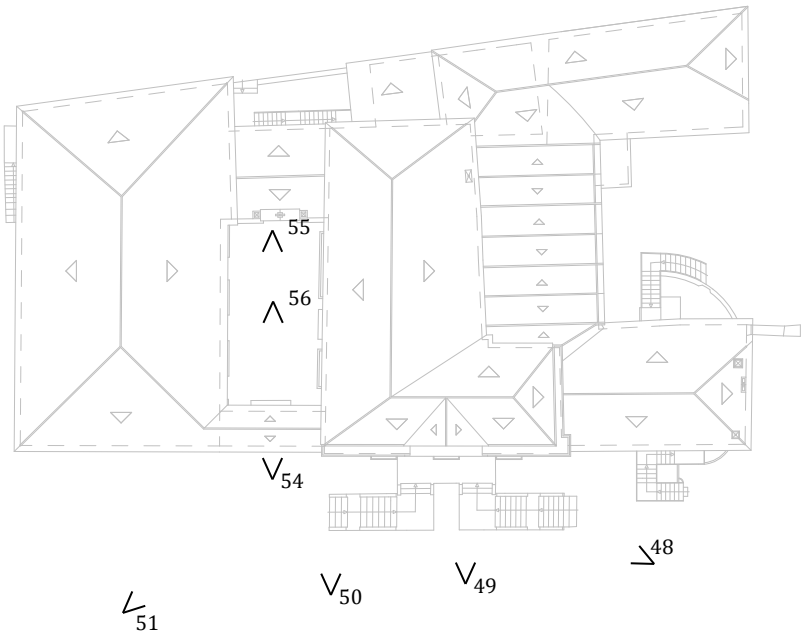
51



53



54



V₅₂

Registo Fotográfico

Pré-existente

Planta Piso -1

Escala 1:200



57



61



63



58



59



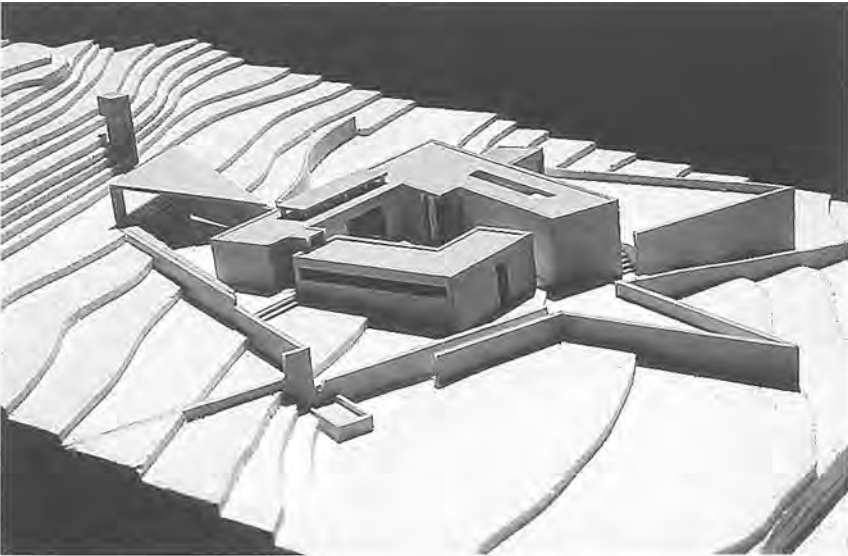
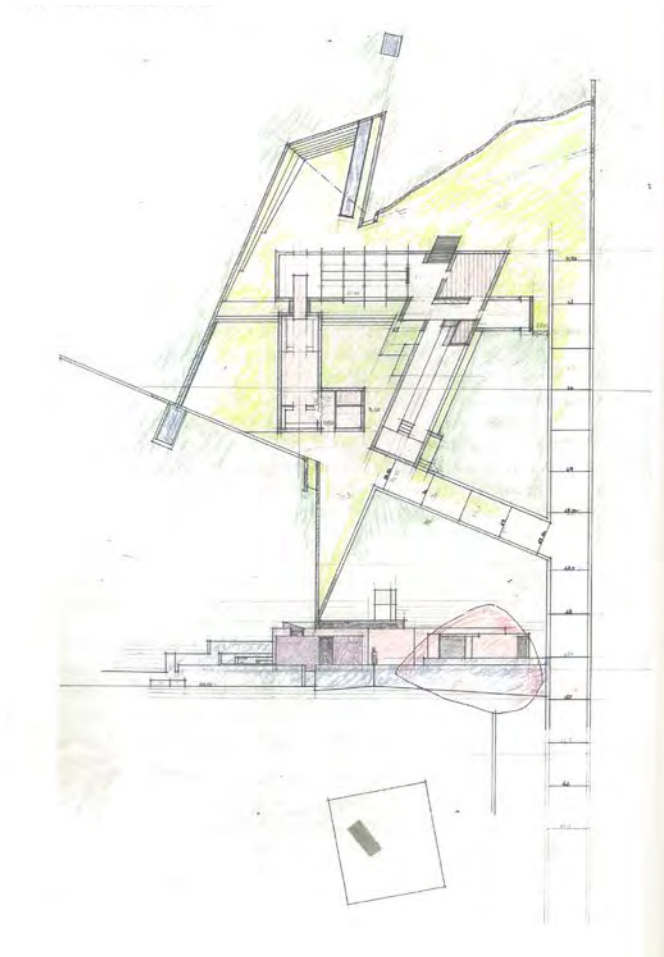
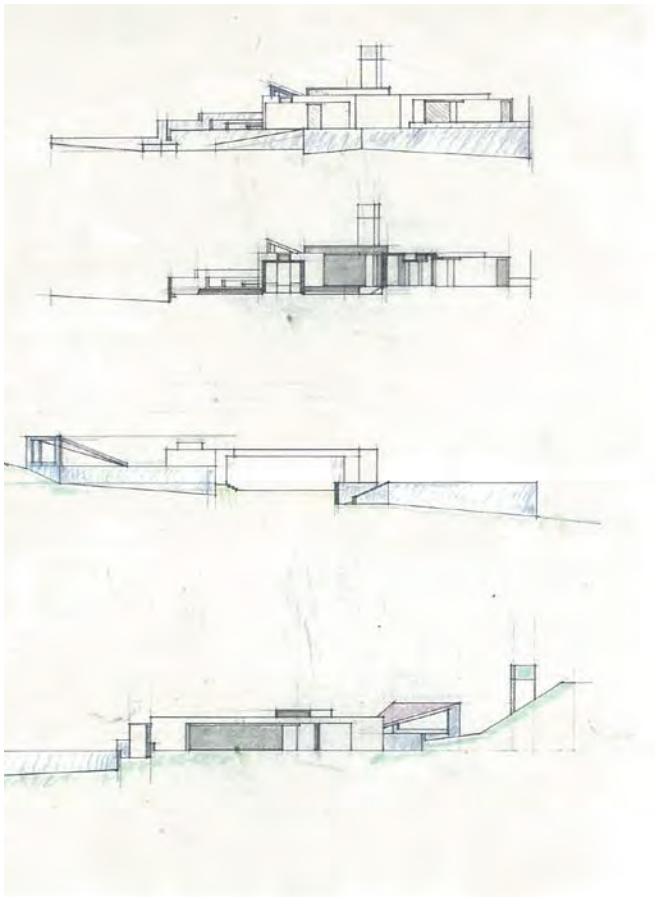
60



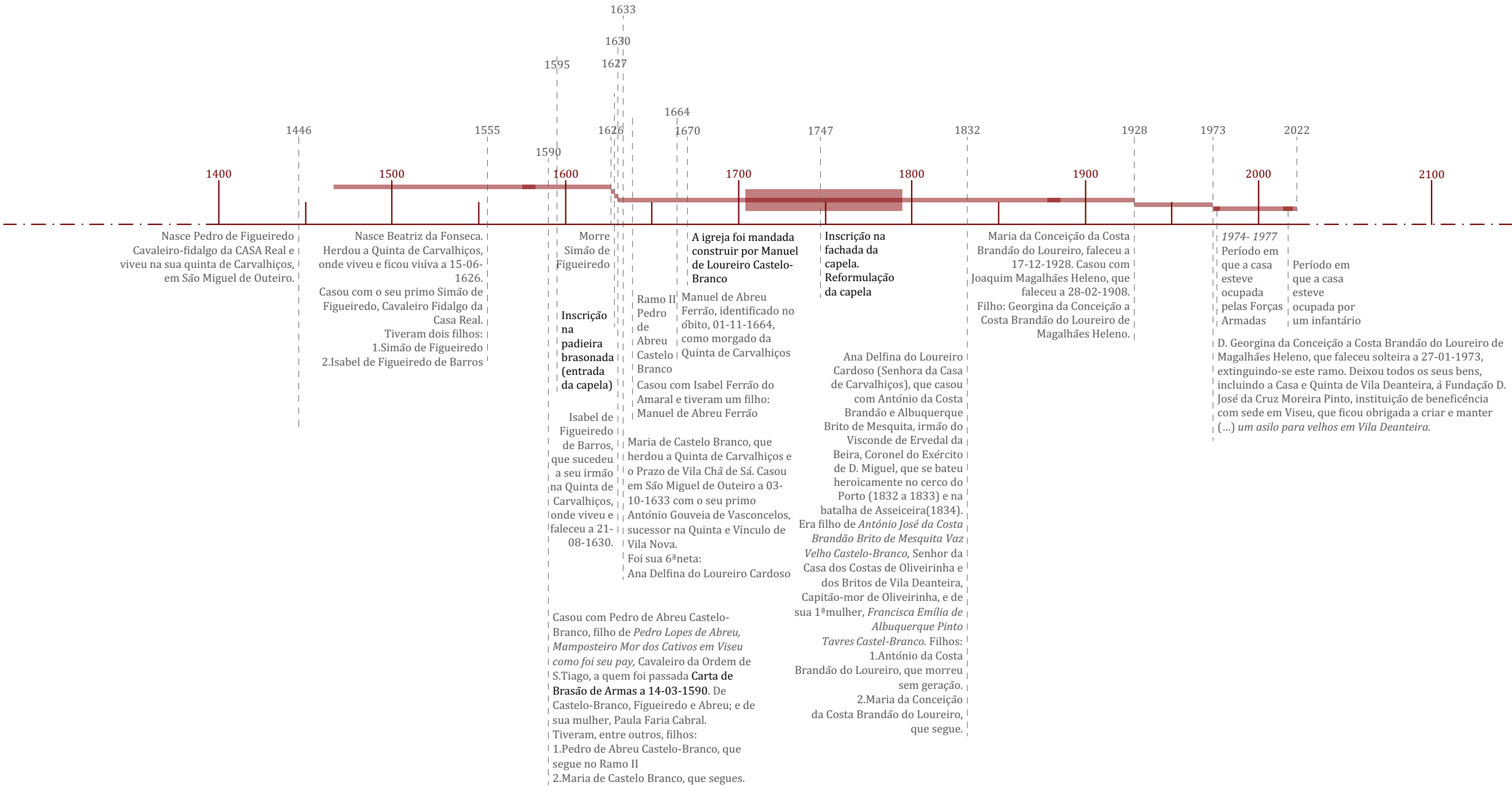
62

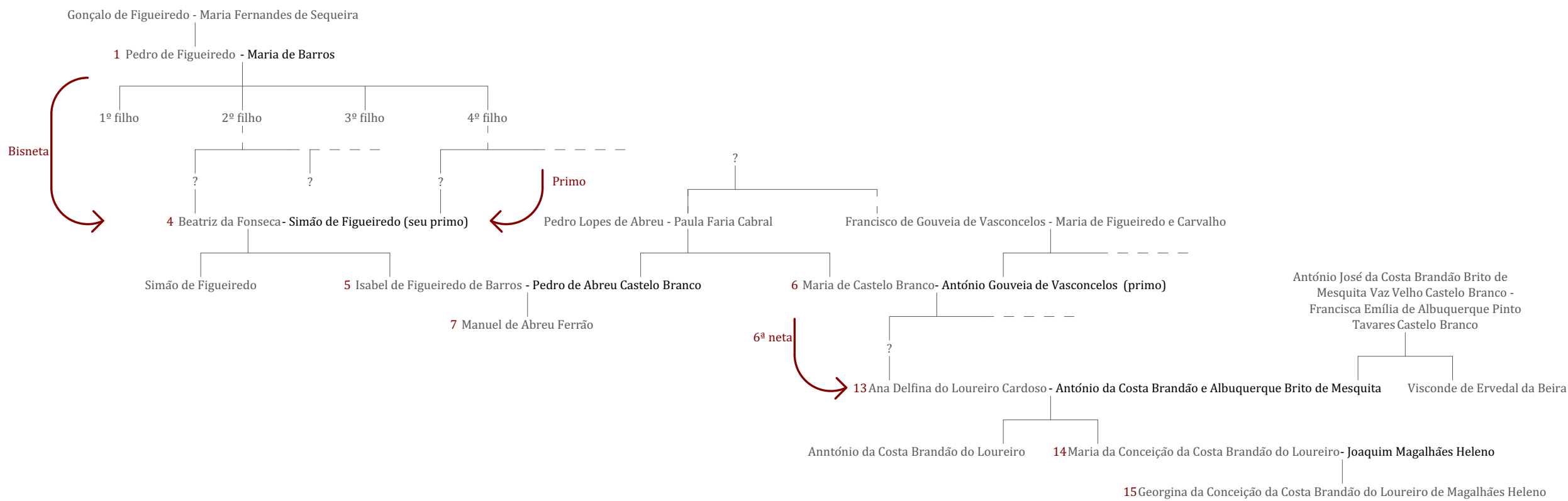


Projeto do Atelier 15 para
o Jardim de Infância da
Quinta dos Carvalhiços



Cronologia realizada a partir do livro "Concelho de Tondela", 2017

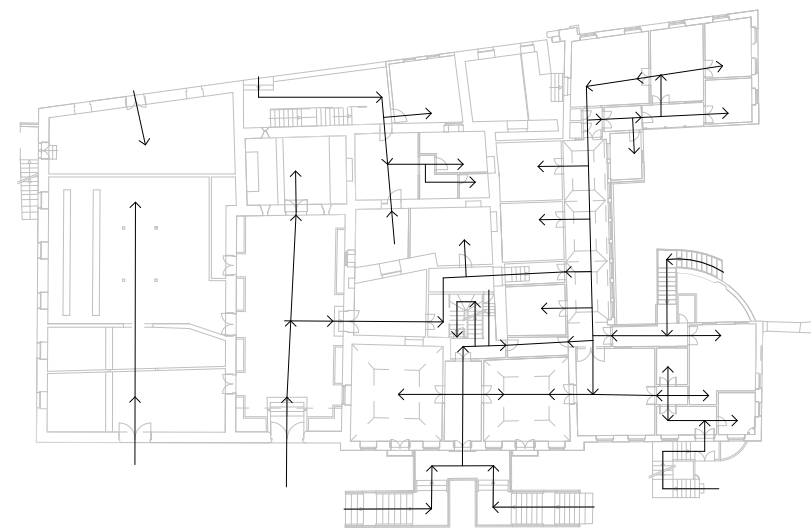




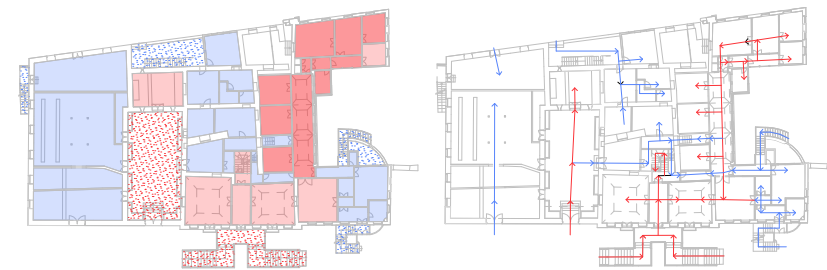
Distinção de áreas e de percursos de circulação

Legenda

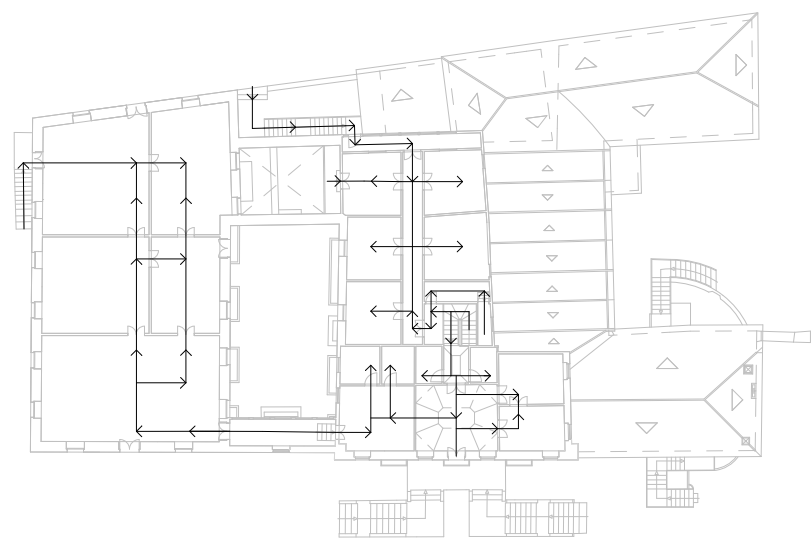
- Privativo
- Serviço
- Entrada de Serviços
- Social
- Entrada



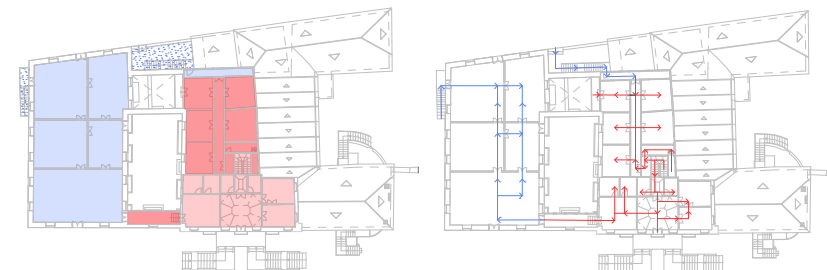
Planta Piso 0
Escala 1:500



Planta Piso 0
Escala 1:1000



Planta Piso 1
Escala 1:500



Planta Piso 0
Escala 1:1000

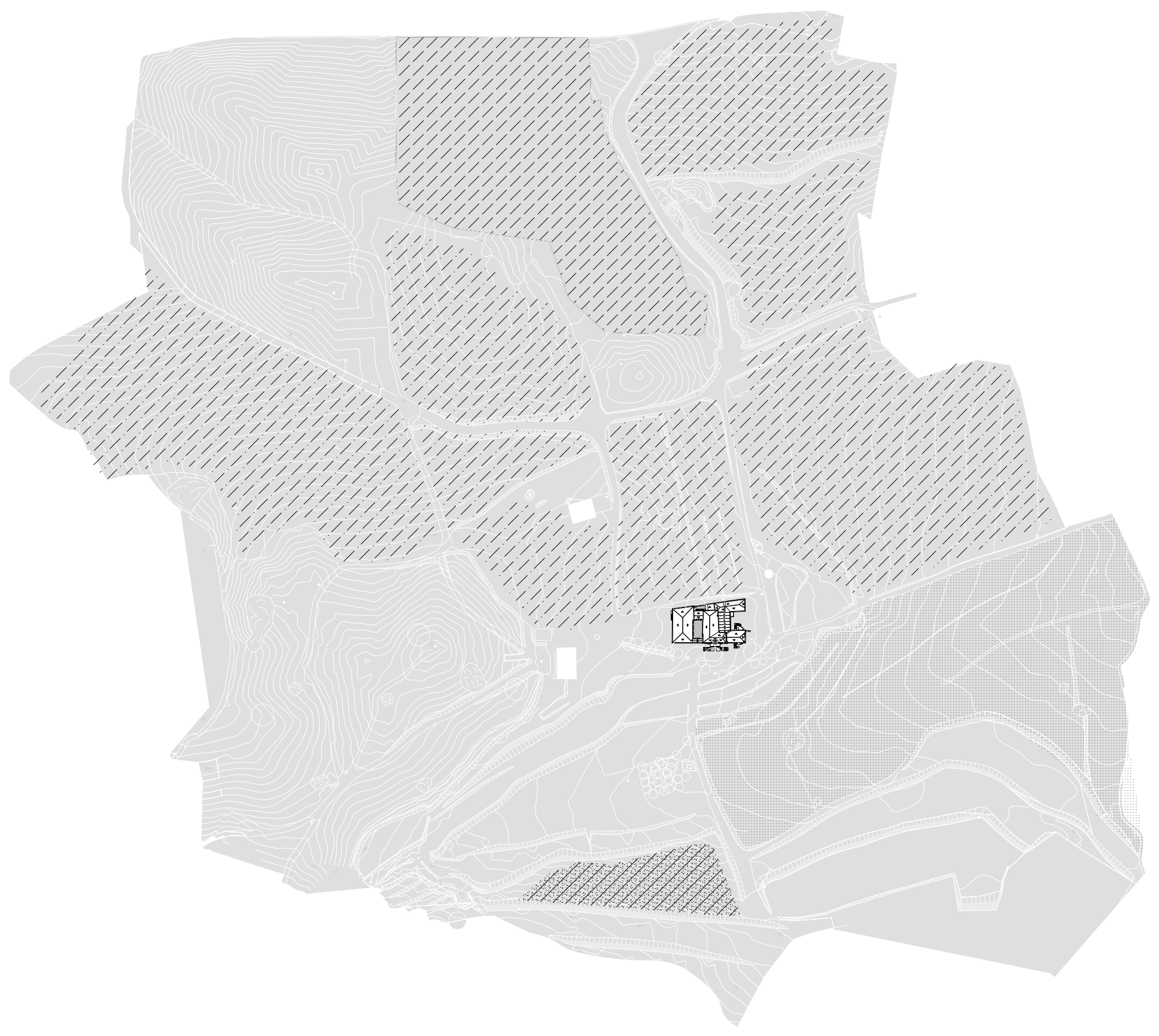
Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Pré-existente

Planta de Enquadramento

Escala 1:3000

-  Vinha
-  Lago
-  Pomar

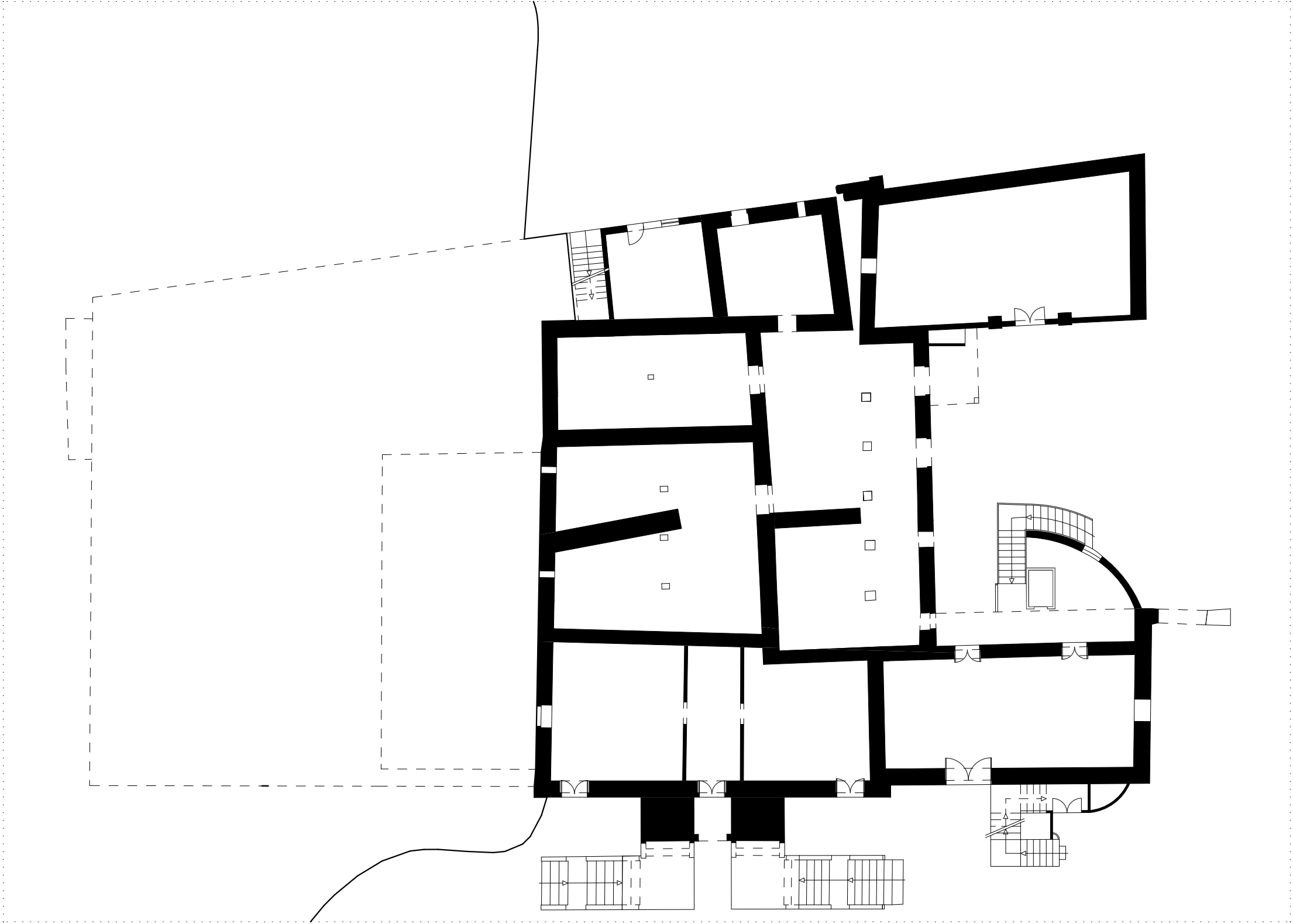


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Pré-existente

Planta Piso -1

Escala 1:200

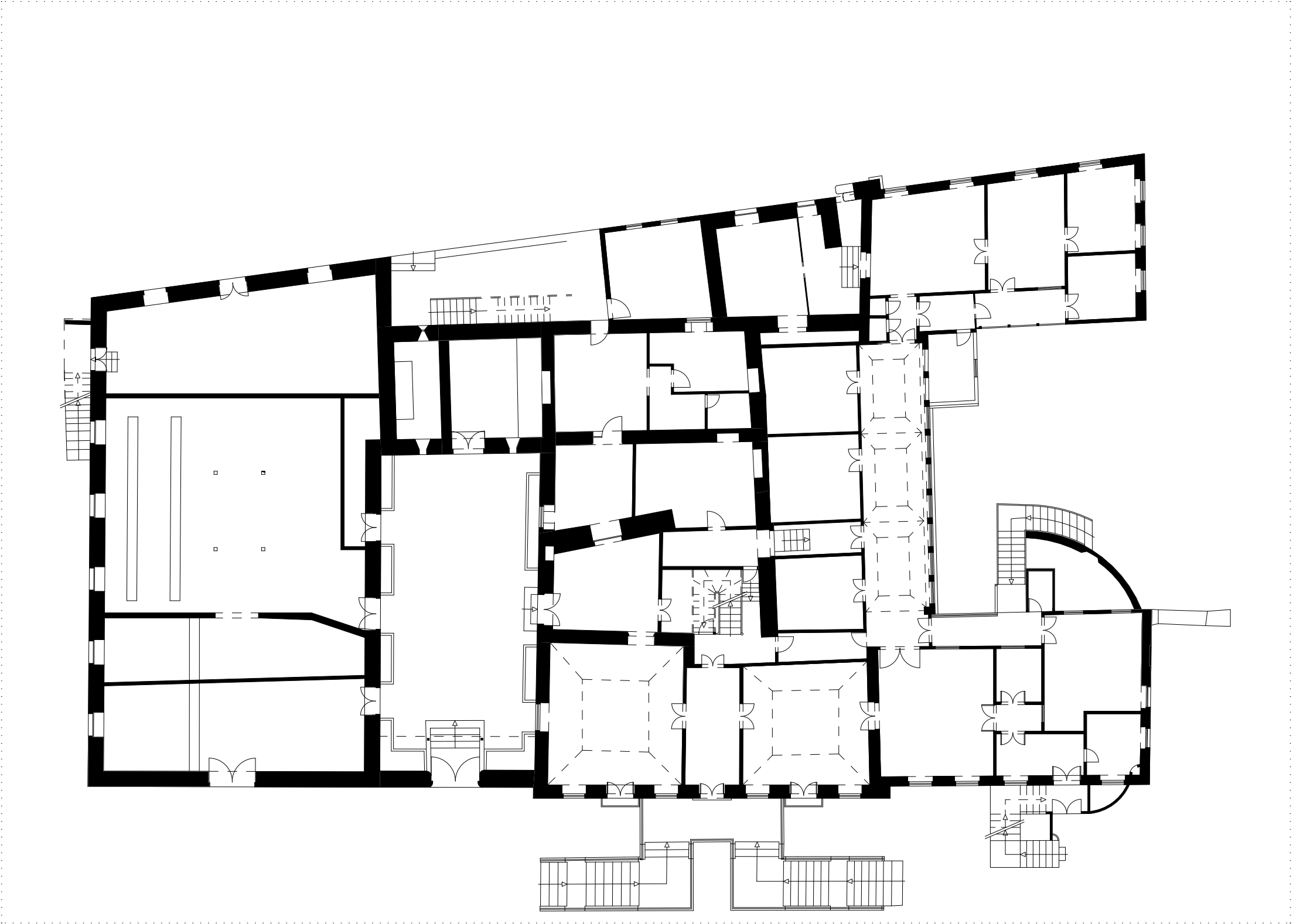


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Pré-existente

Planta Piso 0

Escala 1:200

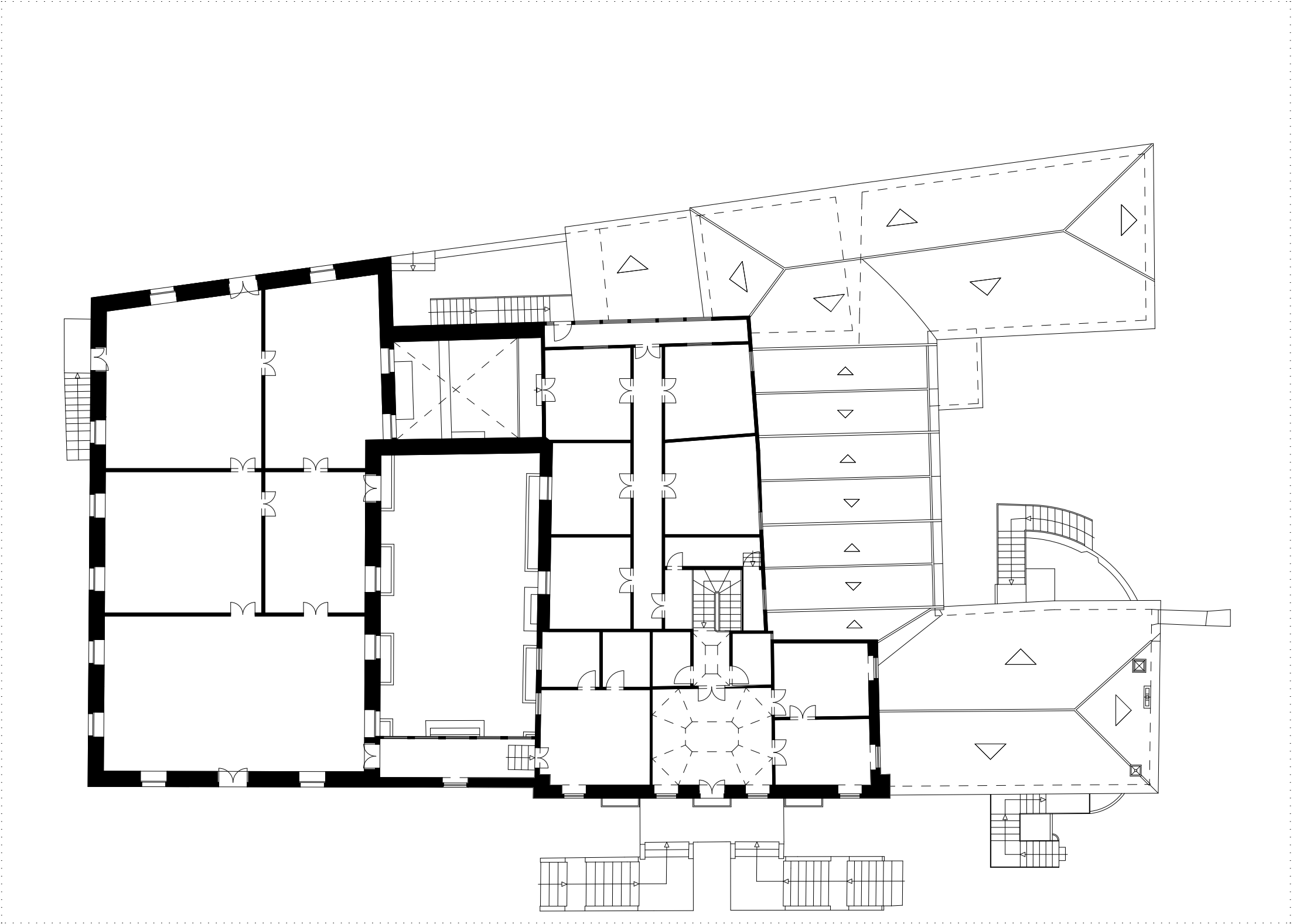


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Pré-existente

Planta Piso 1

Escala 1:200

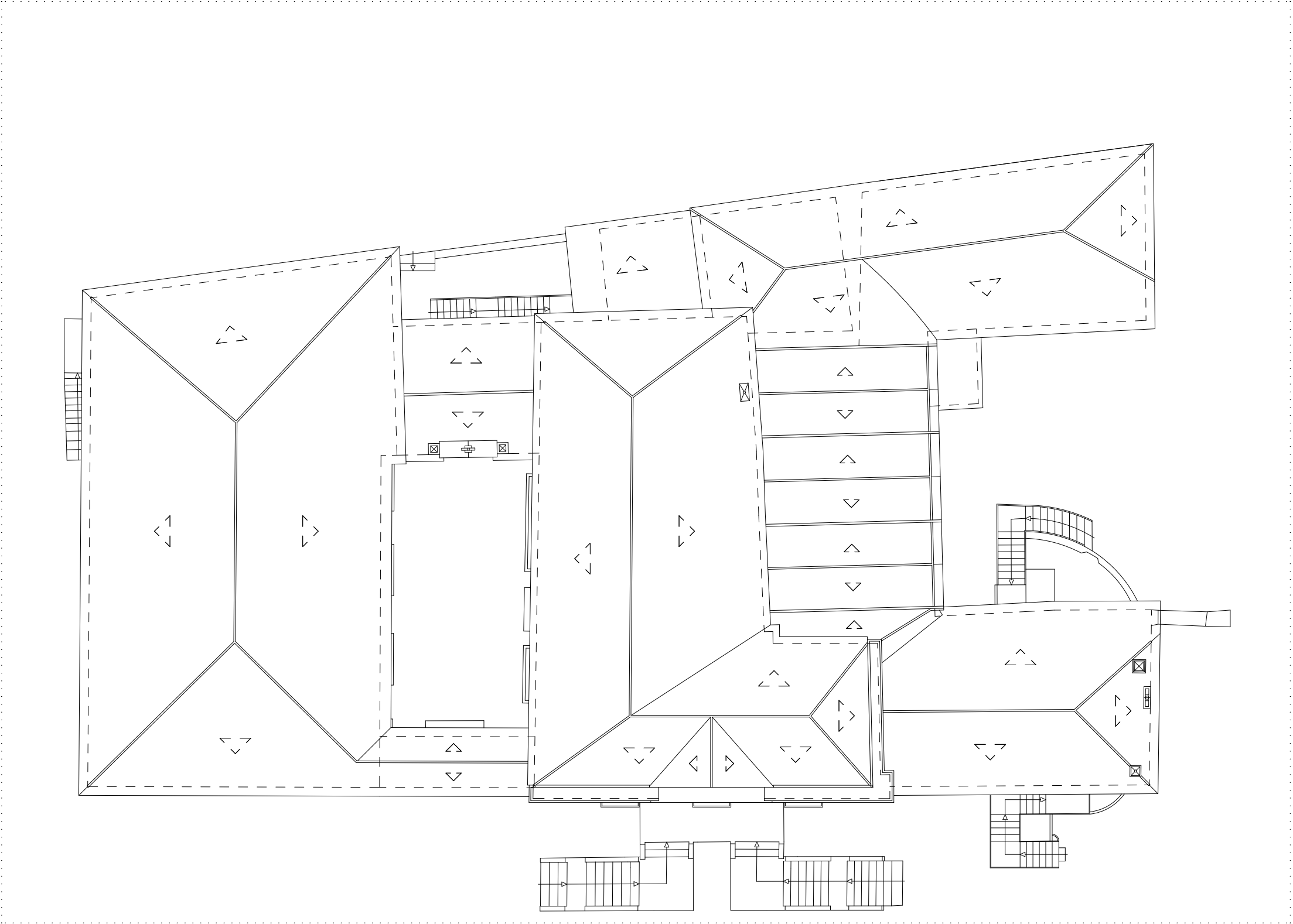


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Pré-existente

Planta de Cobertura

Escala 1:200

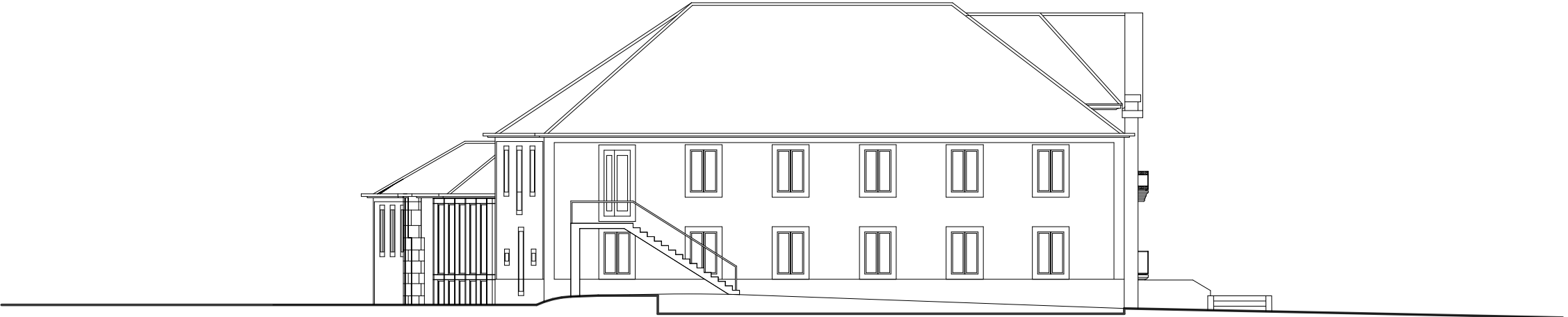
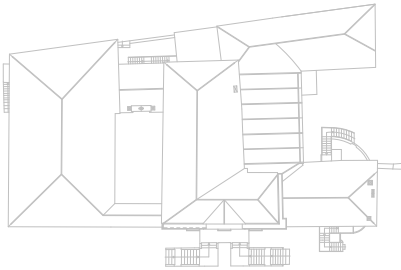


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Pré-existente

Alçados Norte e Sul

Escala 1:200



Alçado Norte



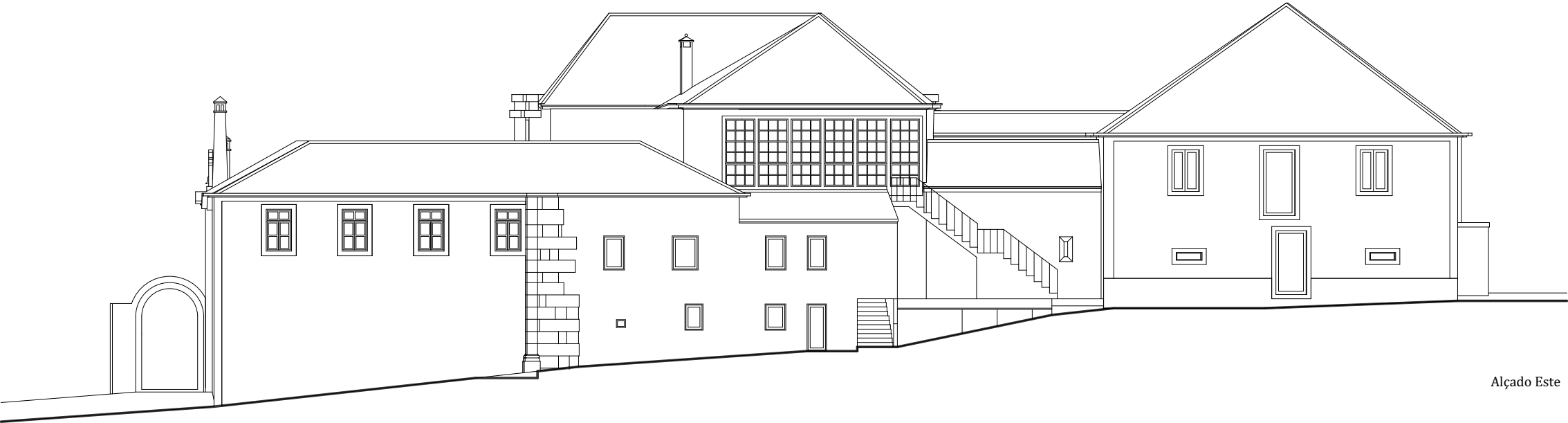
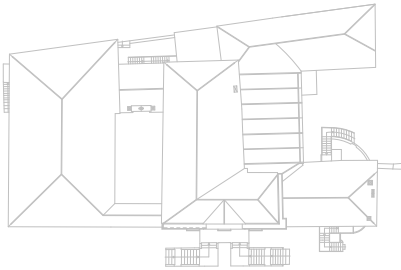
Alçado Sul

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Pré-existente

Alçados Este e Oeste

Escala 1:200



Alçado Este



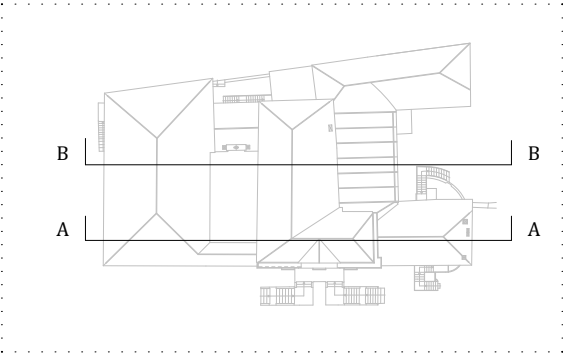
Alçado Oeste

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

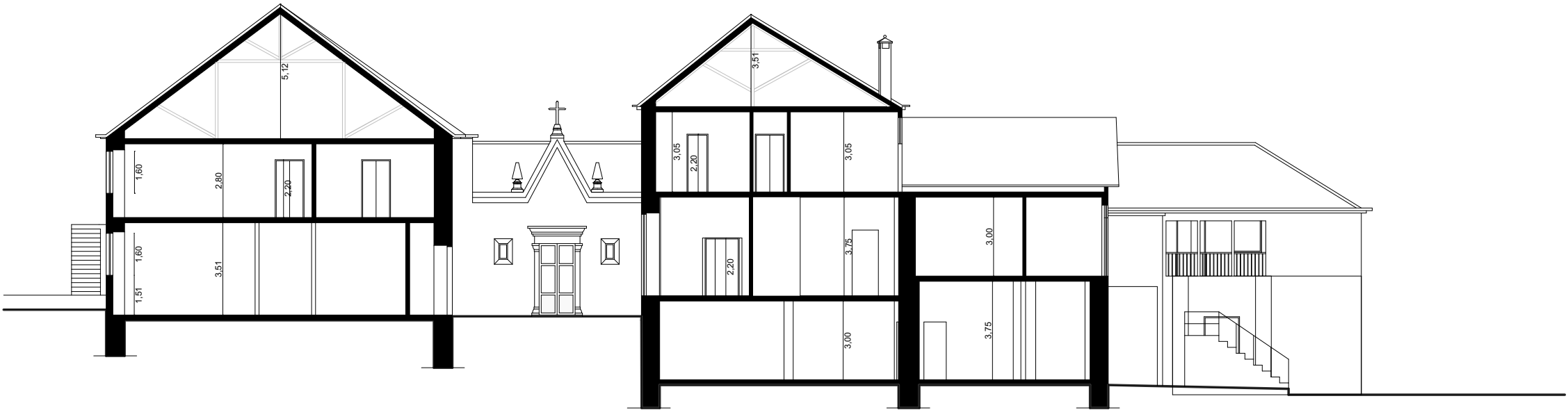
Pré-existente

Corte A e B

Escala 1:200



Corte A



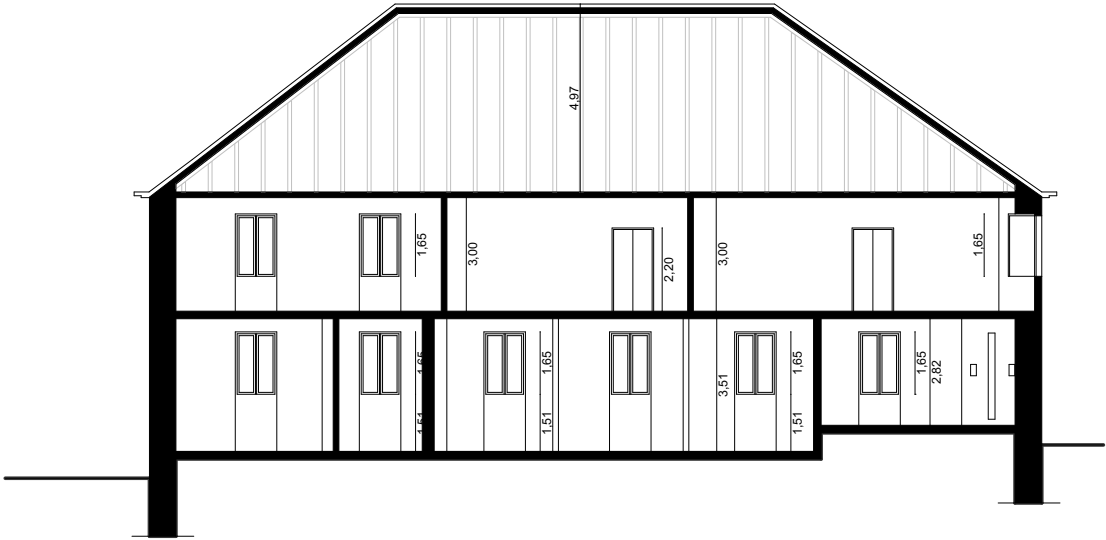
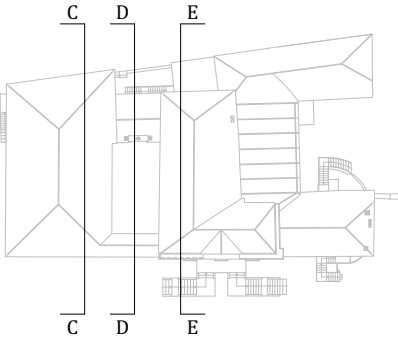
Corte B

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

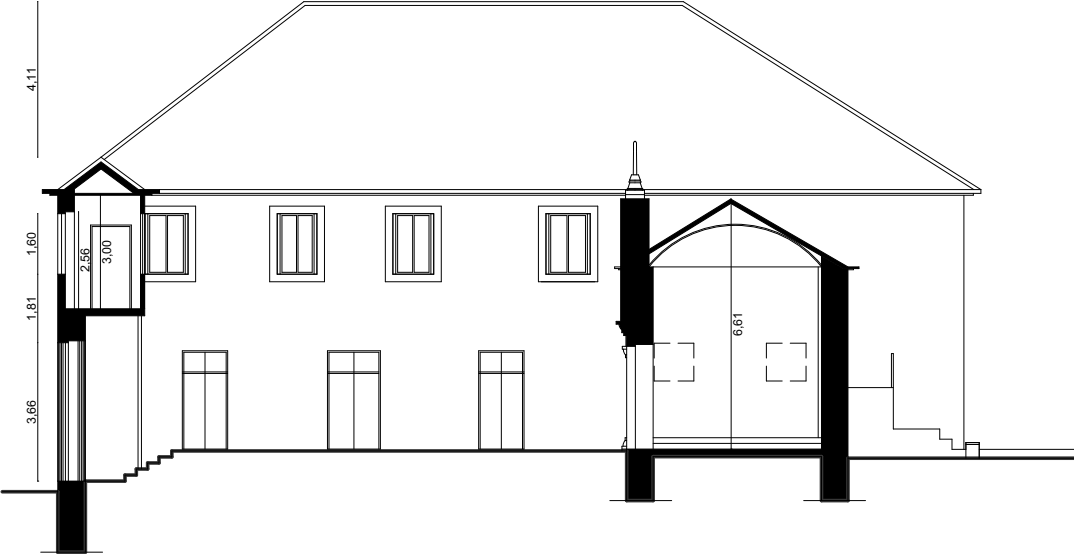
Pré-existente

Corte C, D e E

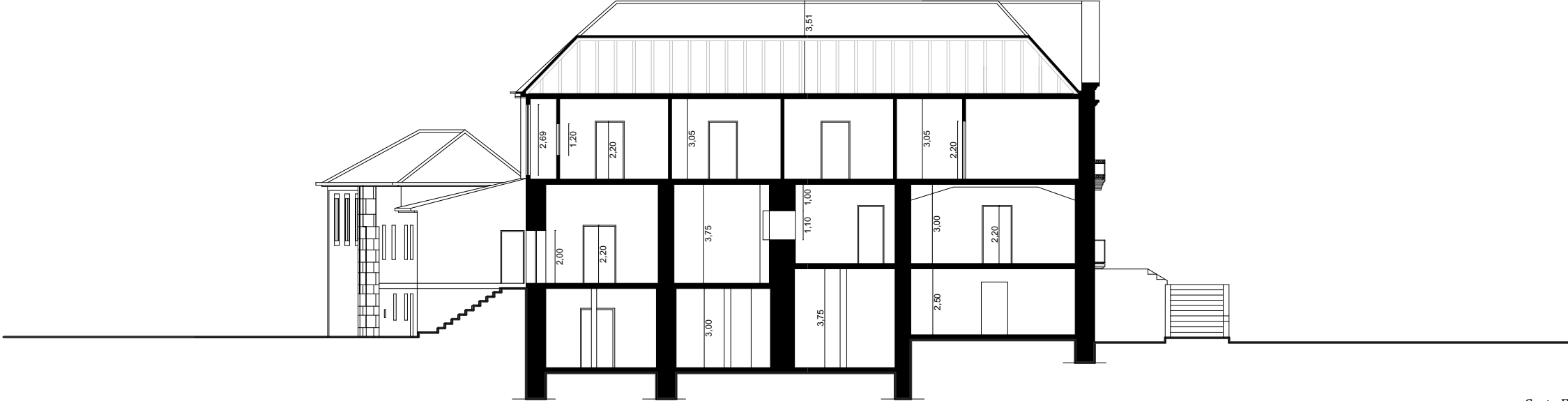
Escala 1:200



Corte C



Corte D



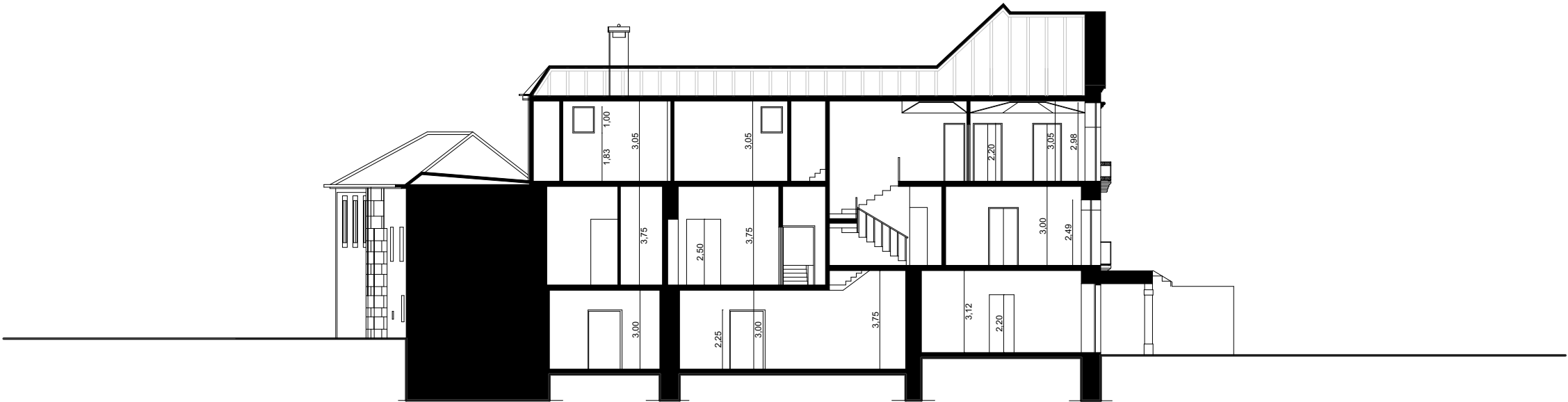
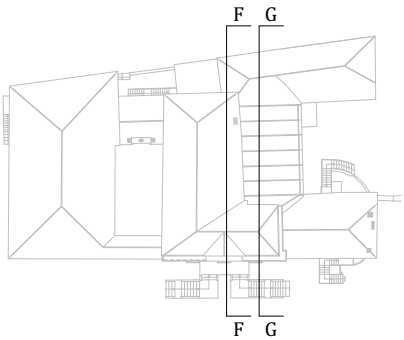
Corte E

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Pré-existente

Corte F e G

Escala 1:200



Corte F



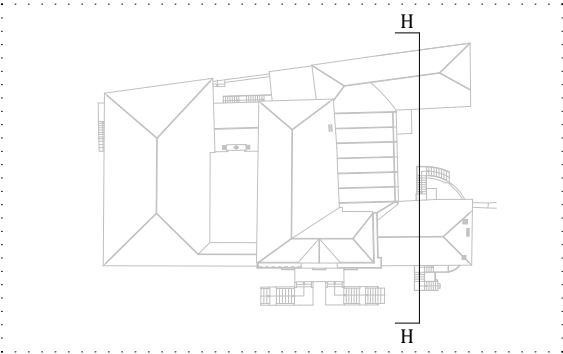
Corte G

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Pré-existente

Corte H

Escala 1:200



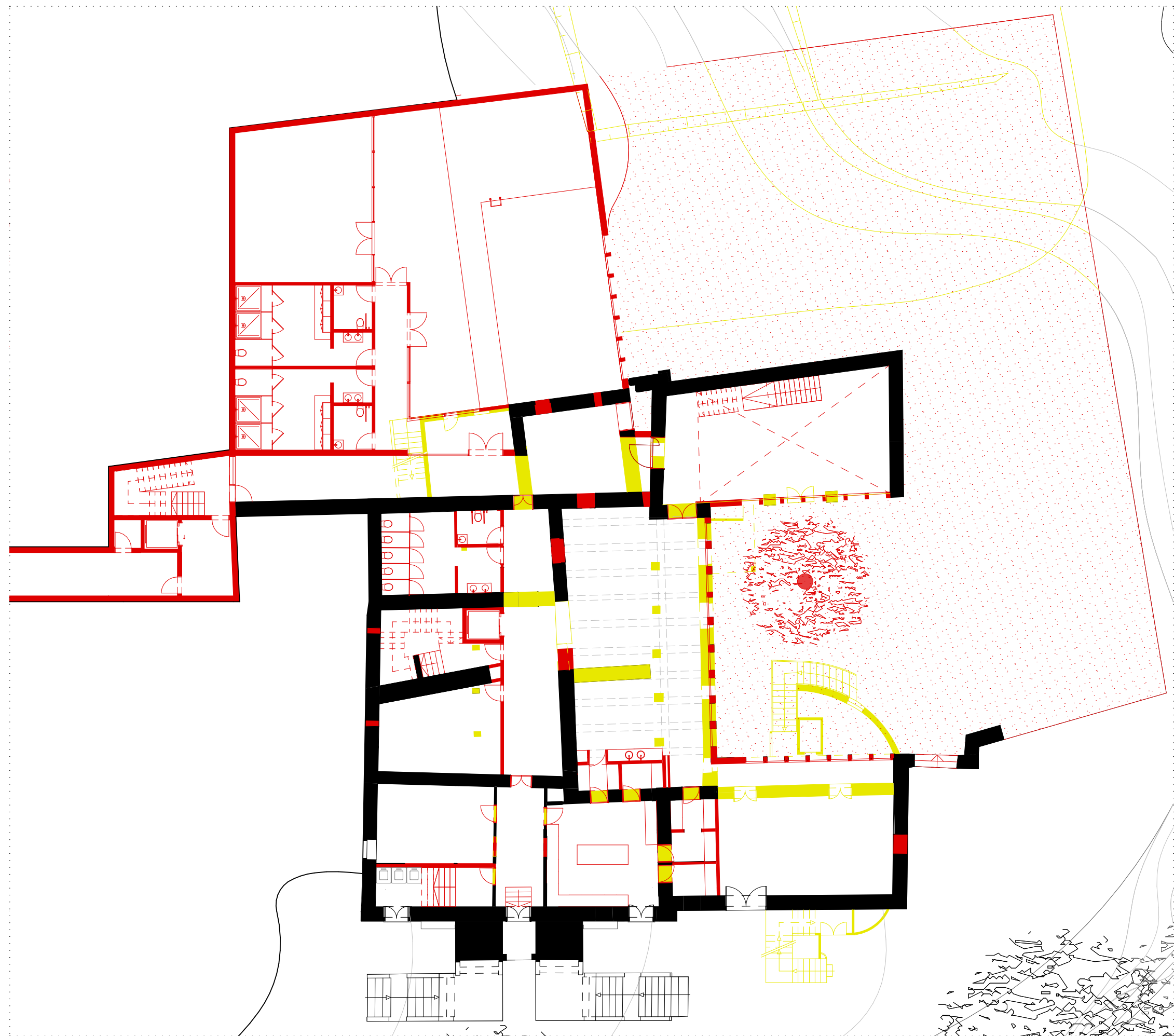
Corte H

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Vermelhos e Amarelos

Planta Piso -1

Escala 1:200

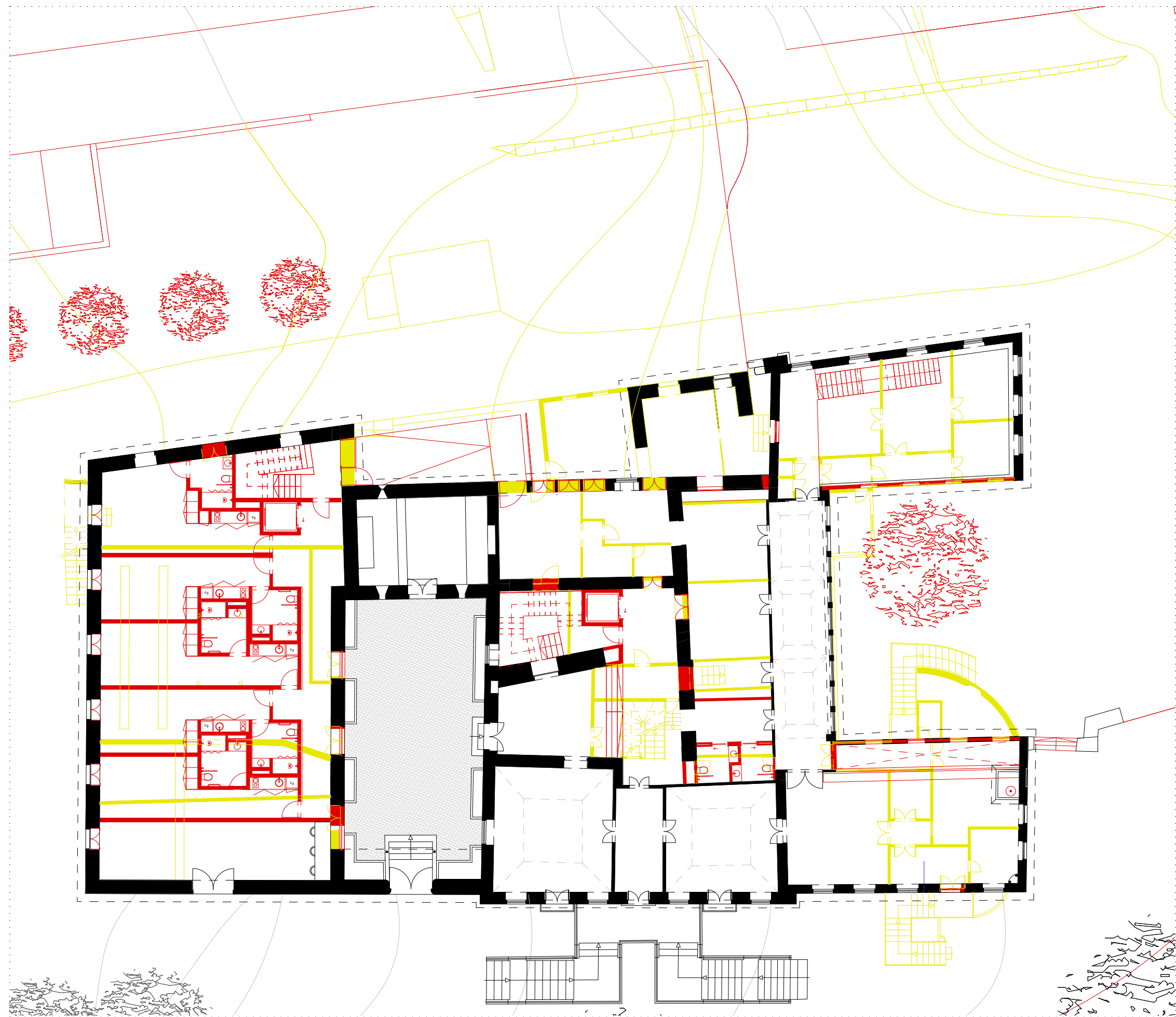


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Vermelhos e Amarelos

Planta Piso 0

Escala 1:200

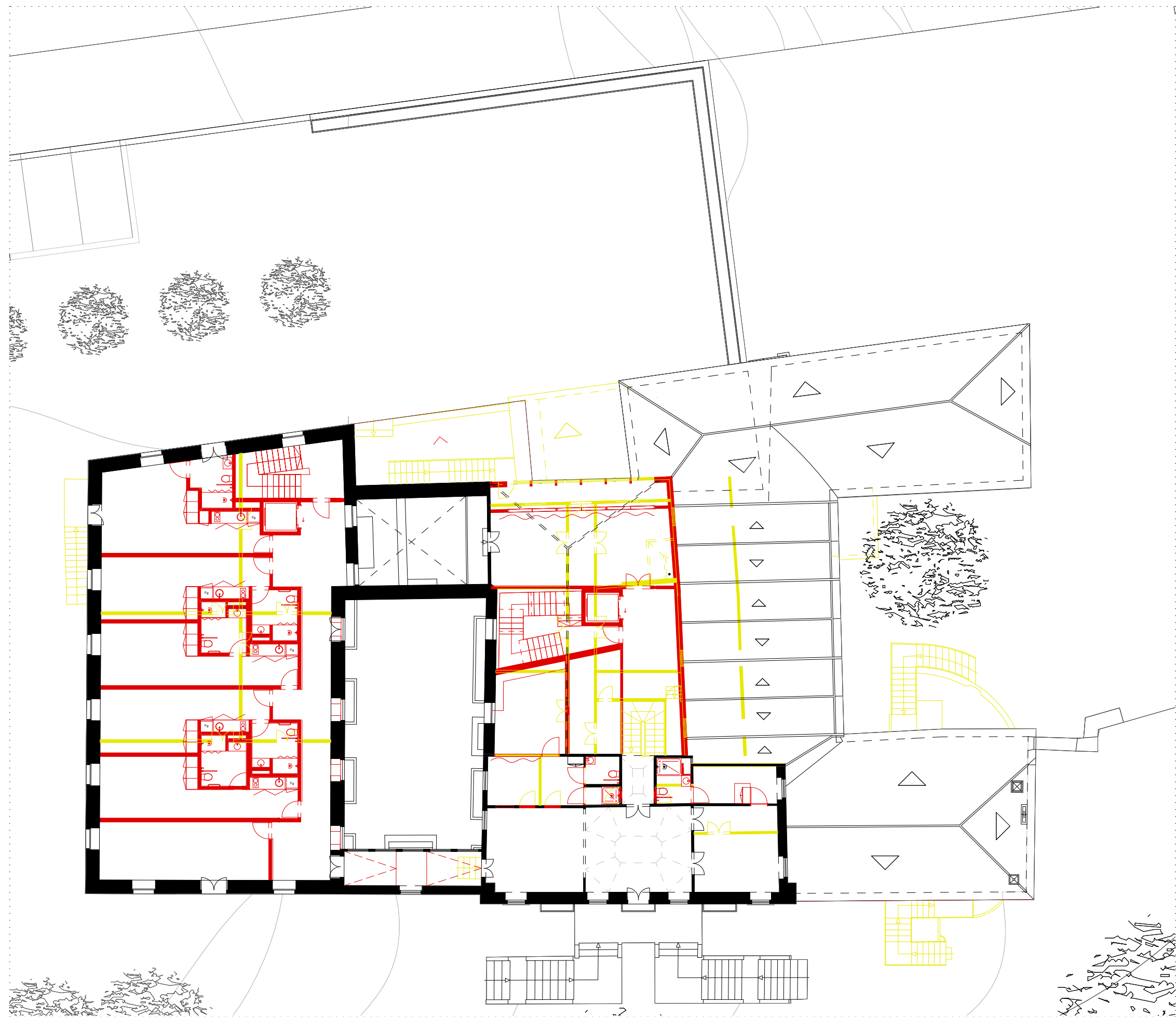


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Vermelhos e Amarelos

Planta Piso 1

Escala 1:200

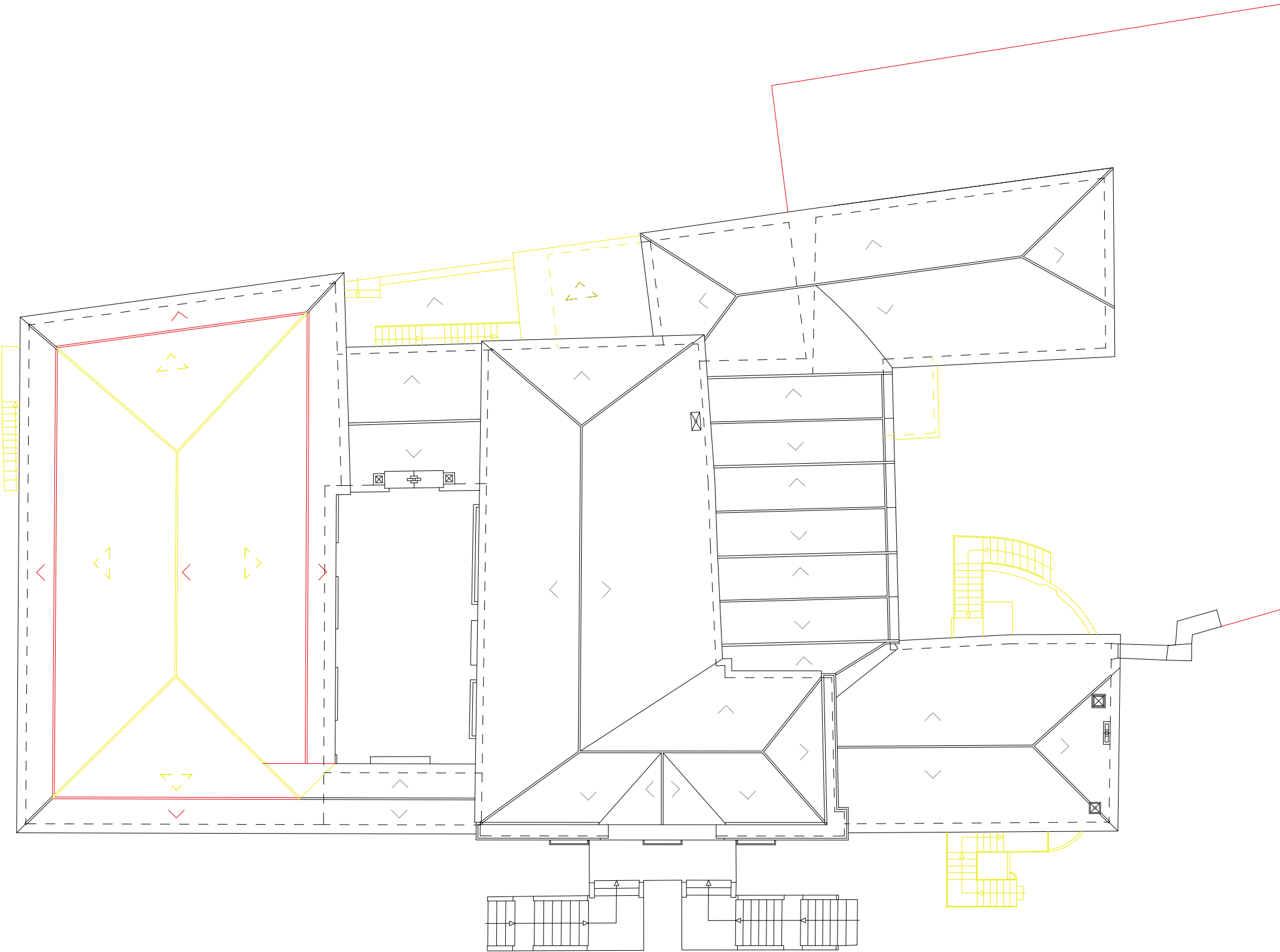


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Vermelhos e Amarelos

Planta de Cobertura

Escala 1:200

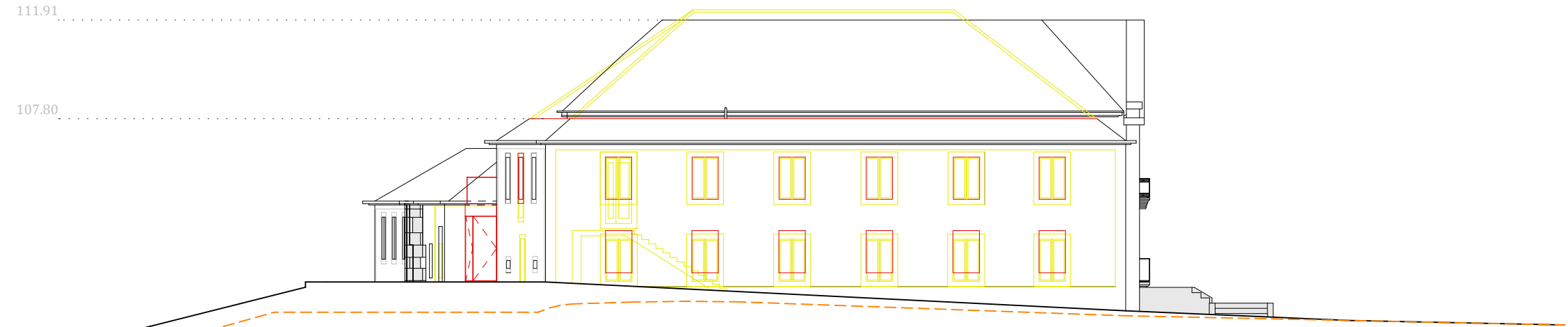
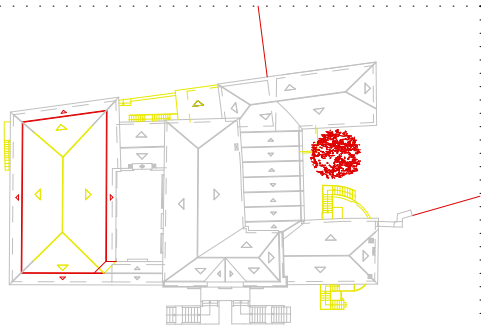


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Vermelhos e Amarelos

Alçados Norte e Sul

Escala 1:200



Alçado Norte



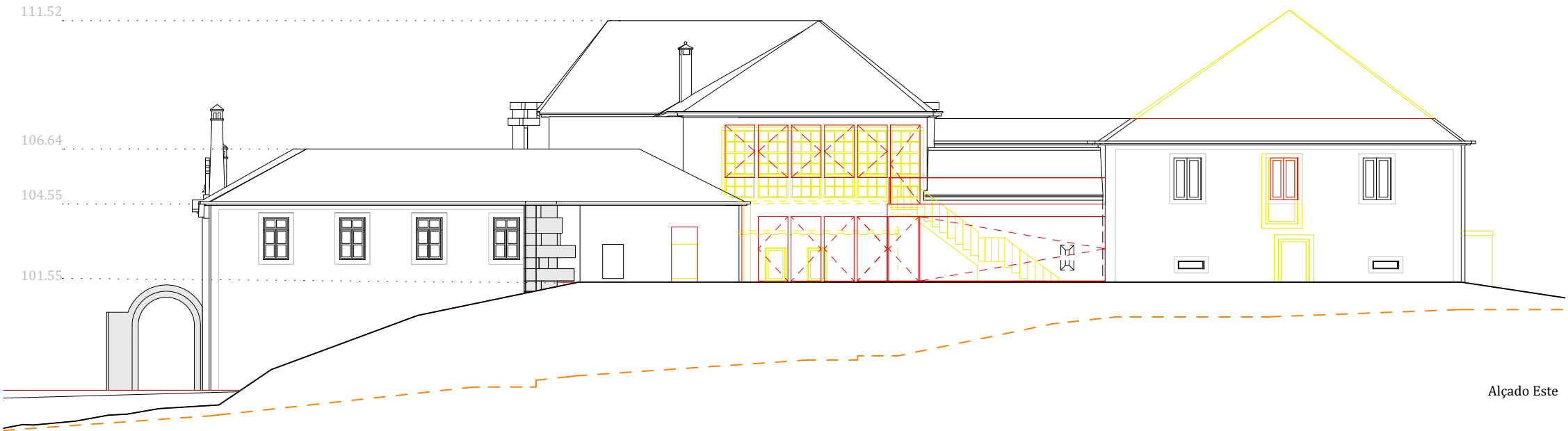
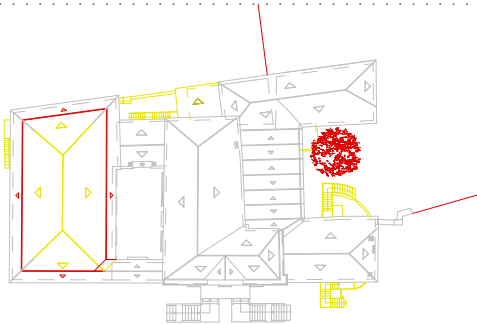
Alçado Sul

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Vermelhos e Amarelos

Alçados Este e Oeste

Escala 1:200

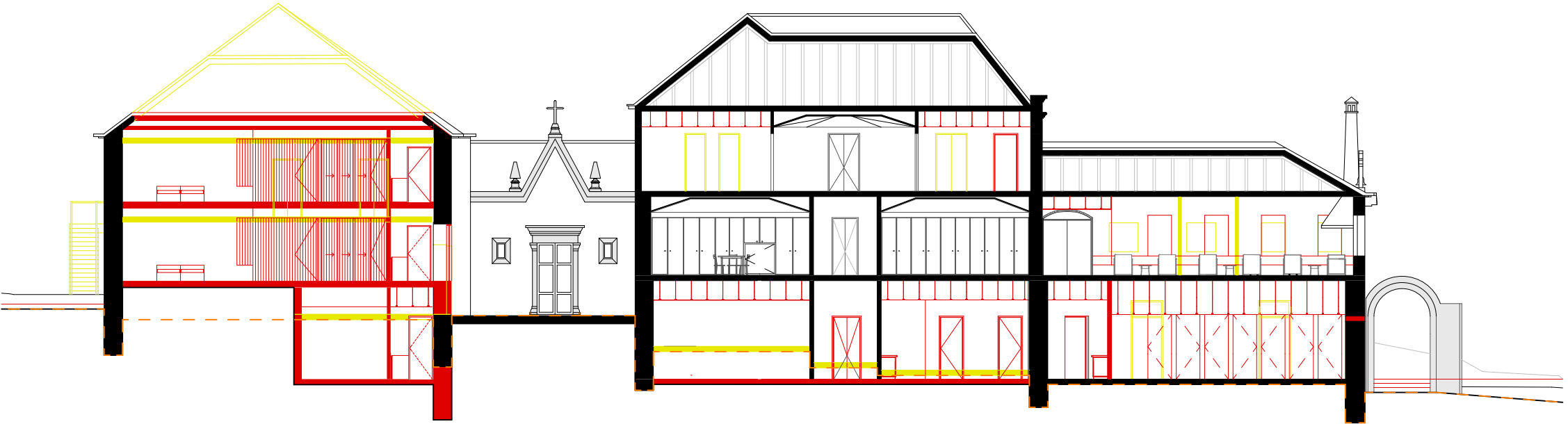
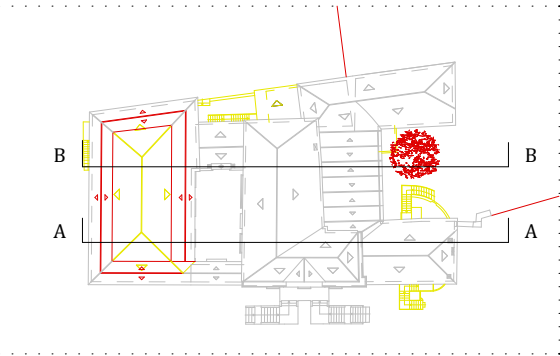


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Vermelhos e Amarelos

Corte A e B

Escala 1:200



Corte A



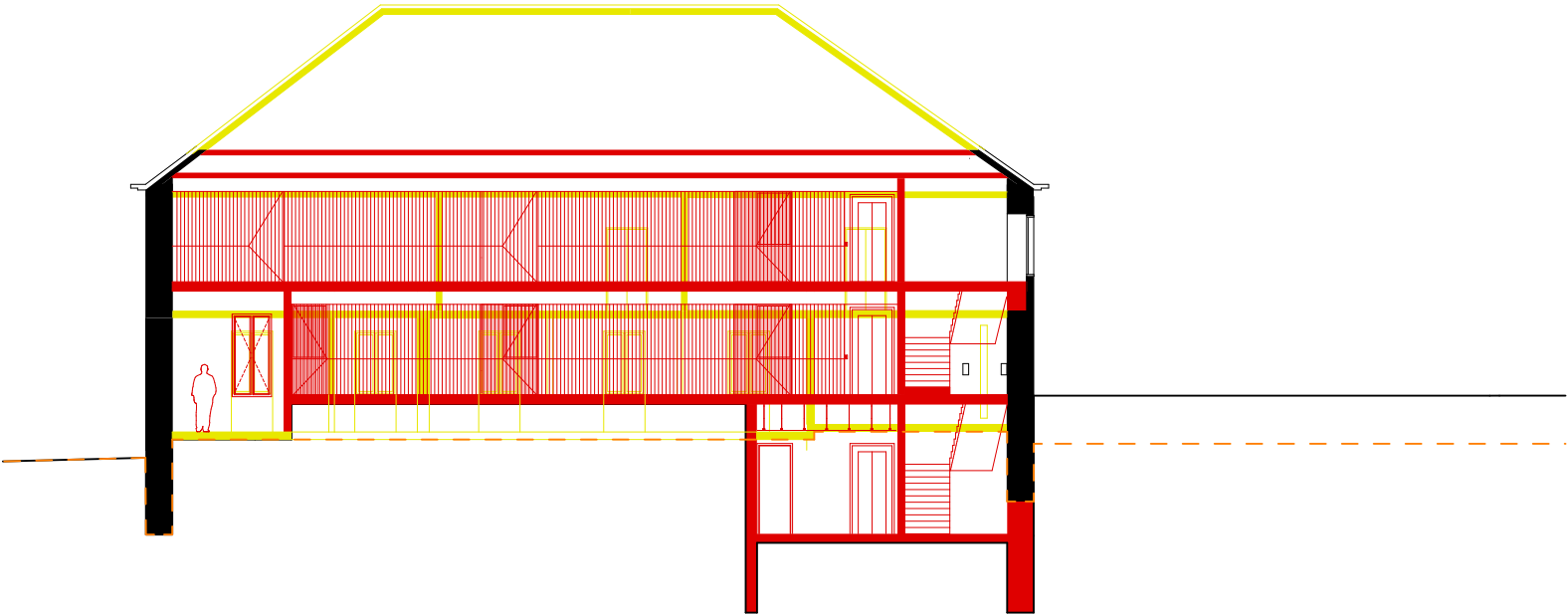
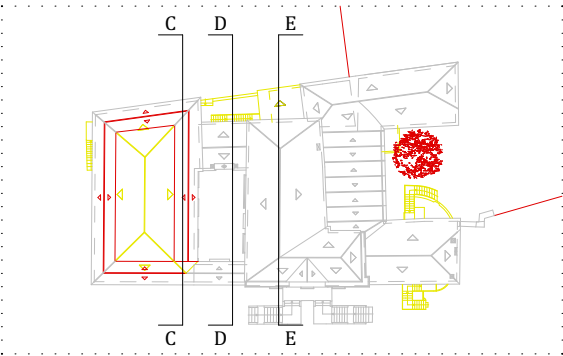
Corte B

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

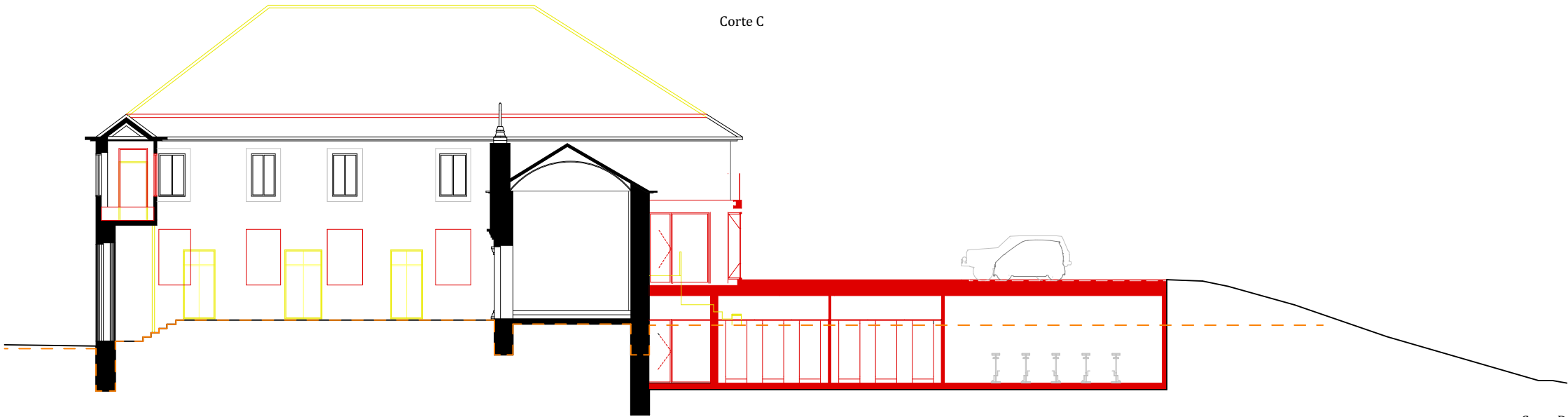
Vermelhos e Amarelos

Corte C, D e E

Escala 1:200



Corte C



Corte D



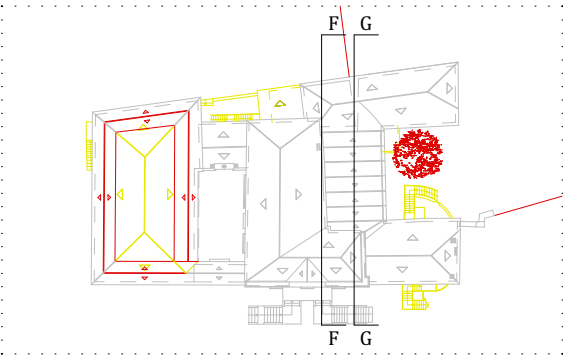
Corte E

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

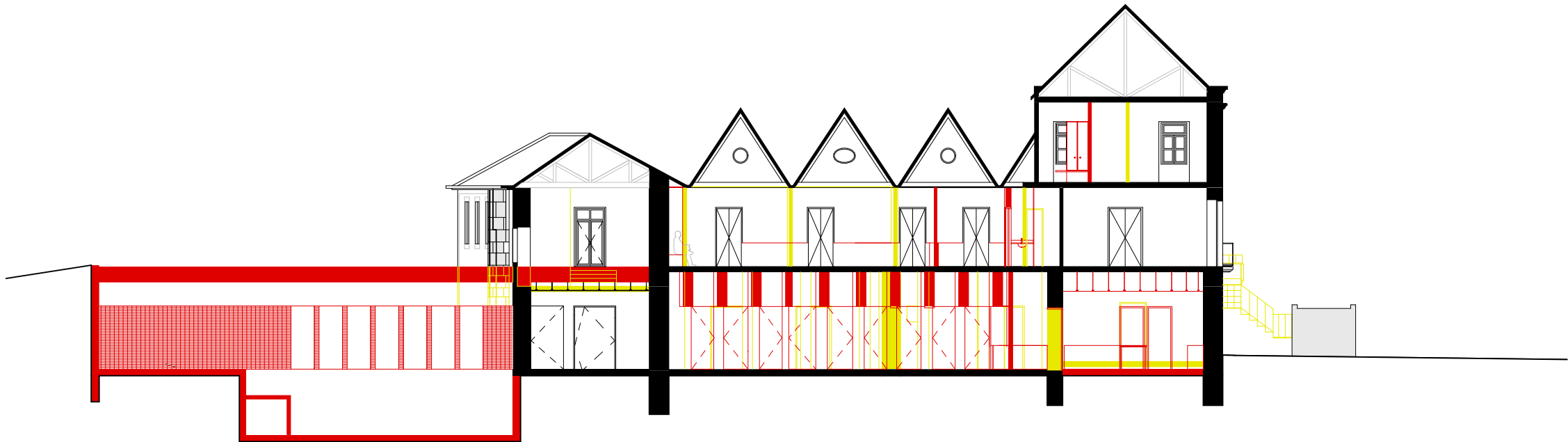
Vermelhos e Amarelos

Corte F e G

Escala 1:200



Corte F



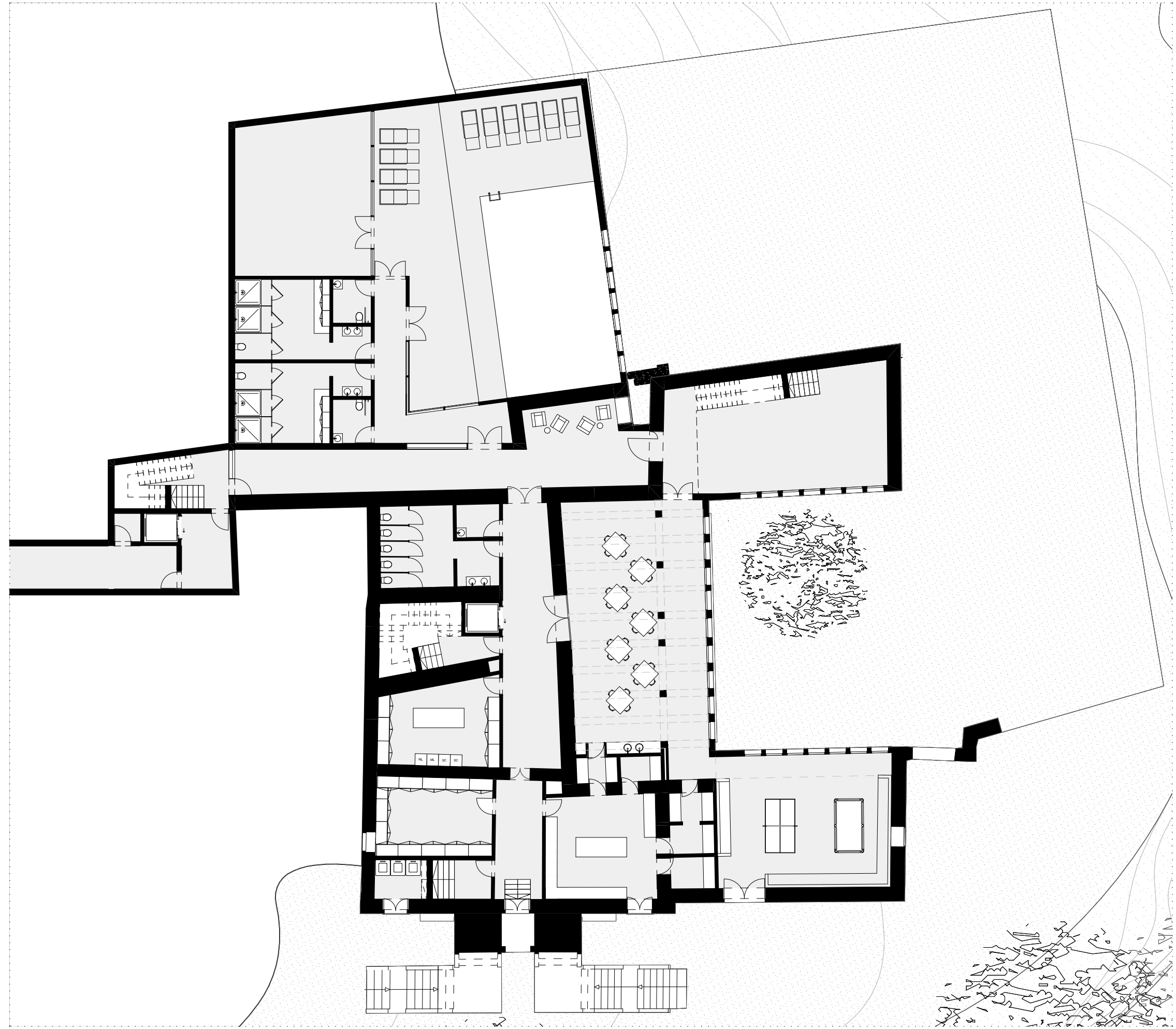
Corte G

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Proposta

Planta Piso -1

Escala 1:200

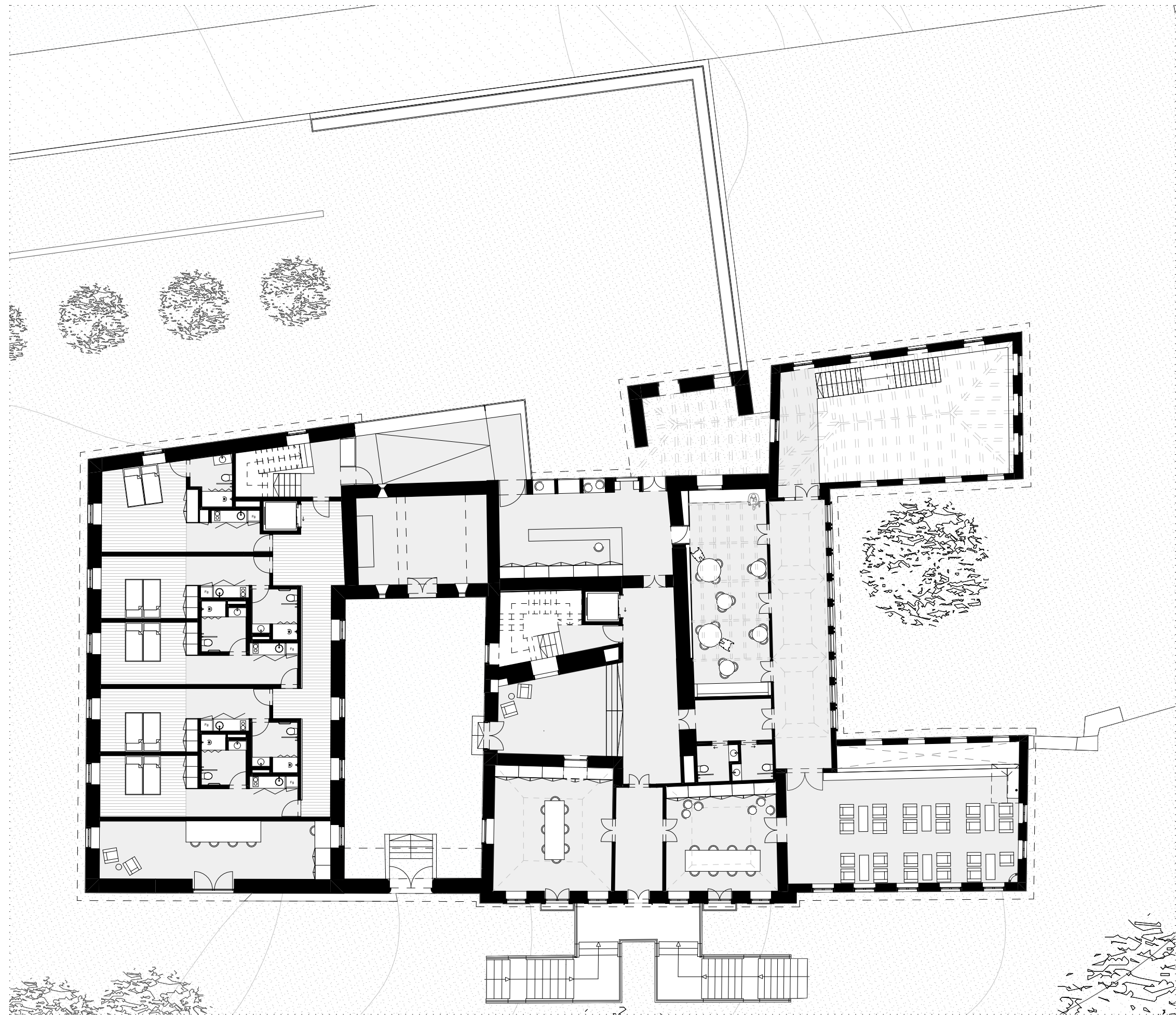


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Proposta

Planta Piso 0

Escala 1:200

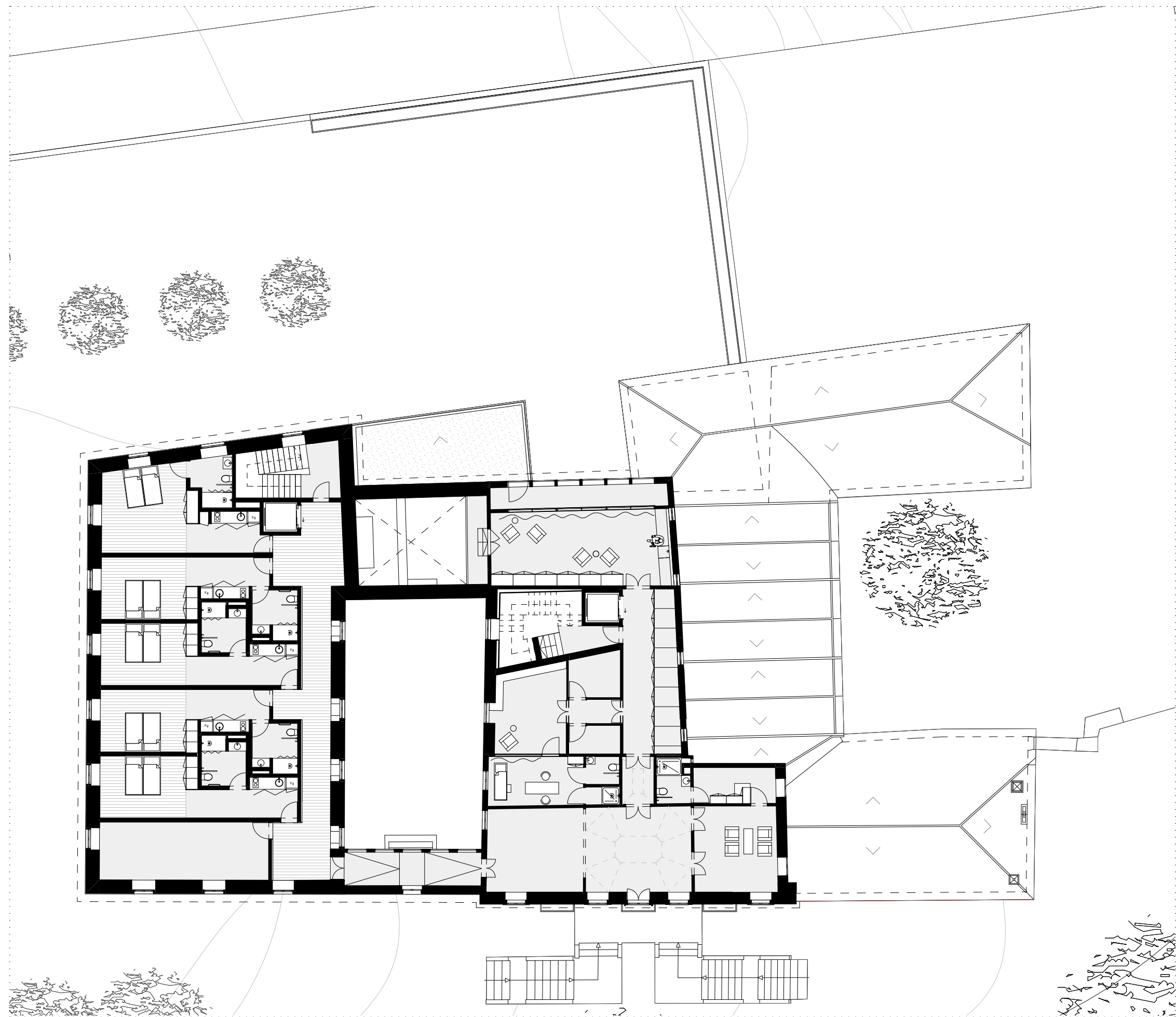


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Proposta

Planta Piso 1

Escala 1:200

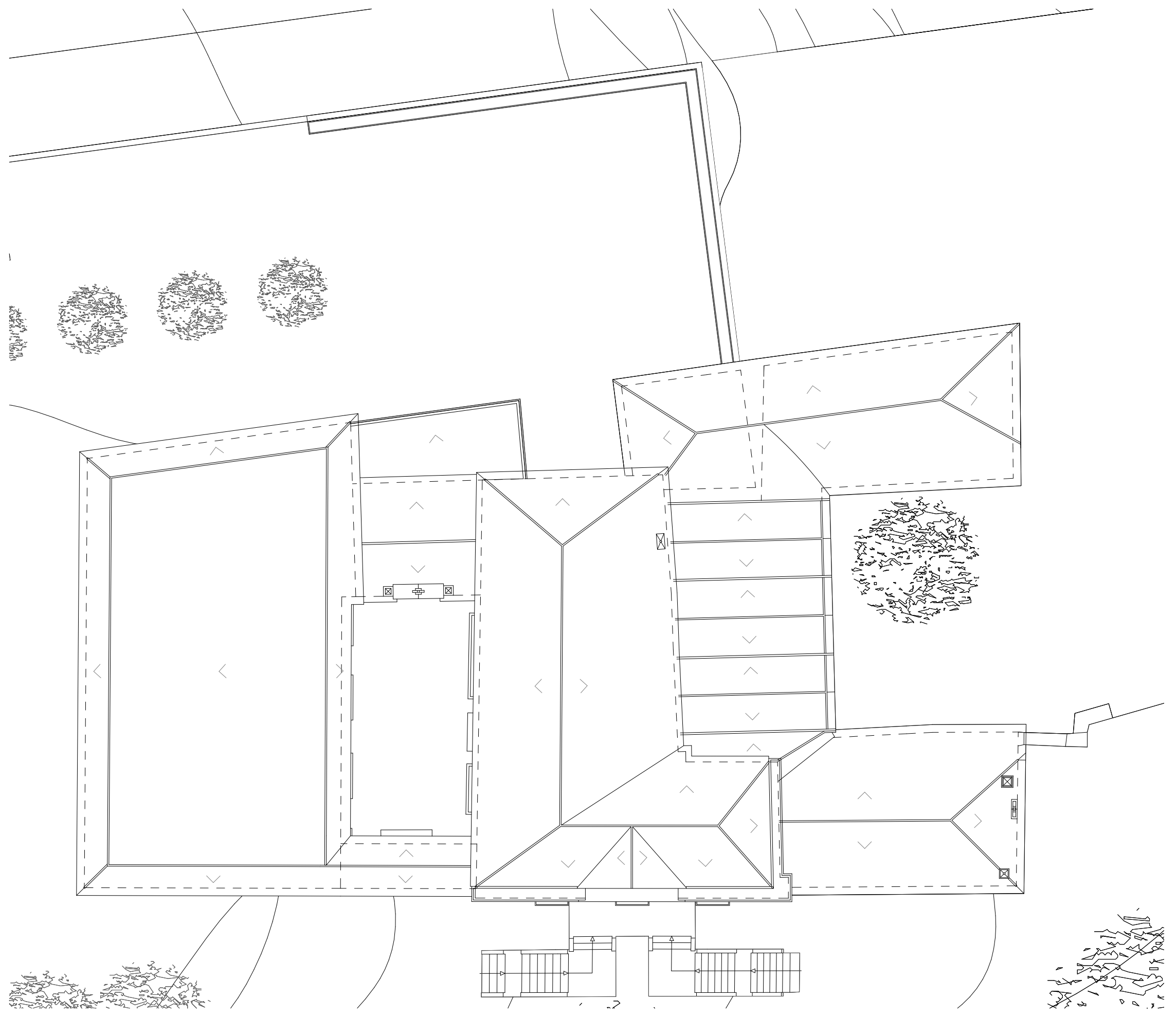


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Proposta

Planta de Cobertura

Escala 1:200

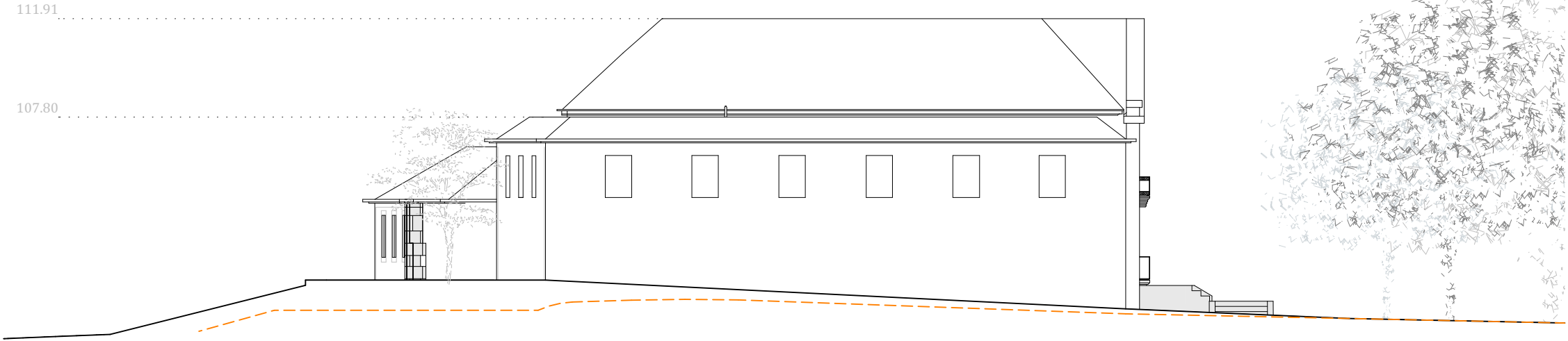
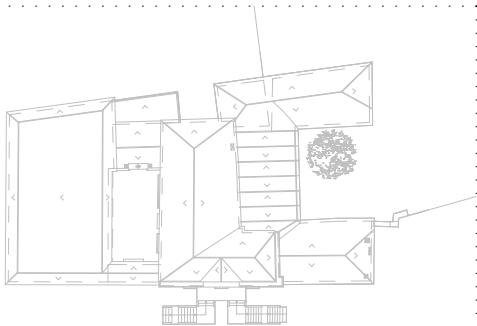


Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Proposta

Alçados Norte e Sul

Escala 1:200



Alçado Norte



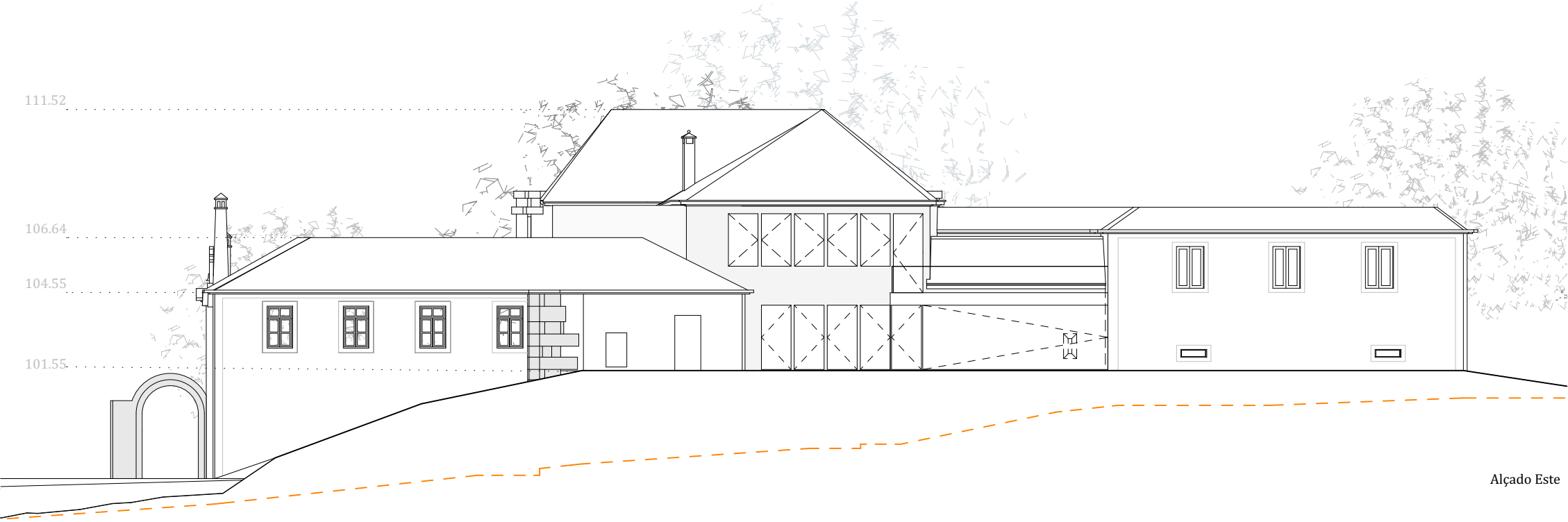
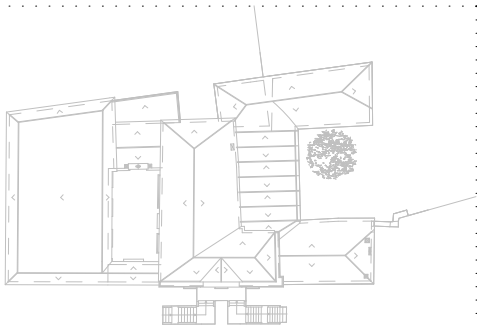
Alçado Sul

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Proposta

Alçados Este e Oeste

Escala 1:200



Alçado Este



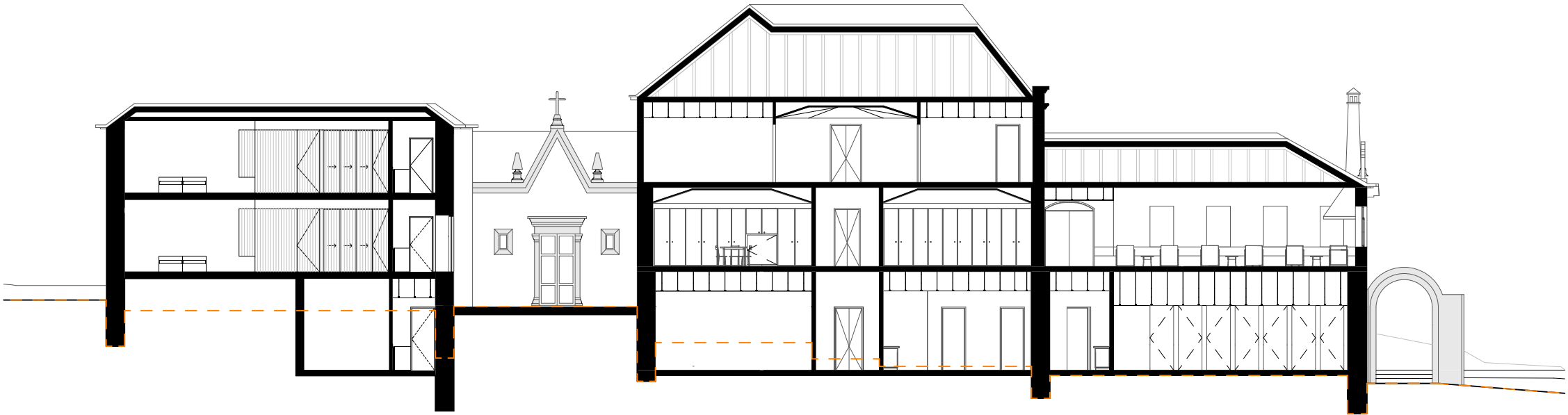
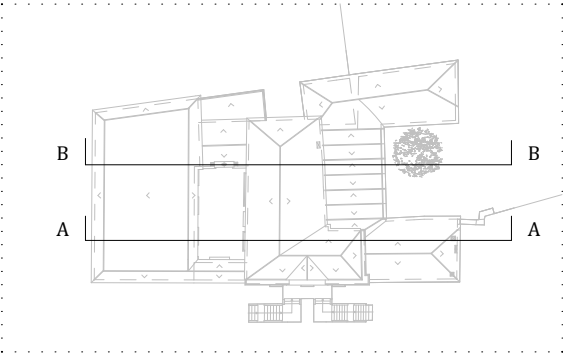
Alçado Oeste

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

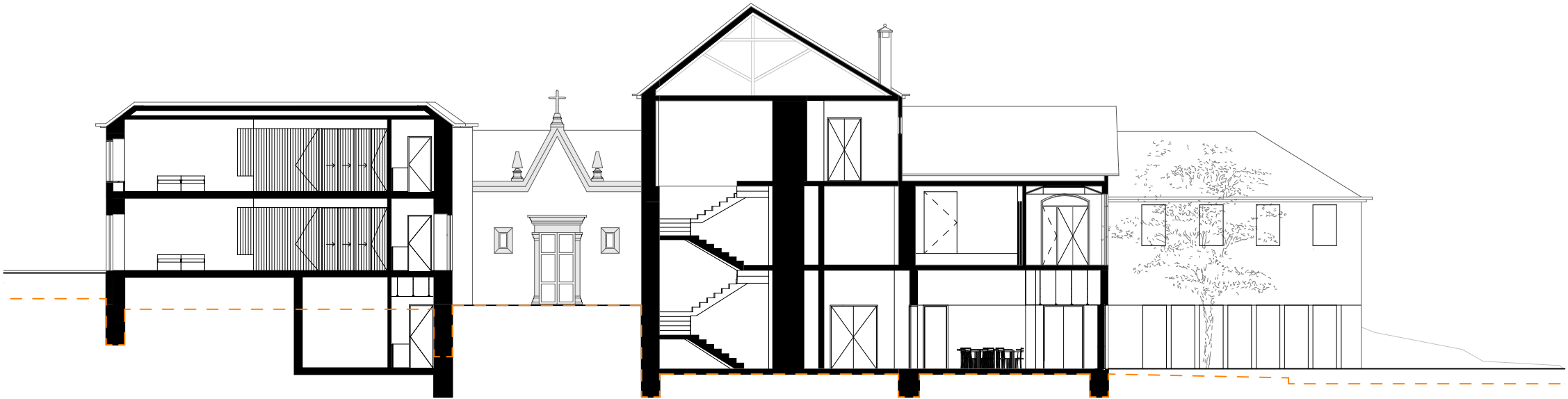
Proposta

Corte A e B

Escala 1:200



Corte A



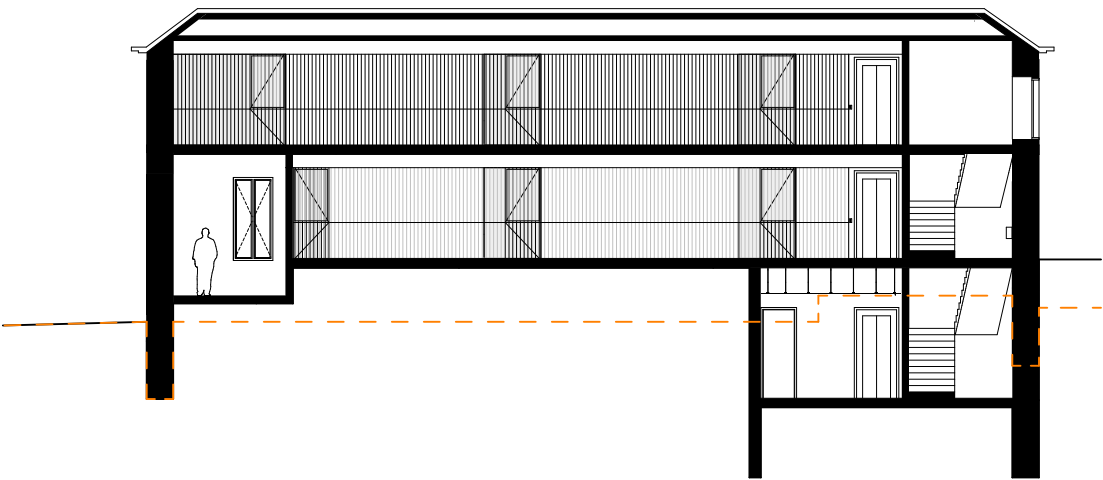
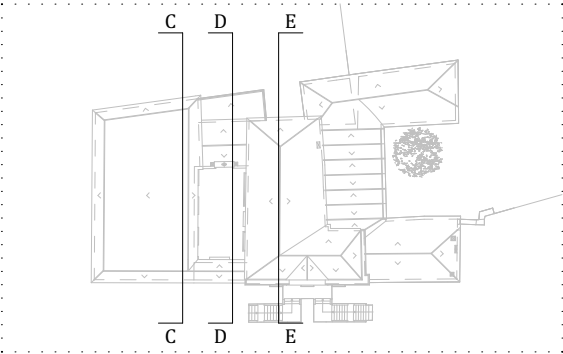
Corte B

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

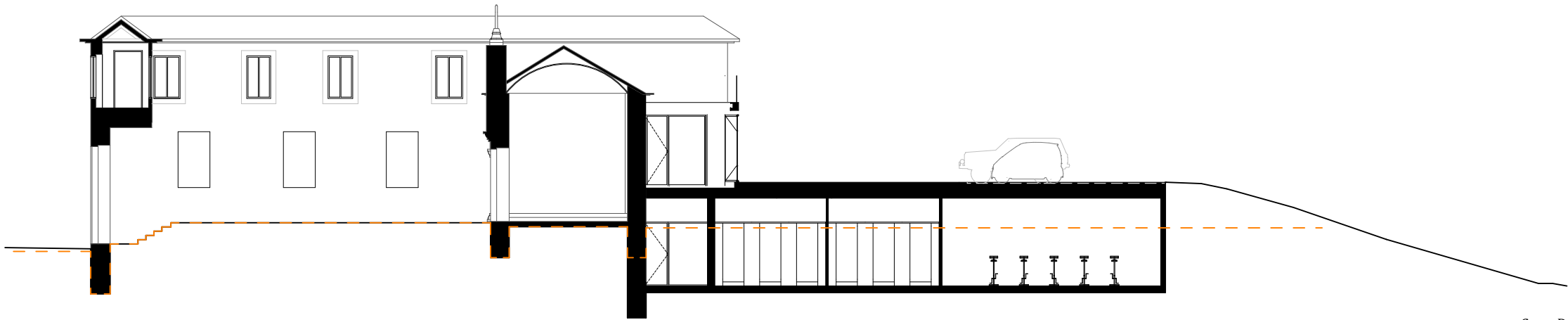
Proposta

Corte C, D e E

Escala 1:200



Corte C



Corte D



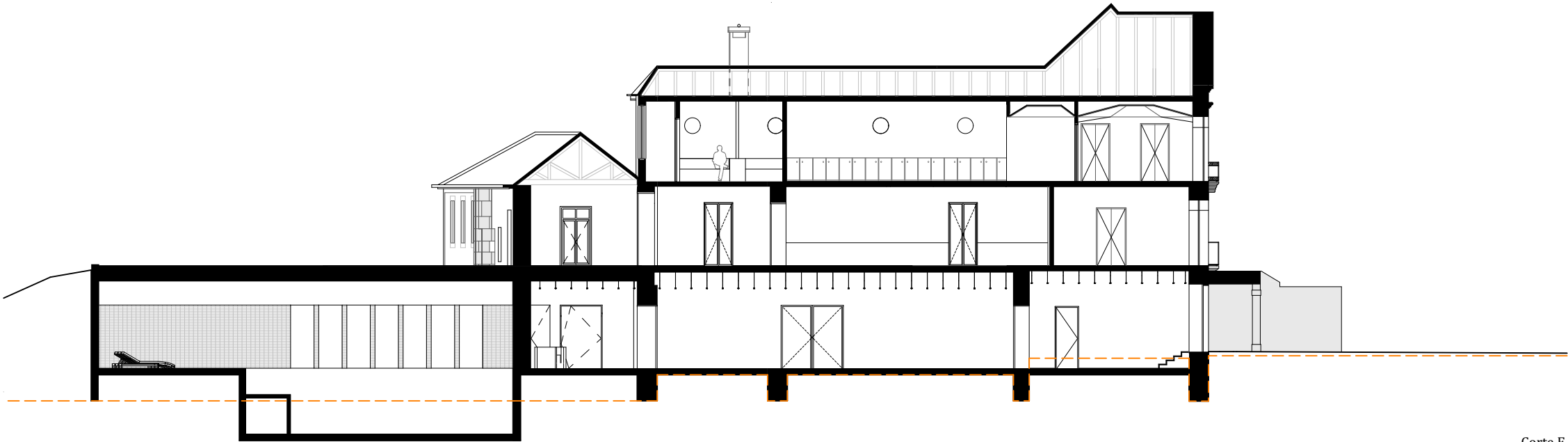
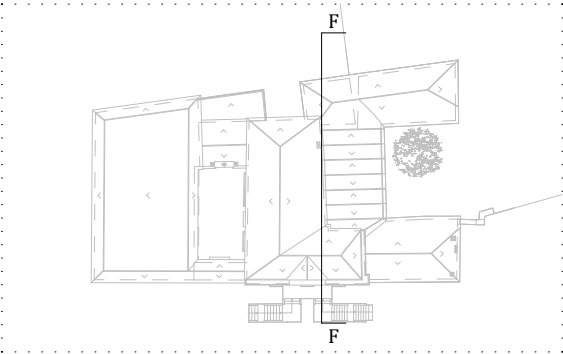
Corte E

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Proposta

Corte F e G

Escala 1:200



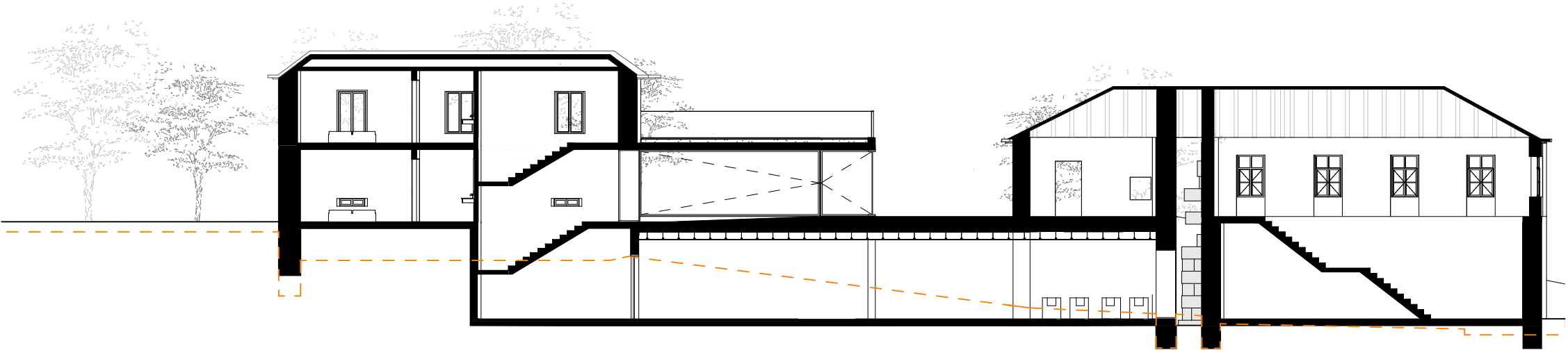
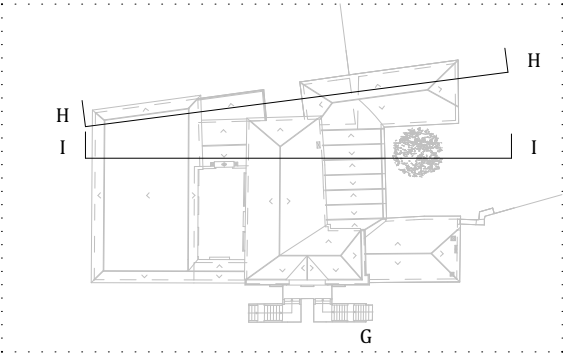
Corte F

Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços

Proposta

Corte H, I

Escala 1:200



Corte H

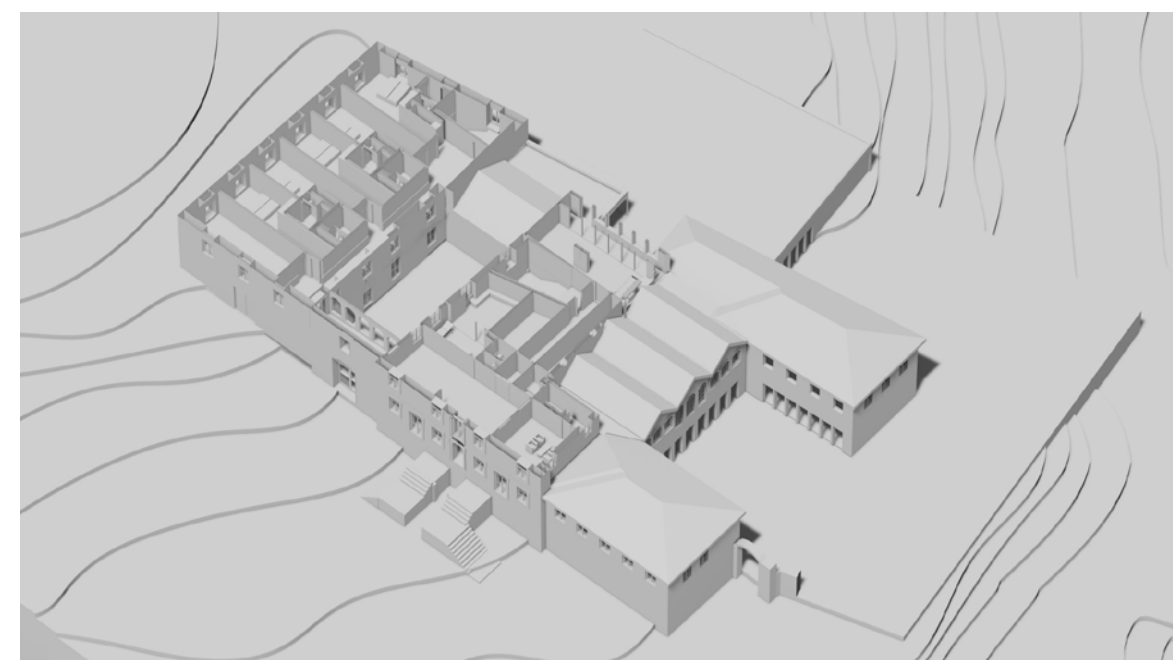
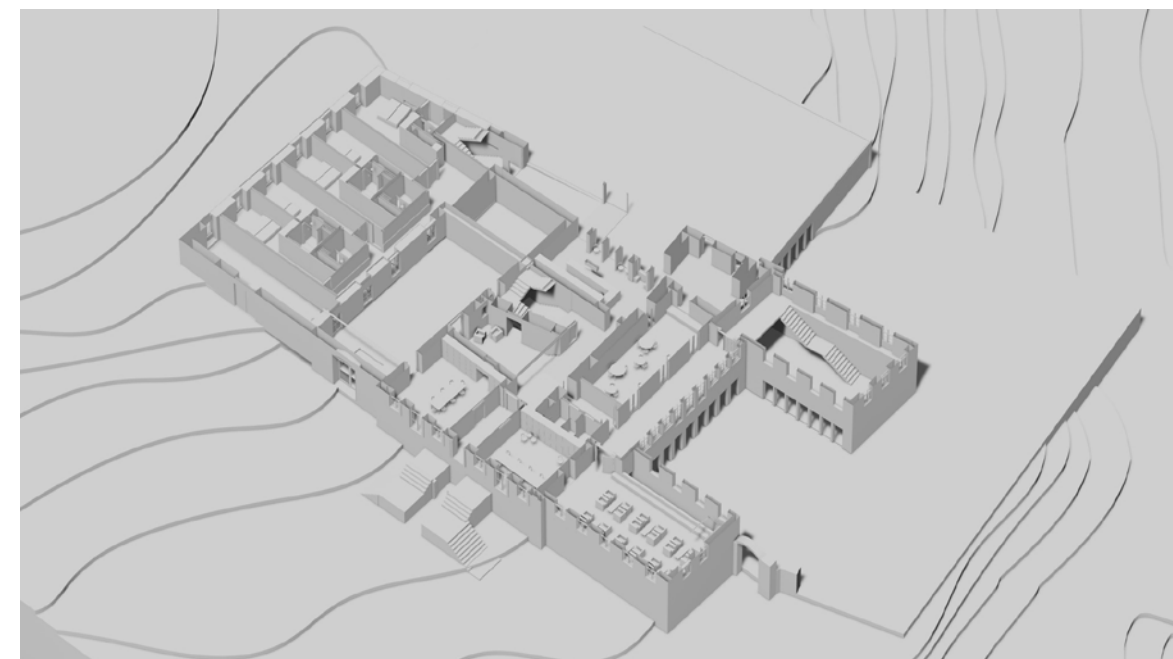
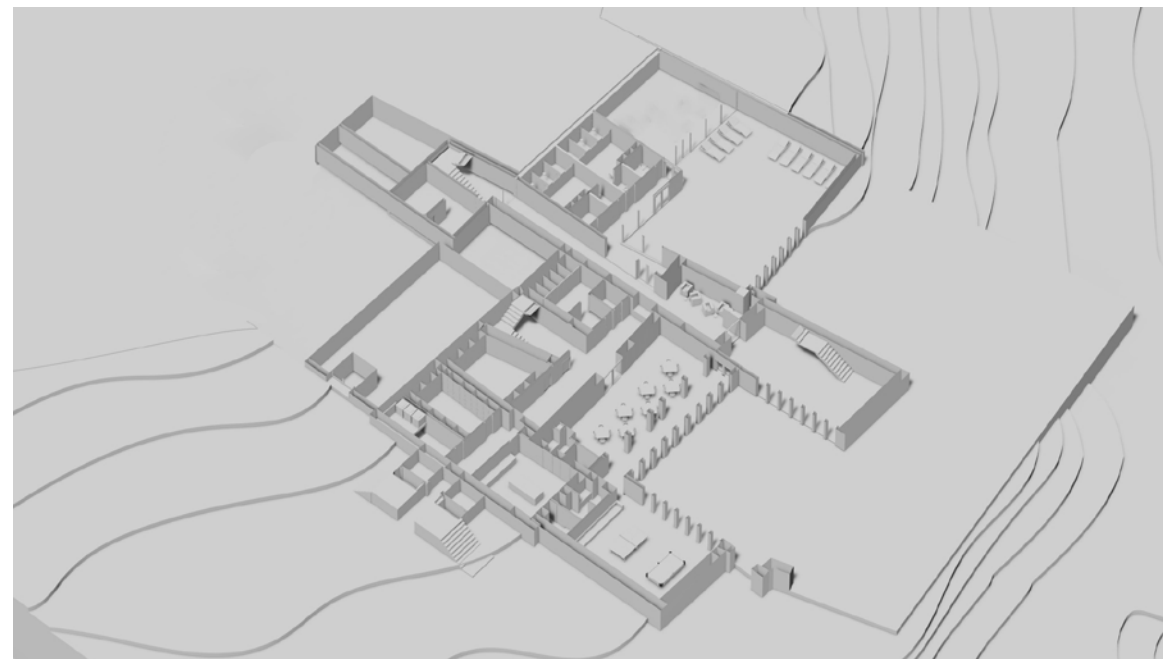


Corte I

Projeto de Reabilitação da Casa da Quinta dos Carvalhiços

Fotografias do Modelo 3D

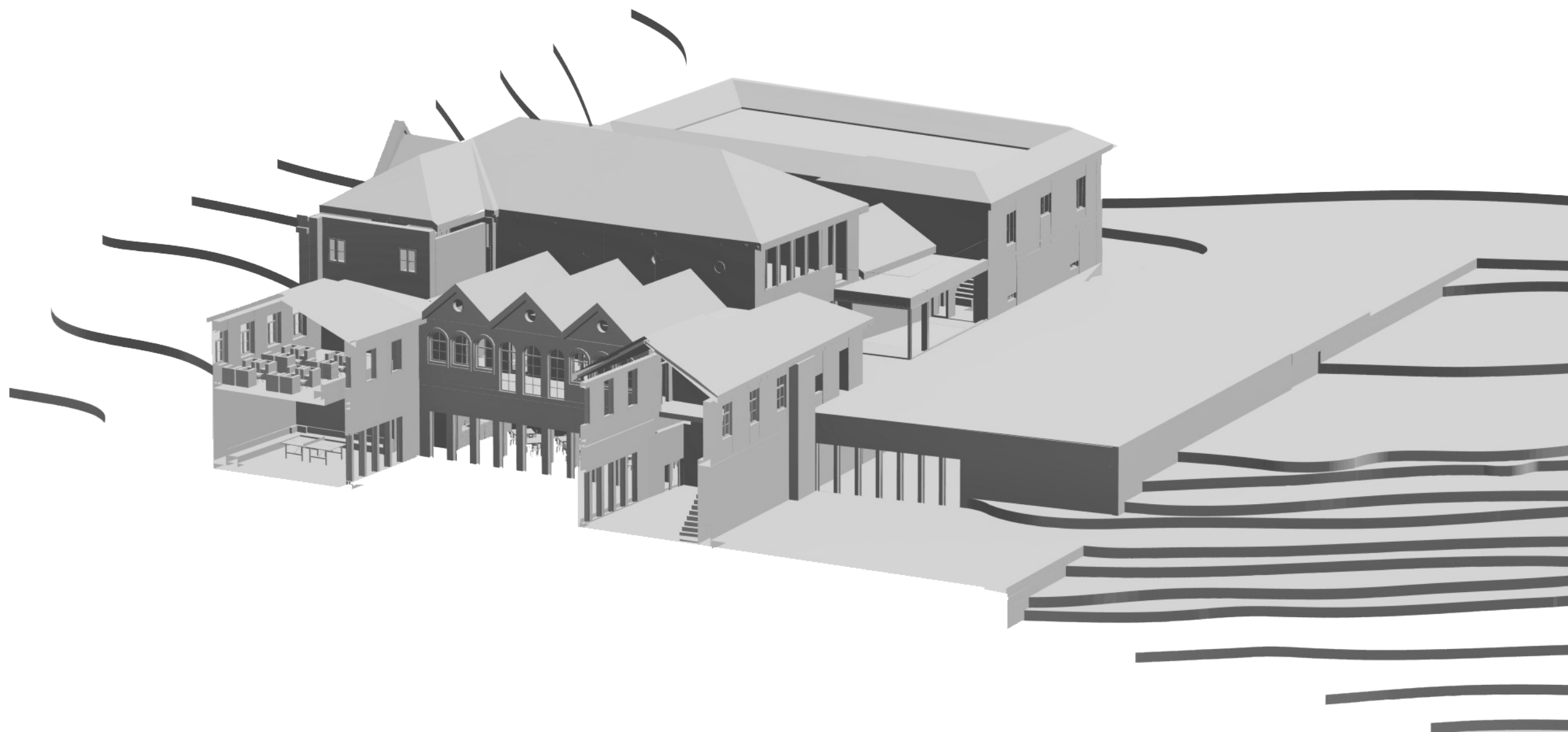
Planta Piso -1, Piso 0 e Piso 1



**Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços**

Fotografias do Modelo 3D

Secções Perspéticas



**Projeto de Reabilitação da Casa da
Quinta dos Carvalhiços**

Fotografias do Modelo 3D

Secções Perspéticas

